

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Lais Nae Yamaguchi Ferreira

**CAPACIDADE NEGATIVA**

A importância do não saber, da espera e do mistério em psicanálise

Mestrado em Psicologia Clínica

SÃO PAULO

2024

LAIS NAE YAMAGUCHI FERREIRA

**CAPACIDADE NEGATIVA**

A importância do não saber, da espera e do mistério em psicanálise

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Núcleo de Método Psicanalítico e Formações da Cultura, para obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica.

Área de concentração: Tratamento e prevenção

Orientador: Luís Cláudio Mendonça Figueiredo.

SÃO PAULO

2024

FERREIRA, L. N. Y. 2024. **A capacidade negativa:** a importância do não saber, da espera e do mistério em psicanálise. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

**Aprovado em:** \_\_\_\_\_

**Banca examinadora**

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luís Cláudio Mendonça Figueiredo  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Elisa Maria de Ulhôa Cintra  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Marina Ferreira da Rosa Ribeiro  
Universidade de São Paulo – USP

*Ao meu querido irmão mais velho, Pedro, que me ensinou que tudo muda, num instante comum.*

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) pela bolsa concedida.

Número do Processo: 444582/2020-7

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Luis Cláudio Figueiredo por orientar e sustentar, com delicadeza e muito cuidado, meu processo de elaboração e finalização deste mestrado. Sobretudo, por me encorajar e forjar em mim “o meu próprio jeito de escrever”. Agradeço também por todo o aprendizado nas aulas, que foram para mim uma verdadeira experiência estética, uma das mais belas transmissões da Psicanálise que já testemunhei.

À professora Dra. Elisa Cintra, por receber meu trabalho de qualificação como quem recebe um coração nas mãos. Agradeço os preciosos apontamentos e pelas aulas que me nortearam e me ensinaram a sentir com mais profundidade. E pela presença amorosa, sensível e sempre muito, muito generosa.

À professora Dra. Marina Ribeiro, por aceitar fazer parte da qualificação e da banca de defesa com suas ricas contribuições na construção das minhas ideias. Agradeço por retirar as “ervas daninhas” do caminho da minha escrita, que me auxiliaram a pensar com clareza.

Ao querido professor Dr. Tales Ab’Saber que, anos atrás, permitiu que eu sonhasse e essas primeiras ideias que aqui se desenvolveram. Agradeço profundamente pelos anos de aprendizado no Sedes Sapientiae e na clínica Aberta de Psicanálise na Casa do Povo que marcaram muito a minha formação clínica e teórica enquanto psicanalista.

Aos colegas do grupo de orientação pelas leituras e trocas sempre muito enriquecedoras, atentas e generosas: Adriana Gradin, Alexandre Piné, Carolina Paixão, Felipe Santiago, Heloísa Cubinhetz, Juliana Vernaschi, Ricardo Cavalcante, Rodrigo Mello e Thais Siqueira. Em especial, aos meus queridos Nozes Pecans: Bruno Gueldini, Celina Diaféria e Vanessa Chreim, por todo o acolhimento, risadas, almoços e encontros. A amizade de vocês deixou meu coração mais quente e fez dessa caminhada muito mais leve.

Ao meu grande amor Rodrigo Cyrino, um agradecimento muito especial pela sua paciência, pela companhia e por ser tão parceiro em tempos tão desafiadores. Pela sua presença serena, seu sorriso fácil e seu abraço acolhedor. Pela sua leitura cuidadosa e pelas ricas trocas neste trabalho. E, nos momentos difíceis, por levar embora a minha angústia com seu violão. Obrigada por me ensinar a sempre ver o belo e, com a sua própria vida e seu jeito de ser, me ensinar o que é, enfim, essa tal “capacidade negativa”.

Ao amigo Paulo Curi, meu querido Kitinho. Agradeço imensamente pelo seu ser e presença na minha vida. Sua amizade foi e é mais que fundamental nesta minha trajetória enquanto psicanalista. Obrigada por me ajudar a acreditar e a confiar em mim, me mostrando muito do que eu não podia ver. Muito obrigada!

À Camila Rennhard, uma grande amiga e um presente que ganhei neste tempo de mestrado. Agradeço pelas trocas sinceras, pela parceria, por todo apoio e pela sua presença agradável, sempre gentil e generosa.

Aos meus pais, minha profunda e eterna gratidão por me darem apoio e suporte, acompanhando de perto essa jornada. À minha mãe Alice, que com sua graciosidade, me ensinou desde pequena que, *o que é humano, não me é estranho*, me inspirando a olhar o outro com humanidade, com um gesto sempre generoso e amoroso.

Ao meu pai Paulo, por me ensinar a escutar e a observar de forma fina e atenta. Por me inspirar o senso de justiça, a tenacidade no trabalho e a esperança na vida. Agradeço por ter sido tão parceiro, sempre tão doce e cuidadoso comigo nesses anos de mestrado. E pelas alegres manhãs de domingo de natação, que me ajudaram a ter fôlego para chegar até a reta final!

Aos meus irmãos Ana, Caio, Manoela e Julia, meus grandes amigos, que sorte e que alegria de tê-los na minha vida!

Agradeço a minha tia Janet por todo apoio que me deu durante muito anos, viabilizando de forma muito generosa muito dos meus sonhos e desejos.

À minha querida e amiga parceira, Ana Carolina Gil, a quem agradeço pela amizade, pela ternura e pela parceria dos momentos difíceis que passamos juntas.

À minha amiga e amada Liege Ricci, que, apesar da distância, se faz sempre presente de forma amorosa na minha vida.

Ao meu querido analista que me permitiu tantas transformações e a fiação de tantas emoções e pensamentos.

E por fim, a todos os pacientes que me ensinaram e me tornaram a psicanalista que sou.

## RESUMO

Qual a importância da capacidade negativa na prática clínica atual na psicanálise? Cunhado pelo psicanalista Wilfred Bion, a partir da inspiração de uma carta do poeta John Keats, esse conceito se relaciona com a capacidade do analista em lidar com o não saber, as incertezas e mistérios. O interesse por esta pesquisa surge da observação dos sintomas contemporâneos, nos quais predominam o excesso, a rapidez, o desempenho e a saturação: seja de informação, de saber, de fazer. Esta é uma pesquisa teórico-clínica e, a partir do caso clínico apresentado, foram exploradas diferentes dimensões e o manejo clínico à luz da capacidade negativa.

**Palavras-chave:** capacidade negativa; mente do analista; mistério.

## **ABSTRACT**

How important is negative capacity in current clinical practice in psychoanalysis? Coined by psychoanalyst Wilfred Bion based on inspiration from a letter by the poet John Keats, this concept relates to the analyst's ability to deal with not knowing, uncertainties and mysteries. The interest in this research arises as a result of the observation of contemporary symptoms, in which excess, speed, performance and saturation predominate: whether of information, of knowing, of doing. This is a theoretical-clinical research and, based on the clinical case presented, different dimensions and clinical management were explored in light of negative capacity.

**Keywords:** negative capacity; analyst's mind; mystery.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>1</b>
1.1 O interesse pelo tema	1
1.2 As veredas dos interesses e organização da dissertação	3
<b>Capítulo 1 – Campo Estético, Psicanálise e o Poeta Keats</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo 2 - O Tempo, a Paciência e o Repouso</b>	<b>17</b>
2.1 O Tempo	17
2.2 A paciência	20
2.3 O repouso	23
<b>Capítulo 3 - Freud, Bion e os Estados de Mente</b>	<b>28</b>
3.1 Atenção uniformemente flutuante	28
3.2 Sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia	34
3.3 O ponto escuro e Atos de fé	38
<b>Capítulo 4 – A Capacidade Negativa e Suas Torções</b>	<b>44</b>
4.1 O surgimento helicoidal da capacidade negativa em Bion	44
4.2 A Linguagem de Alcance	47
4.3 O Princípio da Incerteza	50
<b>Capítulo 5 - Capacidade Negativa e a sua Metapsicologia</b>	<b>55</b>
5.1 Para conhecer a verdade é preciso pensar: a teoria do pensar em Bion	55
5.2 A teoria do Pensar	56
5.3 O negativo em Bion	59
<b>Capítulo 6 - Caso Clínico</b>	<b>64</b>
6.1 Sob o vértice da continência	71
6.2 Sob o vértice do confronto e da frustração	74
6.3 Sob o vértice da ausência	76
<b>Considerações finais</b>	<b>79</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>82</b>

Esta pesquisa possui vinculação com o projeto institucional intitulado “Desafios na saúde mental: sustentabilidade e subjetividade no mundo contemporâneo” (Processo no. 130143/2022-7), que está inserido nas linhas de pesquisa: Fundamentos da Psicologia Clínica, Orientações Contemporâneas na Psicologia Clínica e Contextos Histórico e Cultural da Psicologia Clínica. O projeto articula-se com as ideias de Bassani (2019), que reflete sobre a clínica psicológica, sugerindo que esta é um lugar de encontro de saberes plurais e que, tendo em vista as mudanças sociais e os avanços de conhecimento na contemporaneidade, deve propor o desenvolvimento de um olhar investigativo e estudo das questões relacionadas ao meio ambiente, bem como aos problemas humano-ambientais, uma vez que é intimamente atravessada por esses acontecimentos.

O Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP assumiu o compromisso com o desenvolvimento sustentável proposto pela ONU, de acordo com as propostas da Agenda 2030 e os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Um desses objetivos é analisar as possibilidades de sustentação subjetiva mediante desafios do mundo contemporâneo, buscando diretrizes de manejo, segundo as diferentes linhagens teóricas da psicanálise articuladas com as clínicas correspondentes. Ademais, propõe o aprofundamento da análise e do entendimento das problemáticas psíquicas na contemporaneidade, assim como a avaliação das formas possíveis de sustentabilidade subjetiva e propõe estratégias de manejo.

Tendo isso em vista, o presente projeto visa estudar a importância da noção da capacidade negativa na mente do analista e sua importância para o manejo clínico de pacientes contemplando os objetivos propostos acima.

## 1. Introdução

### 1.1 O interesse pelo tema

Certa vez, minha analista compartilhou comigo uma frase que ecoa até hoje em minha mente: “Ninguém atravessa um mar sem deixar muitas coisas para trás”. Essa singela observação me fez refletir sobre as memórias e histórias dos meus avós okinawanos, interrompidas pelo processo migratório em 1955, quando deixaram a ilha de Okinawa rumo ao Brasil, em busca de uma vida melhor, em terras férteis e cultiváveis.

Durante essa jornada, deixaram para trás a terra natal, muitos membros da família, amigos e costumes, incluindo a oportunidade de cultivar a arte e outros aspectos da cultura. Aspectos subjetivos foram deixados de lado diante da dura realidade dos imigrantes, que enfrentaram a urgência implacável da sobrevivência. Essa condição muitas vezes impediu que elaborassem o que foi deixado.

Junto ao meu pai, minha mãe extraiu muitos frutos da abundância desse solo fértil; entretanto, ao casar-se, fez uma ruptura com a cultura okinawana, já que era um interdito em sua família casar-se com ocidental. Apesar da dupla ruptura com a cultura oriental, sinto que aspectos dela me foram transmitidos por uma comunicação não verbal (meus avós faleceram sem falar o português), que insistem e resistem em mim e, de certa forma, impelem-me a querer conhecê-los mais e até mesmo, em certa medida, resgatá-los. Sinto que há uma “subjetividade encapsulada”, tal como o broto de uma árvore que contém a potência dela. *Nae*, meu nome japonês, significa broto. Também era o nome de minha avó, de minha *obatchan*. Eis um enigma: que potência é essa que me foi transmitida e que ainda se encontra em forma de latência? Não sei, mas *algo* em mim quer adentrar um solo, fazer conexões com as raízes e desenvolver-se.

Creio que, tomando emprestado um termo da fenomenologia, seja algo da natureza de uma *noese*<sup>1</sup>, ou seja, de um aspecto subjetivo da vivência, uma forma de apreensão do objeto, que ainda não recebeu uma forma verbal ou representação. Sinto que há uma *noese* que herdei da cultura oriental que compõe o meu pensamento e a minha forma de pensar.

Para tentar ilustrar, tomo como exemplo como minha mãe e minhas tias cuidam de seus jardins. Aprendi observando atentamente como elas se relacionam com o cultivo de suas

---

<sup>1</sup> Noese, segundo o dicionário Houaiss, significa compreensão imediata, habilidade de sentir, perceber ou saber algo imediatamente, contrastando com dianoia, o pensar discursivo

plantas, especialmente a flor-de-maio. Uma bela flor de pétalas rosa contornadas e brancas no centro. Cuidam com diligência, utilizam lupas e olham com precisão as ervas daninhas. Buscam o melhor ângulo de luz para posicioná-las e colocam uma quantidade boa o suficiente de água para regá-las. Ficam à espera do florescimento. Não aceleram o seu processo. Aguardam. Eis que, de repente, há um espanto com o surgimento dos primeiros botões. Uma vida brotando aqui, outra acolá. Apontam com seus delicados dedinhos mindinhos para mostrar a precisão da delicadeza do pequeno botão, prenhe de vida. Aguardam. Demoram-se no silêncio. Observam. Acompanham, dia após dia, o desabrochar da flor, contemplando os seus diferentes matizes de cores, formas e texturas. A flor, em sua generosidade, traduz esse cuidado em rosa novo, em vida, em força e em graça.

Minha mãe e minhas tias fazem isso todos os anos. Revivem esse mesmo fato como se fosse a primeira vez. Contudo, há anos em que, por algum motivo, as flores não aparecem, mas elas seguem regando e cuidando, lidando com tais imperfeições e impermanências. Acompanham uma certa processualidade, sustentando uma continuidade e a transitoriedade, no cuidado da vida acontecendo. Utilizando o neologismo de Guimarães Rosa (1962[1978]), essas mulheres que me inspiram são verdadeiras *enxadaxins*: grandes guerreiras da pequena terra, que lutam insistentemente pela possibilidade de cultivar continuamente a beleza e a simplicidade no cuidado de seus jardins com um certo despojamento, apreciando o mistério ao sabor do tempo.

O fato de não ter havido comunicação verbal com meus avós permitiu que eu apreendesse certos comportamentos, fenômenos e ensinamentos observando-os no meu cotidiano. Portanto, acredito que os traços, interesses e formas de compreensão, aos quais me referi, fazem parte dessa *noese*. São tipos de disposições mentais e atitudes que reconheço como muito valiosas; regadas de diferentes formas de contemplação.

Sinto que o interesse pela cultura oriental foi se aprofundando ao longo dos anos com a minha jornada pessoal, especialmente através da minha prática de meditação e de *Tai Chi Chuan*. Até que um dia, em 2013, um psicanalista muito estudioso das obras de Bion me apresentou um livro muito especial, uma verdadeira pérola, intitulado "A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen". O livro trata da trajetória de Eugen Herrigel (1884-1955), professor e filósofo alemão, em sua busca pelo *kyudo*, uma arte milenar oriental, a arte do arco e flecha. Ao longo desse processo de aprendizado, Herrigel adentra a compreensão do espírito da arte japonesa ao despir-se um tanto de sua mente especulativa e cheia de desejos. Ele conclui que as dificuldades que encontrou pelo caminho foram decorrentes de seu impulso em racionalizar

demais sobre o que deveria ser apreendido pelos sentidos. Li e reli esse livro diversas vezes. Tocou-me especialmente esta frase:

Isso tudo depende de que, esquecidos por completo de nós mesmos e livres de toda intenção, nos adaptemos ao acontecer: a execução de algo exterior desenvolve-se com toda a espontaneidade, prescindindo da reflexão controladora (Eugen, 1995 [1953], p. 50).

Ali, pude vislumbrar, pela primeira vez, a harmonização de dois grandes interesses: a Psicanálise e seus estados de mente e meus interesses sobre a cultura oriental.

## **1.2 As veredas dos interesses e organização da dissertação**

As primeiras sementes de pensamentos sobre esta dissertação começaram a brotar em 2018, durante o meu primeiro ano de formação em Psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae. Na época, participei de dois seminários que foram fundamentais para as minhas primeiras compreensões da técnica psicanalítica. Em um deles, no qual estudei as recomendações técnicas em psicanálise, explorei e me maravilhei com essas diversas nuances dos estados de mente, importantes para a prática clínica: a atenção flutuante, a associação livre e a auto-observação.

Simultaneamente, em outro seminário, imersa na leitura de *A Interpretação dos Sonhos* (1900), deparei-me com a majestosa “Via Régia” para o inconsciente. Contemplei as sepulturas etruscas, as formações inconscientes, sinuosas imagens oníricas, os deslocamentos e condensações. Que maravilhoso mundo informe! Explorei os territórios do inconsciente e me encantei com os mistérios que estavam entre, através e além de toda complexidade do pensar. No final do curso, escrevi uma monografia que explorou justamente estados ‘informes de mente’, que remetiam a uma suspensão da mente especulativa e lógica e norteavam o acesso ao inconsciente, guardando uma importante relação com a espera e com o mistério.

Os anos se passaram e, ao longo do meu percurso na clínica, em seminários e supervisões, percebi que tais estados informes, de suspensão do saber, da relação com a espera e com o mistério estavam, a meu ver, cada vez mais ameaçados devido à dinâmica das tecnologias digitais, à qual estamos frequentemente expostos. Nela, predominam a velocidade, o excesso de informação e a hiperatividade.

O próprio analista, naturalmente, tampouco está imune a esses efeitos observados na clínica contemporânea, visto que está igualmente exposto a essas novas dinâmicas. Nesse sentido, penso que precisamos não apenas buscar novas compreensões de manejo clínico, mas

também resgatar princípios técnicos fundamentais na prática psicanalítica, que apontam para um cuidado, cultivo e proteção da mente do analista.

Dentro desse contexto e ao longo do meu percurso de estudos, encontrei uma ferramenta conceitual valiosa: a capacidade negativa. Proposta por Wilfred Bion (1970) a partir da inspiração que o autor teve ao ler uma carta do poeta inglês John Keats, esse conceito se refere à habilidade de lidar com incertezas, mistérios e meias verdades. Ela visa cultivar na mente espaços de insaturação, ou seja, a possibilidade de sustentar a dúvida, o não saber, a espera e o mistério na prática psicanalítica. Embora esse conceito apareça de forma breve e no final da obra de Bion, ele resplandece a maturidade das ideias do psicanalista inglês.

Tendo em vista suas poucas aparições na obra de Bion, exploraremos sua fecundidade, explorando a vasta arborização de ideias que a capacidade negativa permite e ainda carece, a fim de explorar sua rica potencialidade semântica. Nosso objetivo é resgatar a importância da capacidade negativa, devolvendo seu viço e contribuição para a clínica psicanalítica.

A despeito de a capacidade negativa ter ganhado contornos conceituais nos trabalhos de Bion, é possível identificar sua prática já em Freud em alguns momentos de sua obra. Em uma carta a Fliess, em 6 de agosto de 1899, após ter escrito o primeiro capítulo de *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud descreve a arquitetura de seu texto através de um passeio, por onde podemos pensar, metaforicamente, uma pesquisa em psicanálise.

Ele parte de uma floresta escura, onde se está “irremediavelmente perdido”, mas caminha, ainda que de forma errática, a esmo. Até que um sonho surge: desvelando e despindo o próprio pesquisador, mas sobretudo, indicando caminhos. Suas formações inconscientes abrem uma clareira, um horizonte, transportando-o para outro relevo psíquico, a partir de onde ele abre outras possibilidades de pensamento. Ele diz:

A coisa está planejada segundo o modelo de um passeio imaginário. No começo, a floresta escura dos autores (que não enxergam as árvores), irremediavelmente perdidos nas trilhas erradas. Depois, uma trilha oculta pela qual conduzo o leitor — meu sonho exemplar, com suas peculiaridades, pormenores, indiscrições e piadas de mau gosto — e então, de repente, o planalto com seu panorama e a pergunta: em que direção você quer ir agora? (Masson, 1986, p. 366)

Em outro momento, Freud, em uma carta a Wilhelm Fliess em 7 de julho de 1898, escreve: “Segue completamente os ditames do inconsciente, segundo o célebre princípio de Itzig, o viajante dominical: ‘– Itzig, para onde você vai? – E eu sei? Pergunte ao cavalo’. Não iniciei um só parágrafo sabendo onde ele iria terminar” (Masson, 1986, p. 320).

Vejam os que Freud, imerso em um não saber, movido e entregue a seu inconsciente, escreve *sem saber* para onde vai. No outro momento, vemos que ele confia e, ainda que perdido, segue até que algo se desvela. Sob essa perspectiva da relação íntima com seus próprios pensamentos, é possível apontar que Freud se valeu de elementos próprios do que entendemos, a partir de Bion, como capacidade negativa. Não seria exagero, portanto, pontuar que, em Freud, se vislumbrava uma capacidade negativa *avant la lettre* e que ela foi fundamental no desenvolvimento da psicanálise.

Como esta é uma pesquisa teórico-clínica, ao final desta dissertação, apresentaremos um caso clínico que será discutido à luz da capacidade negativa. Trata-se de um caso muito desafiador, que exigiu intensamente minha capacidade negativa para que eu pudesse continuar analisando e pensando, apesar de toda a turbulência e ataques a que minha capacidade de pensar foi exposta.

Embora esta dissertação se apoie muito nas obras do psicanalista Wilfred Bion, que cunhou o conceito da capacidade negativa para o campo da psicanálise, este trabalho não se resume ao autor. Portanto, o leitor verá a exploração deste conceito através de outros autores também e de outros campos do conhecimento. Nosso principal eixo teórico foi o artigo do psicanalista italiano Giuseppe Civitarese (2019), *On Bion's Concepts of Negative Capability and Faith*. É importante frisar que recorri, pontualmente, a outros importantes autores tais como Luís Cláudio Figueiredo, Paulo César Sandler, James Grostein, Masud Kahn, Donald Winnicott, entre outros.

Além desta introdução, a estrutura desta dissertação será organizada em seis capítulos, e encerrada pelas considerações finais.

No primeiro capítulo, abriremos a dissertação apresentando a inspiração de Wilfred Bion dentro do campo estético. Faremos uma breve contextualização desse campo e, em seguida, um passeio pela poesia, na companhia dos poetas John Keats e William Wordsworth, que inspiraram Bion.

No segundo capítulo, iremos “arar a nossa terra”, apresentando os temas do tempo, da paciência e da espera, para semear, ao leitor, o conceito da capacidade negativa. Contaremos com o poeta Rainer Maria Rilke (1903[2009]) e seu livro *Cartas a um jovem poeta* e o ensaio de Masud Kahn (1977 [1989]), *On Laying Fallow*.

No terceiro capítulo exploraremos as raízes que se interligam com a capacidade negativa. Para isso, abordaremos três estados de mente: a “atenção uniformemente flutuante” em Freud, “sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia” e a “fé” de Bion.

O quarto capítulo se concentra nas “torções da capacidade negativa”, em que trataremos da Linguagem de Alcance e do Princípio da Incerteza. No quinto capítulo, focaremos na metapsicologia da capacidade negativa, explorando o tema da ausência, em a Teoria do Pensar (1962) de Bion.

Após termos percorrido todo o percurso na construção da compreensão da capacidade negativa, encerraremos este trabalho com a discussão do caso clínico, à luz do conceito, seguida pelas considerações finais.

## Capítulo 1 – Campo Estético, Psicanálise e o Poeta Keats

A afinidade de Bion com a poesia era profunda. Bion não apenas expressava seu amor pela poesia em palavras, mas também, segundo Sandler (2010), ele encorajava seus analisandos a recitarem poemas durante as sessões de análise, mesmo em línguas que ele não compreendia. Bion buscava refúgio nos poetas, pois afirmava que eles eram capazes de se comunicar de forma transcendente à sua. Segundo Sandler, essa era uma forma de comunicação que Bion desejava possuir, caso pudesse ou tivesse capacidade.

Considerando o profundo apreço de Bion pela poesia e pelos poetas, bem como a importância não apenas da poesia, mas de todo o campo estético na psicanálise, faremos um breve passeio sobre a relação entre o campo estético e a psicanálise. Em seguida, apresentaremos o poeta John Keats e sua carta, da qual Bion extraiu o conceito da capacidade negativa.

Meg Harris Williams (2018), psicanalista e artista plástica, aprofundou-se no campo da importância estética para a psicanálise, cujas bases foram estabelecidas de forma sólida pelo psicanalista Wilfred Bion. Em seu livro *O desenvolvimento estético: o espírito poético da psicanálise, ensaios sobre Bion, Meltzer e Keats*, a autora defende e descreve o espírito poético como sendo parte intrínseca do método psicanalítico. Ela concebe a psicanálise como objeto estético da seguinte forma: “Entendo isso como os poetas entendiam a poesia: como uma das muitas ‘formas divinas’, na qual a ‘ideia do belo’ torna-se manifesta” (Williams, 2018, p. 26).

Para a autora, a psicanálise insere-se num campo complexo, onde arte, afetos e ciência se encontram fortemente imbricados e no qual o objeto estético tem a função de colocar em marcha o trabalho psíquico, a imaginação e os sonhos. A estética ganha seu estatuto de importância para a psicanálise na medida em que se liga inextricavelmente à ética e permite nosso conhecimento íntimo relativo aos valores, tais como a beleza, sabedoria e o conhecimento que, como para o poeta John Keats, são inseparáveis, tal como veremos adiante.

Segundo Williams (2018), o estudo da estética surge como uma forma de apropriação de conhecimento no final do século XVIII. Essa forma de conhecimento tem origem nos pensadores gregos e está fundamentada em uma consciência baseada nos sentidos, ou seja, no conhecimento original e primordial, alcançado a partir da primeira percepção de beleza, e não estritamente a partir de métodos cognitivos puramente racionais ou analíticos. A autora, por meio da estética, remonta às raízes científicas e/ou artísticas da psicanálise e ao seu dualismo

central, contrapondo o mensurável ao inefável, a análise à síntese, a razão à intuição, a forma discursiva à forma apresentativa, o consciente ao inconsciente.

Ela afirma que a importância do campo da estética passou a ser reconhecida na psicanálise a partir de Wilfred Bion, que buscou melhorar suas ferramentas observacionais para perceber, aprender e assimilar o conhecimento possível à nossa mente. Vejamos:

Que equilíbrio razoável deveríamos alcançar entre um vértice científico, que se pretenda devotado à verdade dos fatos, e um vértice religioso, igualmente devotado à verdade? Da mesma forma, o artista sincero está também empenhado em representar a verdade. Se Vermeer pode pintar a ruazinha em Delft, e se as pessoas podem admirá-la, elas nunca mais enxergarão uma rua da mesma forma. O pintor causou uma transformação no indivíduo que o habilita a ver uma verdade que ele nunca imaginara (Bion, 1973 [2014], p. 62, tradução nossa).

No trecho acima, Bion sugere a ideia de que a experiência estética é capaz de proporcionar transformações no vínculo que o sujeito construiu com a realidade. Para o autor, a pintura, ao retratar/representar a verdade factual por meio de sua obra, permite que o outro vivencie a experiência estética, por meio da qual ele é capaz de admirar a verdade e viver uma transformação psíquica. O que foi retratado nunca mais será visto como o era anteriormente.

Assim como o artista, o psicanalista, através da experiência estética, pode alcançar a verdade e permitir transformações em sua mente. É possível afirmar que John Keats sugere algo próximo a essas ideias de Bion ao dizer: “Nunca me certifico de qualquer verdade a não ser a partir de uma clara percepção de sua Beleza” (Keats, 1970, p. 187, tradução nossa). Keats, ao final de sua carta, discorre sobre a importância da beleza como uma forma última de conhecimento, ou “consideração”, tal como ele afirma em seu poema, “Ode à urna Grega”<sup>2</sup>: “A beleza é a verdade, a verdade é a beleza/ É tudo o que sabeis na terra, e tudo o que deveis saber”.

O poeta, portanto, aproxima a ideia de verdade e beleza, como aproximação platônica, onde “o belo é o esplendor do verdadeiro”. Em carta a seu amigo Benjamin Bailey<sup>3</sup>, de fins de 1817, ele discorre de forma mais clara seus pensamentos: “Não tenho certeza de nada, exceto a santidade das afeições do Coração e a verdade da Imaginação. O que a imaginação apreende

<sup>2</sup> KEATS, J. 1969, p. 249 - *Ode on a Grecian Urn - Beauty is truth, truth is beauty, - this is all/ Ye know on earth, and all we need to know.* (tradução nossa)

<sup>3</sup> KEATS, J. 1969, p. 304 - *Letter to Benjamin Bailey* “I am certain of nothing but the holiness of the Heart’s affections and the truth of Imagination—What the imagination seizes as Beauty must be truth—whether it existed before or not—for I have the same Idea of all our Passions as of Love they are all in their sublime, creative of essential Beauty”. (tradução nossa)

como Beleza deve ser verdade – tenha isso existido antes ou não – pois tenho a mesma ideia de todas as nossas Paixões como do Amor: todas elas, em sua sublimidade, criam a Beleza essencial”.

No pensamento do poeta, as experiências estéticas são um caminho privilegiado para o encontro com a verdade, assim como, para Bion, a admiração de um quadro, ou seja, o vértice estético é capaz de transformar o vínculo com a realidade daquele que o observa. Porém, ao invés do pincel da mão, o analista, semelhante ao ofício de um artista, utiliza-se do seu estado mental de forma ‘insaturada’, tolerando as dúvidas, aberto, disponível. Como nas palavras de Williams:

Em momentos cruciais, diz Meltzer, o “poeta” se apossa do neurofisiologista, e o Freud clínico torna-se “um artista trabalhando” capaz de seguir o método e o paciente, sendo capaz de tolerar não entender o que estava acontecendo (Williams, 2018, p. 22).

Fiel a essa linha de pensamento, Williams (2018) acredita que os sofrimentos mentais advêm do fracasso emocional em manter o contato estético:

O princípio da beleza precisa ser restabelecido, deslocando a psicopatologia para as misteriosas complexidades da reciprocidade estética, que regula o desenvolvimento ético do indivíduo de uma forma análoga à inspiração poética. Esse é o espírito psicanalítico que Bion acredita que persistirá por centenas de anos (Williams, 2018, p. 17).

Como é possível perceber pelo trecho citado, a autora defende que essa busca pela reconexão com o sentido interior, ou seja, com a possibilidade de beleza, é alcançada não através da ação direta por parte do analista, mas por meio da facilitação do contato renovado com as raízes que alimentam a mente do método psicanalítico enquanto um objeto estético. Por acreditar no espírito poético psicanalítico enquanto algo que possa persistir por muito tempo, Bion alude ao caráter atemporal e universal que a experiência estética nos permite. Portanto, o objeto facilitaria essa busca pela reconexão com um sentido interior, como na poesia de Roland Harris: “O crescimento é o princípio da nossa beleza, lutando para falar do sentido interior das coisas” (Harris *apud* Williams, 2018, p. 16).

Iremos nos valer aqui de uma breve digressão, a fim de explicar a noção de beleza, que se repetirá muitas vezes no decorrer deste capítulo, para que assim o leitor nos acompanhe em nossa construção de ideias.

O psicanalista Roosevelt Cassorla, no Prefácio do livro “W. Bion, A obra complexa” (2014), faz uma aproximação da beleza com a busca da verdade, a partir do seguinte conto:

Conta-se que Einstein percorria seu laboratório quando um jovem discípulo o seguia, ansioso, para mostrar-lhe uma fórmula. De acordo com o jovem, esta fórmula resolveria um difícil problema. Einstein, estando muito ocupado, solicitava que o jovem esperasse um pouco. Mas, de forma inconveniente, esse insistia em ter sua atenção. Em determinado momento, cansado de assédio, Einstein interrompeu suas atividades e pediu que o jovem lhe mostrasse sua descoberta. Olhando rapidamente a fórmula, Einstein disse: “Está errada”. O jovem decepcionado, lhe perguntou: “Por quê?”. Ao que Einstein respondeu: “Porque é uma fórmula muito feia!” (Cassorla, 2014, p. 11).

A partir desse conto, o psicanalista explica uma das formas de aproximação com a verdade, que é através da beleza. O erro aparece através da feiura, da experiência emocional, fruto da vivência de Einstein, ao observar a fórmula do jovem apressado. Contudo, a partir da complexidade, Cassorla considera também a beleza da feiura, ou seja, a verdade da maldade, como, por exemplo, quando alguns sistemas políticos, religiosos e ideológicos totalitários também podem fazer sentido e coerência e são vivenciados como esteticamente belos, por serem altamente engenhosos em sua capacidade de desvitalizar ideias, abrindo-se o campo para a arrogância, a violência, o desprezo e a morte.

Assim também pode ser a psicanálise, quando transformada em um sistema de certezas, pois o psicanalista se defronta com “variáveis rebeldes” (Chuster, Soares, Trachtenberg, 2014) que não cabem em referenciais simples e relações causais, pois perdem a sua potencialidade e vitalidade. Por isso, justifica-se a importância da capacidade do analista de aprender a viver com a incerteza, incompletude, infabilidade e finitude, ou seja, com a capacidade negativa. Retornemos a Williams.

Para a autora, crescer emocionalmente é transformar-se, é ter a capacidade de sonhar, de dar forma, cor, palavra, imagens e até mesmo voz aos estratos mais profundos de nosso psiquismo na busca pelo sentido interior das coisas, da vida e de nós mesmos. Para tanto, os filmes, as artes plásticas, os romances e as poesias oferecem substrato para tais transformações. Williams explora também a relação entre a psicanálise e a literatura e descreve alguns funcionamentos mentais a partir dos aspectos do mundo interior dos personagens.

Nesse sentido, afirma que artistas e poetas, para superarem as restrições da linguagem racional e lógica, utilizam a linguagem metafórica para abordar a realidade psíquica e, assim, abarcar constelações emocionais e processos simbólicos do pensamento. Ao analisar suas obras, descreve como as personagens deixam entrever frestas que levam a habitações do

pensamento, permitindo a construção de imagens e símbolos para metaforizar nossa vida mental, recordando “o mundo da realidade”.

Bion (1985), em uma de suas cartas a seus filhos, escrita em seu livro *Todos os meus pecados relembrados*, adverte que todos nós, para suportarmos de forma solitária a carga do autoconhecimento, necessitamos de inspiração. E reconhece que os poetas funcionam como seios pensantes para nos ajudar a digerir as mudanças catastróficas intrínsecas ao crescimento mental (Bion, 1985, p. 179, tradução nossa).

Foi a partir de uma carta do poeta John Keats, funcionando como ‘seio pensante’, que Bion alimentou e expandiu sua mente e nos brindou com uma importante contribuição para a clínica psicanalítica, ao pensar sobre um vértice no qual o analista também pode se estabelecer, bem como para ajudar a digerir as mudanças catastróficas. Vejamos que o estilo de escrita de Bion reflete muito a sua forma de pensar, também e já influenciada pelo vértice poético.

Trata-se de algo característico do espírito brincalhão de Bion, valer-se de ambiguidades a fim de dar margem ao leitor tanto para perder-se na compreensão quanto para permanecer intrigado e incerto por algum tempo, até surgir o esclarecimento (Meltzer, 1998, p. 12).

Bion também a utilizou como um estilo de escrita para seus trabalhos teóricos em psicanálise, os quais, segundo Meltzer (1998), se apresentam de forma peculiar e ambígua, exigindo do leitor uma boa dose de tolerância para o não saber, para as incertezas e para o mistério, para assim, prosseguir nas leituras e na sua eventual compreensão.

Podemos ir concluindo nossas ideias até aqui ao refletir e nos intrigar sobre o “espírito bioniano”: uma forma peculiar e ambígua de pensar que nos exige uma boa dose de tolerância para a sensação de estarmos perdidos, de permanecer intrigados, com a dúvida e a incerteza e tolerar o desconhecido, confiando que algo surgirá.

Vimos que Bion buscava na poesia a inspiração e a transcendência do comum, aspirando alcançar a sensível “capacidade dos poetas” para seguir, tal como Freud, como um artista trabalhado, bem como para suportar a carga solitária e sofrida do autoconhecimento. Qual é esta capacidade que os poetas possuem? John Keats parece nos indicar uma direção.

Segundo o crítico literário americano Walter Jackson Bate (1979), John Keats nasceu em Londres em outubro de 1795 e faleceu de tuberculose em fevereiro de 1821, após cuidar de seu irmão Tom, de quem contraiu a doença. Faleceu precocemente aos 25 anos, da mesma doença da qual morrera sua mãe, quando Keats ainda era criança, e logo perdera seu pai, fato este que o levou a lidar com a morte desde muito cedo. Ele foi considerado uma das grandes

personalidades da segunda geração de poetas românticos e foi influenciado por grandes poetas, entre os quais William Wordsworth e Shakespeare.

Bate descreve o amadurecimento do poeta em seu percurso literário, desde quando abandonou os estudos de medicina para dedicar-se exclusivamente à poesia. Um passo importante desta trajetória é a ida de Keats à Ilha de Wight, onde se isola para escrever um longo poema chamado *Endymion*, que foi impiedosamente criticado. Ele, suportando sua grade frustração, não se deixa abater e segue escrevendo poemas incansavelmente, deixando alguns inacabados quando não os deseja mais. Segundo Bate, Keats possuía uma coragem de não recuar diante do que lhe era novo e seguiu escrevendo, imprimindo robustez em sua breve, mas intensa vida literária. Em seu epitáfio, está escrito “aqui jaz aquele cujo nome foi escrito em água”. Ele despede-se da vida tendo em vista sua mais alta compreensão, sua transitoriedade. Contudo, suas poesias marcaram seu nome e suas cartas ganharam estatuto de importância literária, muitas delas destinadas a seus dois irmãos, Tom e George, e a sua irmã Frances.

A primeira das cartas, a principal da nossa pesquisa, será apresentada adiante. É a carta em que ele cita o termo “capacidade negativa”, destinada a seus irmãos, Tom e George, em 1817:

Não tive uma disputa, mas uma discussão formal com Dilke, sobre diversos assuntos; várias coisas se ajustaram na minha mente, e de repente me ocorreu qual é a característica que entra na formação de **um Homem de Realizações** [*Man of Achievement*], especialmente em Literatura – e que Shakespeare possuía em tão alto grau. **Refiro-me à Capacidade Negativa** [*Negative Capability*], isto é, quando o homem é capaz de estar entre incertezas, mistérios, dúvidas, sem qualquer irritação que o faça sair em busca dos fatos e da razão... Esta busca pelos volumes seria talvez nos levar não mais a fundo do que isso, de que um grande poeta o senso de beleza ultrapassa qualquer outra consideração, ou oblitera todas as considerações. (Keats, 1969, p. 308, tradução e grifos nossos).

O poeta menciona as características de um “*Man of Achievement*”<sup>4</sup>, ou seja, o Homem de Alcance, que se refere a alguém capaz de estar em “capacidade negativa”, ou seja, com seus mistérios, dúvidas e incertezas, sem buscar por respostas de forma ansiosa, considerando Shakespeare como detentor do mais alto grau de tais capacidades. Porém, se prestarmos atenção na breve biografia de Keats, podemos identificar nele habilidades semelhantes, visto que ele viveu radicalmente sua vida literária quando foi morar sozinho na Ilha de Wight para

---

<sup>4</sup> A palavra *Achievement* foi comumente traduzida por Êxito nos textos psicanalíticos. Gostaria aqui de considerar outras possíveis traduções, sem, contudo, desconsiderar as já feitas. “Alcance” está ligado a ideia de conquista de algo pelo próprio esforço, de uma realização e logro. A palavra êxito nos remete a sucesso e performance, que remete ao sentido superegoico e que se afasta das reflexões que buscamos aqui.

escrever seus poemas; aprofundou-se neles (muitos deles são longos) e, sem medo de sucumbir, seguiu escrevendo apesar das críticas e frustrações, assim como teve a coragem de deixá-los inacabados.

Keats, tal como o bardo, sustentava um estado de mente que permitia perder-se, como, por exemplo, em “*Ode a Psyche*”<sup>5</sup>: “Hoje sonhei por certo; ou contemplei/Psique, a de asas, com os olhos despertos/Andei perdido, sem rumo pela floresta/ E, de repente, tomado de assombro, desfaleci/ Ao ver duas belas criaturas, lado a lado repousadas/Na mais funda relva/ sob o teto que sussurra/ De folhas e flores trêmulas, onde mal se via/Um pequeno riacho a correr”.

O poeta, dessa forma, nos convida a entrever uma certa cena, a nos perder em uma região nebulosa, imprecisa, sem contornos, perdidos... e de repente, somos tomados por um ‘assombro’, espantados! É quase como um convite à experiência onírica e certamente, à imaginação, tão cara ao Romantismo.

Donald C. Goellnicht (1976), autor do *The Poet-Physician: Keats and Medical Science*, supõe que Keats (tendo sido estudante de medicina) tenha retirado o termo “capacidade negativa” da química e sugere que sua origem seja do campo da elétrica, onde a energia flui do polo positivo para o polo negativo, onde o positivo transmite eletricidade, e o negativo a recebe. Apesar de o termo “capacidade” aludir a uma competência e aptidão, Goellnicht alega que o termo remete a uma possibilidade, um potencial, algo que não está pronto, fechado ou acabado, ou seja, algo que se aproxima mais de um “treino”.

A ideia de treino valoriza o movimento de estar à deriva, receptivo, permeável, expectante, que por sua vez, remete à ideia de espera e passividade. Esta ideia é explorada em outras cartas de Keats, em que ele cita a flor e a abelha, o receptor e o doador. Vejamos na carta de Keats para J. H. Reynolds, datada de 19 de fevereiro de 1818:

Não vamos, portanto, nos apressar e colher mel como abelhas, zumbindo aqui e ali impacientemente com o conhecimento do que se deve alcançar: Mas vamos abrir nossas folhas como uma flor e ser passivos e receptivos – brotando pacientemente sob o olhar de Apolo e recebendo dicas de cada nobre inseto que nos brinda com uma visita (Keats, 1969, p. 313, tradução nossa).

---

<sup>5</sup> KEATS, J., 1969, p. 241: “- Ode to Psyche - Surely i dreamt today, did I see/The winged Psyche with awaken’d eyes?/I wander’d in a forest thoughtlessly And, on the sudden, fainting with surprise/ Saw two fair creatures, couched side by side In deepest grass, beneath the whisp’ring roof/Of leaves and trembled blossoms, where there ran/A brooklet, scarce espied”.

Aqui, Keats imprime a ideia de receptividade, de estar aberto e à espera do conhecimento, ao invés de ir, impacientemente, em busca da razão, apressado, “aqui e ali”. Ele sugere que o conhecimento deva brotar sob o equilíbrio, a beleza e a harmonia, ou seja, sob virtudes apolíneas. Keats, ao final desta carta, afirma que seus pensamentos haviam sido levados pela “beleza da manhã operando em um senso de Ociosidade” (Keats, 1969, p. 313, tradução nossa). Vejamos que, para o poeta, os pensamentos devem surgir como uma nobre visita a ser despreziosamente recebida, no frescor do despertar.

Encontramos a ideia de receptividade e passividade também na poesia de William Wordsworth (1770-1850), considerado o “Sacerdote da Natureza”. Wordsworth foi um dos maiores poetas românticos de seu tempo e dedicou grande parte de seus poemas à natureza em seus aspectos belos e assustadores. Observemos essa ideia em seu poema intitulado “Repreensão e resposta”, no qual o poeta é repreendido por um amigo que está sentado em uma pedra velha e sonhando. O amigo pede para que ele leia o livro e o poeta responde: “Os olhos não podem senão ver/ Não podemos pedir que o ouvido fique quieto/ Nossos corpos sentem, onde quer que estejam/ Contra, ou com a nossa vontade/ Também considero que existem poderes/ Qual de si mesmos nossas mentes impressionam/ Que possam alimentar essa nossa mente/ Numa sábia passividade”.<sup>6</sup>

Goellnicht (1976) argumenta que, assim como a capacidade negativa, “*wise passiveness*”, ou seja, a sábia passividade, é um estado de receptividade no qual mente e corpo recebem informações do mundo externo ainda que a parte intelectual e racional da mente fique dormente. De forma análoga, para Wordsworth, não deve haver uma irritação em busca de um fato e razão, não se precisa analisar e explicar através de todos os ângulos da razão. Deve haver uma ‘sábia aceitação’ da realidade tal como ela se apresenta por meio das experiências estéticas e das experiências sensoriais. O autor sugere que a sabedoria ou a verdade não é algo que possa ser procurado e analisado; elas vêm através dos sentidos, da imaginação e em comunhão com o mundo natural e suas forças misteriosas que, como diz o poeta, “surpreende e nutre nossas mentes”, nosso saber.

Keats e Wordsworth flertam com essa ideia de passividade, associada a uma forma de conhecimento que não é o conhecimento racional e lógico, mas, antes, outro tipo de saber ligado à comunhão dos sentidos. Há, portanto, um obscurecimento da razão, um sombreamento, um mistério. Vejamos uma metáfora de Keats que se refere ao obscurecimento

---

<sup>6</sup> Wordsworth, 2013, p. 59: “And thus I made reply:/The eye—it cannot choose but see;/ We cannot bid the ear be still;/Our bodies feel, where'er they be,/Against, or with our will./Nor less I deem that there are Powers/Which of themselves our minds impress;/That we can feed this mind of ours/In a wise passiveness”.

do pensamento, para que possamos pensar nesta última carta de 1818 a Reynolds. Keats descreve uma bela metáfora da vida mental como uma casa com muitas moradas. Pedimos licença ao leitor pelo longo trecho:

Comparo a vida humana a uma grande casa com muitas habitações, só duas das quais posso descrever, porque as portas das outras estão ainda fechadas para mim. A primeira habitação na qual entramos chamo “**Câmara da infância ou da inconsciência**”, onde permanecemos até que começamos a pensar. Permanecemos ali por longo tempo e, embora as portas da segunda câmara estejam abertas e tenham uma aparência convidativa, **não temos pressa**, e imperceptivelmente somos levados a ela, por fim, ao despertar em nós “o princípio do pensamento”; e mal entramos nesta segunda câmara, a que chamo de “**A câmara do pensamento virginal**”, a luz e o ar nos inebriam e não vemos senão delícias e maravilhas, e pensamos em ficar ali para sempre, felizes. Mas um dos efeitos tremendos por ter respirado aquele ar é que nosso olhar se tornou tão apurado, que agora vê dentro do coração e da natureza do homem, e nos convence que o mundo é cheio de miséria e desgosto, de dor, de doença e de angústia, e então pouco a pouco esta câmara do pensamento virginal se escurece e, ao mesmo tempo, sobre todas as paredes abrem-se portas, mas todas escuras, todas levando a vestibulos escuros. Não se vê uma proporção de bem ou de mal. Estamos na névoa. Estamos agora nesta condição. **Sentimos o “peso do mistério”** (Keats, 1969, p. 321, tradução e grifo nossos).

Uma possível interpretação desse trecho é a de que Keats nos convida a refletirmos sobre o processo do pensamento, entre claridades e obscuridades. O pensamento surge, então, a partir de um estado de não pensamento, ou seja, de “inconsciência”, e é necessário um longo tempo de permanência nesse lugar, já utilizando um termo de Keats. Permanecemos ali, de olhos fechados, em capacidade negativa, até que surjam os pensamentos. É preciso uma espera, e paciência, até que algo emerja.

Ficamos lá até que “somos levados”. Quando o pensamento vem esclarecer as razões com suas luzes, admiramos, espantados, as suas belezas e verdades. Permanecemos inebriados com os novos ventos apolíneos e, por fim, sustentamos algo em seu interstício, nem luminoso nem obscuro, talvez, um tanto nebuloso. Porém, o excesso de luz, de conhecimento, de apuração, desemboca também no olhar para a escuridão: as mazelas e dores, angústias. O pensamento perde seu brilho e todas as portas e janelas do pensamento se abrem, ficamos ali, enevoados, sem saber, em um jogo de luz e sombra, sentindo o “peso do mistério”.

A capacidade negativa, então, em comunhão com o pensamento dos poetas, poderia assemelhar-se a uma câmara do pensamento a ser cultivada. Uma câmara que possui uma

capacidade, ou seja, um potencial e qualidade de conter, acomodar ou aguardar. Um espaço vazio, interior, que se apoia em certa passividade, em um espaço-tempo de espera.

Para cultivar este espaço, é preciso também cultivar o tempo, a paciência e o repouso.

## Capítulo 2 - O Tempo, a Paciência e o Repouso

Com tempo e paciência, a folha da amoreira se transforma em um belo vestido de seda.  
(Provérbio chinês)

Neste capítulo, iremos explorar os temas do tempo, da paciência e do repouso, que compõem a trama da capacidade negativa. Embora os temas estejam intrinsecamente ligados, iremos dividi-los em três seções. Primeiramente, iremos abordar o tema com Freud, no qual retomaremos a importância do tempo na psicanálise. Em seguida, a partir de Bion e ainda inspirados pelos poetas que funcionam como "seios pensantes", nos termos do autor, exploraremos o tema da paciência na companhia do poeta austríaco Rainer Maria Rilke (1903[2009]). Em relação ao terceiro tema, apresentaremos um ensaio de Masud Kahn (1977 [1989]), *On Laying Fallow*, no qual o psicanalista apresenta um estado psíquico importante ao ofício do psicanalista, envolvendo a importância do descanso. Por fim, encerramos com uma interpolação entre as ideias dos autores, a fim de buscarmos mais imagens e fios para tecermos a trama da compreensão da capacidade negativa.

### 2.1 O Tempo

Em *Sobre psicoterapia*, Freud (1905[2016]) apontou o rumo que a técnica psicanalítica deveria tomar, utilizando uma bela analogia atribuída a Leonardo da Vinci sobre a técnica da pintura e da escultura. Ele afirmou que o psicanalista, tal como o escultor, atua *per via di levare*, ou seja, retirando e extraíndo da pedra bruta seus excessos, até que se desvele a obra que há dentro dela. Já o pintor atua *per via di porre*, ou seja, por acréscimo, adicionando tinta em uma tela em branco, criando assim, uma imagem que nunca esteve lá.

Freud utiliza essa analogia para destacar a diferença entre a técnica analítica e outras práticas que envolvem a sugestão. Ele exemplifica que, enquanto a sugestão é algo externo, imposto por terceiros, a análise busca revelar o que está oculto nas profundezas da psique do paciente. Freud argumenta que a técnica sugestiva não se interessa por "origem, força e significado dos sintomas psicopatológicos" (*Ibidem*, p. 337). Já a análise é um processo de escavação, que exige paciência, permitindo que aquilo que já existe venha à luz. Freud não só adverte sobre os rumos da análise, mas também indica que o analista deve preocupar-se com as origens do sintoma, buscando suas forças inconscientes e o sentido dos conflitos. Para

tanto, é necessário um estado de mente que seja capaz de investigar com minúcia e, portanto, tempo, paciência e descanso para a sustentação deste processo.

Neste mesmo ensaio, Freud afirma que a análise se distancia do *tuto, cito, iucunde* [seguro, rápido e agradável]. Ou seja, ele afirma que a análise é uma tarefa laboriosa e demorada e que, por parte do analista, exige aprendizado e prática; e sobretudo, *tempo*. O analista, portanto, deve suportar desconforto, estar pronto para riscos e, dado que lidamos com resistências, devemos suportar o amargo das “coisas desagradáveis”. Já, por parte do analisando, o trabalho de análise também requer paciência, pois “consome tempo e é custosa e sobretudo, requer o sacrifício da sinceridade total” (*Ibidem*, p. 339).

Apesar de tais apontamentos do pai da psicanálise, a importância do tempo ganhou destaque em um estágio posterior ao surgimento dos fundamentos da mesma. Em “*Análise terminável e interminável*” (1937[1980]), Freud faz uma análise crítica sobre as limitações da técnica psicanalítica, expressando seu pessimismo em relação a ela. Ele reflete sobre as dificuldades e obstáculos que surgem no caminho, reconhecendo que, invariavelmente, a psicanálise *é um assunto que consome tempo* (*Ibidem*, p. 247).

Freud reconhece que o manejo do tempo desempenha um papel crucial no processo terapêutico, especialmente ao enfrentar as resistências do paciente. Um exemplo marcante desse desafio foi a tentativa de estabelecer um tempo específico para a análise de Sergei Pankejeff, conhecido como o Homem dos Lobos (1918 [2010]).

Daniel Kupermann (2010) aponta para a tentativa de Freud em impor um limite sobre a análise do Homem dos Lobos, na esperança de superar as resistências do paciente; contudo, ele é surpreendido pela necessidade de continuar o tratamento para ajudá-lo a dominar uma parte da transferência que não foi resolvida. O psicanalista destaca que o desfecho do caso de Sergei Pankejeff, relatado em “História de neurose infantil” (1918 [1914]), acontece em 1914, no mesmo ano em que Freud (1914) escreve o ensaio *Recordar, Repetir e Elaborar*, em que ele apresenta uma nova perspectiva em relação ao estilo e as sutilezas clínicas. Ao observar o fenômeno da compulsão à repetição, Freud adiciona novos elementos para a prática, tais como o tempo e a paciência. Ele afirma:

**É preciso dar tempo ao paciente para que ele se enfronte na resistência agora conhecida**, para que elabore, para que a supere, prosseguindo o trabalho apesar dela [...] **O médico nada tem a fazer senão esperar e deixar as coisas seguirem um curso que não pode ser evitado, e tampouco ser acelerado.** [...]. Na prática, essa elaboração das resistências pode se tornar uma tarefa penosa para o analisando e **uma prova de paciência** para o médico. Mas é a parte do trabalho que tem o maior efeito

modificador para o paciente e que distingue o tratamento psicanalítico de toda influência por sugestão (Freud, 1914[2010] pp. 207-209, grifos nossos).

Kupermann afirma que este ensaio explicita a tendência de modificação do estilo clínico freudiano quando descobre o fenômeno da compulsão à repetição. Neste novo estilo, ele passa a considerar *a preocupação com o tempo e a paciência do analista*. Vemos, portanto, que o tempo do trabalho possui sua própria determinação, ou seja, tanto o analista quanto o paciente devem ajustar-se a esse tempo próprio e oportuno, aguardando que o material inconsciente ganhe novos significados.

Tales Ab'Saber em seu artigo *Breuer e Freud: Psicanálise, Ciência e Filosofia* (2016) corrobora a ideia de que a noção de tempo foi introduzida tardiamente, comparado aos fundamentos da origem da psicanálise. O autor afirma que essa dimensão fundamental, a do tempo, enriqueceu significativamente a prática clínica psicanalítica, mas só foi plenamente reconhecida por Freud em 1914, “mais de trinta anos após Breuer ter se deixado ficar na *presença-tempo* que fez efeito na experiência original da histeria” (Ab'Saber, 2016, p. 313).

Ab'Saber afirma que o primeiro terreno de exploração psicanalítica, o “ponto zero”, foi justamente estabelecido neste lugar de espera. Seu explorador foi o médico vienense, clínico da família real austríaca, Josef Breuer, que, aos 38 anos, conduziu o tratamento de Bertha Pappenheim, a Anna O. Ele acompanhou-a durante dois anos em seu cotidiano, testemunhando o processo de transformação psíquica de sua paciente, bem como compreendeu a dinâmica viva de seus estados de consciência, ao invés da pura e abstrata ideia de consciência até então. O autor afirma:

Nesse sentido, quando Freud reconhece, já em 1925, a temporalidade radical da primeira clínica de Breuer, “as centenas de horas dedicadas à paciente e o quão novo foi esse procedimento”, ele reconhece um ponto forte das coisas psicanalíticas, na qual a sua ciência não é feita apenas das coisas do inconsciente. A ciência desse lugar *real aberto, que é tempo*, não é feita apenas da mediação teórica e de sua metafísica de fundo, segundo os termos de sua época. Ela é feita também do *tempo aberto* de uma *espera*, de uma *oferta*, de uma *contemplação* orientada *eticamente pela ideia de ciência*, mas que não se reduz a ela [...] (Ab'Saber, 2016, p. 316, grifos do autor).

Ab'Saber argumenta que Freud reconhece não apenas a importância da mediação teórica e científica para traduzir o inconsciente em uma lógica objetivante, mas também reconhecia as “dimensões éticas e estéticas que fundamentam o lugar da psicanálise” (Ab'Saber, 2016, p. 319). Ainda conforme o psicanalista, Freud reconheceu que foi Breuer o

primeiro a abrir-se e a inclinar-se para um paciente e que, justamente é aí a sua fundação: em uma clínica amorosa, orientada “a partir de uma ética da disponibilidade que atravessava e perfurava a própria ética científica” (*ibidem*, p. 312).

Esta ética, argumenta o autor, funda-se a partir de uma oferta amorosa, a despeito da vontade de poder. Ela está radicalmente aberta à ideia de não se permitir ter convicções, aproximando-se do mistério do outro; do mistério que é o outro. Ele conclui que essa inclinação primordial era “ela própria a convicção de que o gesto de presença era uma *certa modalidade de amor*” (*Ibidem*, p. 328, grifos do autor). Um gesto do analista para o tempo do encontro, que é caracterizado pela predisposição de *aguardar e se oferecer*.

Aguardar e se oferecer, ou seja, estar com o outro nos demanda nossa presença, um sair de si e de, certamente, prestar e oferecer a nossa escuta, a nossa atenção. Atenção essa que é, segundo a filósofa e mística francesa Simone Weil (1909-1943), a “forma mais rara e pura de generosidade” (Weil, 1976, p.462).

A seguir, vamos explorar como o tempo, essa modalidade de amor e essa rara e pura forma de generosidade, se desdobra.

## 2.2 A paciência

Em *Cartas a um jovem poeta* (1903[2009]), Rilke orienta o afoito e jovem Kappus não somente como tornar-se um poeta, mas também quanto à importância de aguardar e ter paciência. Diante do jovem ansioso, Rilke pedia-lhe que tivesse amor pelas próprias perguntas, “como quartos fechados e como livros escritos em uma língua estrangeira” (*Ibidem*, p. 43). Ele dizia: “Não investigue agora as respostas que não lhe podem ser dadas, porque não poderia vivê-las. E é disto que se trata, de viver tudo. Viva agora as perguntas. Talvez passe, gradativamente, em um belo dia, sem perceber, a viver as respostas” (*Ibidem*).

Rilke diz que ser poeta viria somente para os pacientes que aguardam como se tivessem a eternidade e amplidão diante de si, *com serenidade* e sem preocupação alguma. Contudo, tal aprendizado vem com uma certa dor, como afirma o poeta: “Aprendo isto diariamente, aprendo em meio a dores às quais sou grato: a paciência é tudo!” (*Ibidem*, p. 36)

A palavra paciência, do latim *patientia*, deriva do verbo *patior*, que significa sofrer.<sup>7</sup> Vejamos que o poeta associa o aprender à paciência e, de certa forma, à dor. Portanto, podemos pensar que, no ato de esperar, estamos diante de um árido deserto, caminhando na solidão e na dúvida, em busca por novos horizontes. Em outras palavras, no ato de esperar, há

---

<sup>7</sup> Segundo o *Dictionnaire Le grand Gaffiot - Latin-français*, Ed. Hachette, 2010.

uma *dor psíquica*, um sofrimento implícito por não saber, pelo temor do que virá (ou não virá); uma dor que exige ser suportada. No entanto, não sem esperanças, como aconselha o poeta: “É preciso ter paciência como um doente e ter confiança como um convalescente” (Rilke, 1903[2009], p. 81). Rilke esclarece ao jovem poeta:

Não há nenhuma medida de tempo nesse caso, um ano de nada vale, e mesmo dez anos não são nada. Ser artista significa: não calcular nem contar; amadurecer como uma árvore que não apressa sua seiva e permanece confiante durante as tempestades de primavera, sem o temor de que o verão não possa vir depois. Ele vem apesar de tudo (*Ibidem*, p. 36).

Wilfred Bion (1963[2014]) atribui uma importante ênfase à dor psíquica, elencando-a enquanto um dos sete elementos importantes da psicanálise e afirma que ela tem uma função estruturante, não somente no aparelho psíquico, mas também na vida. Bion (1947[2014]) cita o poeta inglês John Donne, em um dos seus escritos publicados postumamente: “Donne disse que a aflição é um tesouro e quase nenhum homem tem o suficiente dela. Todo homem que teve aflição o suficiente, amadureceu por seu intermédio”. (Bion, 1947 [2014], p.53 tradução nossa) Zimmerman (2008) afirma que, para Bion, o fato de poder tolerar a dor e a frustração está intrinsecamente ligado a poder ‘aprender com a experiência emocional’, que, por sua vez, é intrínseco ao processo de conhecer as verdades e crescer. Além disso, segundo o autor, a dor permite o crescimento mental inerente a toda transformação e expansão no processo analítico, tanto do paciente quanto do analista.

Não por acaso, Bion (1970[2014]) descreve a paciência como um estado mental importante para o analista e associa-o ao sofrimento, à tolerância e à frustração. A paciência, conforme o autor, é o estado mental que deveria ser mantido sem buscar por respostas, até que um ‘padrão’ possa evoluir. Na evolução desse padrão, o analista alcança a posição de segurança, diminuindo sua ansiedade. Ele afirma: “Considero que nenhum analista tem o direito de acreditar que fez o trabalho necessário para dar uma interpretação, a menos que tenha passado por ambas as fases – ‘paciência’ e ‘segurança’” (Bion, 1970[2014], p. 326, tradução nossa).

A paciência, portanto, deve ser mantida sem ‘busca irritável por fato e razão’ até que um padrão ‘evolua’. Essa posição dialoga com as ideias contidas na carta do poeta Keats, vista anteriormente. Nela, há a ideia de que não se deve buscar por ‘fatos ou razões’; ao contrário, como orienta Rilke, as perguntas devem ser vividas. Nesta mesma carta, Rilke, com os ventos do mar sobre seus pensamentos, dizia sentir que nunca um homem poderia dar uma resposta

às perguntas e aos sentimentos que residem no fundo do ser. Ele acreditava que mesmo as melhores palavras erram quando elas devem significar o que há de mais “leve e quase indizível” (*Ibidem*, p. 42).

Com a gentileza de um homem paciente, Rilke dizia ao jovem poeta que, neste processo de esperar, ele buscasse um lugar interior em si, um lugar próprio, que não poderia *ser forçado nem apressado por nada*, e onde veria deixar ‘amadurecer e receber luz’:

Deixar cada impressão, cada semente de um sentimento germinar por completo dentro de si, **na escuridão do indizível e do inconsciente, em um ponto inalcançável** para o próprio entendimento, e esperar com profunda humildade e paciência a hora do nascimento de uma nova clareza: só isso se chama viver artisticamente, tanto na compreensão, quanto na criação (Rilke, 1903 [2006], p. 36, grifos nossos).

Apreciemos neste trecho que, para o poeta, viver, compreender e criar exigem paciência. Tal como para os poetas Keats e Wordsworth, para alcançar o sentido ulterior da compreensão das coisas, é necessário colocar-se em um lugar passivo, tal como na poesia já citada anteriormente, “como uma flor à espera de uma abelha”. A compreensão, dessa forma, chega como um amadurecimento, tal como o germinar de um broto: de forma natural e orgânica.

O conhecimento, tal como afirmaram os poetas, também pode ser proveniente dos sentidos: “Os olhos não podem senão ver/ Não podemos pedir que o ouvido fique quieto/Nossos corpos sentem, onde quer que estejam”<sup>8</sup>. Ou seja, ele não é adquirido somente pela nossa vontade e desejos, mas também por um estado de abertura e receptividade. Tal como já vimos, estar neste lugar de espera é estar no polo negativo, recebendo qualquer “impressão”, até que ela se revele com uma certa luz, com “o nascimento de uma nova clareza”, como afirma o poeta.

Podemos pensar que, com paciência, surge o *nascimento de uma nova clareza*. Podemos associar esta ideia ao que Bion (1962a) nomeou por “fato selecionado”. Seria “o elemento que dá coerência aos objetos da posição esquizo-paranoide, assim, inicia a posição depressiva (Bion, 1962a [2014], p. 352, tradução nossa). Ou seja, seria a experiência emocional, um sentido de descoberta de coerência, integração, síntese de elementos do discurso do paciente que antes poderiam estar desconexos.

---

<sup>8</sup> Wordsworth, 2013, p. 59: “And thus I made reply:/The eye—it cannot choose but see;/ We cannot bid the ear be still;/Our bodies feel, where'er they be,/Against, or with our will./Nor less I deem that there are Powers/Which of themselves our minds impress;/That we can feed this mind of ours/In a wise passiveness”.

O nascimento claro, que oferta uma nova compreensão, depende também de uma interioridade, de uma concavidade, e dentro dela, um *ponto inalcançável para o próprio entendimento*, o qual abrigue em si uma *escuridão do indizível*.

A ideia da interioridade e da escuridão é muito valiosa para o entendimento do conceito de capacidade negativa e guarda uma relação muito íntima com algumas ideias que desenvolveremos mais adiante. Guardemos esta ideia. Por ora, vejamos a importância de repousar.

### 2.3 O repouso

Vimos, na sessão anterior, que o poeta Rilke sugere um ponto escuro, um lugar em que é preciso aguardar e esperar; em que não há atividade pragmática, alguma busca ou qualquer intenção. Podemos imaginar também que é um lugar solitário e que faz parte de uma *interioridade*, onde há repouso e descanso. Consideremos enquanto um lugar importante no que tange à privacidade do analista e que precisa ser cultivado para sua própria vitalidade.

Os temas da solidão, da privacidade e do repouso foram profundamente explorados por Masud Khan (1977 [1989]). Em seu livro *Hidden Selves*, ele escreve um ensaio intitulado “*On Lying Fallow*”, que pode ser traduzido por “descanso das terras cultiváveis” ou “pousio”. Esses termos referem-se ao período em que a terra descansa entre os ciclos de semeadura, para que assim possa recuperar seus nutrientes, sua saúde e renovar sua fertilidade.

Segundo a escritora Linda Hopkins (2008), autora da biografia *False Self: The Life of Masud Khan*, este ensaio foi escrito pelo psicanalista paquistanês a partir de suas experiências pessoais, em um momento em que decide sair de um tempo de isolamento. Durante esse período, Khan começou a escrever cartas, pintar, fazer colagens de papel e rabiscos coloridos, como havia aprendido com Marion Milner no final dos anos 1950. Ele afirmava: “pinto como posso, mas totalmente fiel à corporeidade do meu Ser” (Hopkins, 2008, p. 177, tradução nossa). A autora afirma que o retorno à pintura o ajudou a se equilibrar. Ele dizia: “Sim, trabalho clínico, pintura, leitura e escrita são as quatro sanidades da minha psique” (*Ibidem*).

Neste período em que busca nutrir seu espaço interior, Kahn passa a voltar mais vezes à sua terra natal, o Paquistão. Nesse mesmo período, ele compra um cavalo, ao qual dá o nome de “Solo”. Ele diz: “além do trabalho, minha verdadeira alegria hoje em dia é Solo e, apesar do tempo extremamente úmido aqui, desfrutei de alguns longos passeios esplêndidos. Estamos nos conhecendo” [...] (Hopkins, 2008, p. 177). Em seu pousio, ele descreve sua sublime experiência:

Desde o momento em que cheguei aqui, eu me fundi com meu ambiente. Perco aquela distância mental da qual sozinho se descreve as coisas. O ambiente físico é verdadeiramente idílico nesta época do ano: dias frios e crispados de inverno em um sol vastamente generoso e quente. Eu cavalgo todos os dias... Não sei bem o que estou pensando internamente: aqui, até minha intelectualidade afunda em uma névoa sensual<sup>9</sup> de silêncio e passividade. Do lado de fora, o dia está amanhecendo. A cacofonia dos sons dos pássaros começou seu coaxar para despertar a todos. Posso ouvir os galos cantando e sons distantes de sinos ao redor dos bois enquanto eles arrastam os pés arando os campos. Este é um ambiente tranquilo e muito diferente (Hopkins, 2008, p. 178, tradução nossa).

Observemos como ele descreve suas disposições mentais. Khan relata sentir-se mais integrado com o seu pensar, com seu corpo e seu ambiente ao redor, perdendo “aquela distância mental da qual sozinho se descreve as coisas”. Ele descreve um estado de maior integração da sua atividade mental, ao mesmo tempo que permite adormecer suas razões ao afirmar que sua “intelectualidade afunda em uma névoa”. Ele descreve o prazer relacionado aos sentidos, seja físico e ou estético, em sua experiência contemplativa.

Em *Lying Fallow*, Khan exprime, tal como em sua estadia no Paquistão, um estado em que uma pessoa pode nutrir-se interiormente e estar consigo mesma de forma desproposital, receptiva e restauradora, em um silêncio fecundo. O pousio, segundo ele, “é uma quietude alerta e uma consciência receptiva e cintilante” (Khan, 1977 [1989], p. 188, tradução nossa).

A partir de sua própria experiência, Khan nos convida a refletir sobre um estado psíquico essencial também para o ofício do psicanalista e que é de grande valia para a clínica. Ele atribui este aprendizado do pousio a Donald Winnicott, que foi seu analista. Ele nos conta que foi Winnicott quem o ensinou a permitir seus pacientes a explorarem suas próprias capacidades de ficar em pousio, “sem sentir uma demanda coercitiva silenciosa da minha presença para preencher a sessão com destroços de fatos ou sentir-se repreendido por não associar livremente” (Khan, 1977 [1989], p. 188, tradução nossa).

A partir do *Lying Fallow*, Khan ressalta a importância do analista em sustentar e aguardar a *processualidade* do paciente, de *seu continuar a ser*, vivendo com ele uma experiência, juntos. Fica evidente, portanto, que poder ficar em pousio é mais importante do que entender ou interpretar, pois permite resguardar o sonhar do paciente, como afirmava Winnicott: “algumas delas [crianças] entram sonhando e voltam para casa ainda sonhando. A

---

<sup>9</sup> Este termo, do original “*sensuous*”, relaciona-se aos sentidos, especialmente ao que proporciona prazer físico ou estético.

tarefa clínica então é não perturbar seus sonhos. Não dar suas interpretações” (Khan *apud* Winnicott, 1988 [2022], p. 48, tradução nossa).

Apesar de preservar a importância da privacidade, Khan afirma que esse estado não é de puro isolamento, ou seja, ele precisa de uma companhia para ser sustentado. A companhia, a presença de um outro, desde que não seja intrusiva e que não exija nada, garante a sustentação desse estado e permite que ele não se torne mórbido, melancólico ou sombrio. Nesse sentido, estar em pousio é também ser capaz de estar só, em silêncio, mas na presença e na companhia de outra pessoa. Winnicott (1963[1983]) remete esse estado às experiências não verbais, a um *núcleo secreto do self*, “um eu central que nunca se comunica [...] e é para sempre silencioso. Aí a comunicação é não verbal, é como a música das esferas<sup>10</sup> [...]. Pertence ao estar vivo” (Winnicott, 1963 [1983] p.174).

Vejam, portanto, que o analista em seu pousio também respeita, reconhece e pode permitir que seu paciente encontre seu lugar de repouso, sua vitalidade e sua presença. Desde que ofereça sua presença, servindo enquanto um objeto subjetivo, o paciente pode reconhecer-se refletido na imagem do analista, em alguém que permita sua sustentação e continuidade, podendo, dessa forma, maturar e desenvolver um sentimento de si ao longo de um tempo. Cabe ao analista, portanto, sustentar esta posição e fazer ligações entre os elementos do paciente.

Khan afirmava que o pousio também é um nutriente para o ser, um estado que alimenta a capacidade criativa, diz respeito à relação da pessoa com ela mesma. Ela difere substancialmente de uma produtividade obsessiva, maníaca, que está sob o imperativo do fazer e seus excessos, de uma compulsão que se distancia da máxima winnicottiana: “depois de ser, fazer e ser feito. Mas, antes, ser” (Winnicott, 1971 [2019], p. 139). O autor afirma que o estado de *Lying fallow* é experimentado em momentos fugazes e se aproxima ao estado psíquico de um artista. Vejam:

Todos nós podemos pensar que podemos rabiscar como Miró, mas a força e o vigor da sensibilidade exigida para sustentar esse estado de vivacidade livremente flutuante e capturar sua vitalidade inata através de imagens não é uma conquista qualquer [...] (Khan 1977 [1989], p. 186, tradução nossa).

Paradoxalmente, Khan afirma que este estado pode nos oferecer algo muito bom, mas também absolutamente nada, pois, assim como os rabiscos de Miró, as artes em geral não têm uma função pragmática, uma serventia. Mas elas revelam e oferecem um estado transicional,

---

<sup>10</sup> Segundo o físico Marcelo Gleiser (2007), a música das esferas foi proposta por Pitágoras e refere-se à ideia de que o Sol e os planetas, girando nos céus em proporções harmônicas, geram uma melodia que expressa a arquitetura cósmica. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2110200702.html>

um substrato e um nutriente para o ser, para a criatividade, para o sonhar e, sobretudo, para o próprio viver. Tal como afirma o poeta norte americano W. H. Auden (1956), citado por Khan, “O valor de uma coisa profana está no que ela faz de útil, o valor de uma coisa sagrada está no que ela é” (Khan *apud* Auden, (1974), p. 210, tradução nossa).

Interpolando as ideias dos autores com a capacidade negativa, podemos imaginar que a permanência no *pousio* corresponda a uma forma de nutrir a possibilidade da capacidade negativa, a fim de cultivá-la e desenvolvê-la, não somente na mente do analista, mas também na interioridade do analista. Assim como Khan nutria seu *pousio* em sua vida, podemos pensar que capacidade negativa também é uma capacidade a ser desenvolvida e cultivada para além do *setting* analítico, pois, tanto o *pousio* quanto a capacidade negativa, em última instância, dizem respeito à *pessoa* do analista.

Outro aspecto relevante, com o qual podemos relacionar com a capacidade negativa, é a importância de sustentar o silêncio. Não um silêncio *per si* na sessão, a ausência de som, mas o silêncio *repousante* interno do analista que, aguardando, cala a ânsia de dar resposta, de saber e de antecipação. A capacidade negativa, em sua qualidade de saber repousar, respeita *o ser e a privacidade* do analisando. Um silêncio vivido como experiência de presença.

Que possamos, tal como Khan fazia, cavalgar por entre os dias crispados de inverno das dúvidas, incertezas e mistérios, mas na certeza de que algo se move sem que tenhamos o conhecimento completo, permitindo, assim, que possamos soltar um pouco as rédeas da razão, contemplando diferentes horizontes na vida mental de nossos pacientes.

Ao apresentarmos ao leitor os temas do tempo, da paciência e da importância do repouso, buscamos posicionar a capacidade negativa nestas três pedras angulares, para uma compreensão mais profunda, buscando extrair sua quintessência. Através do tema do tempo, procuramos enfatizar que, no âmago da capacidade negativa, é essencial uma compreensão temporal ampliada. Esse tempo não é linear, mas para sustentar a capacidade negativa, é importante saboreá-lo em suas notas de eternidade, que tardam e se prolongam em nós, e para sempre além de nós, repousando em um sentimento de atemporalidade, que nos atravessa e nos contém. E que, tal como afirmou Ab'Saber, permanecer *neste lugar que é tempo*, é também, uma modalidade de amor. Uma capacidade de aguardar e se dispor ao outro.

Ao abordar a capacidade negativa sob o viés da paciência, buscamos encontrar seu fulcro, um lugar no qual o analista deve permanecer e ali ficar. É um lugar de espera, um espaço onde aguardamos, apesar da dor e do desconforto que isso possa implicar. Podemos imaginá-la como um ponto obscuro sobre o qual tentamos nos equilibrar, oscilando

constantemente e dificultando manter a estabilidade. Ali aguardamos, até que algo evolua, ou que surja um “fato selecionado”.

Estamos, até aqui, ‘arando nossa terra’ para compreendermos a capacidade negativa. Nesse processo, em que estamos imantando nosso campo de investigação, é essencial lembrar que a pressa e a prepotência são ervas daninhas para o cio da terra.

### Capítulo 3 - Freud, Bion e os Estados de Mente

Neste capítulo, apresentaremos ao leitor alguns fios subterrâneos que se interligam com capacidade negativa. Partiremos de Freud com a atenção uniformemente flutuante e seguiremos com Bion com Sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia.

Sobre o estado de mente sem memória, desejo ou compreensão prévia, optamos por apresentá-lo a partir das notas de Bion e da transcrição de uma comunicação oral datada de 1965, intitulada *Memória e Desejo e Notas sobre Memória e Desejo* (1967). Para a discussão desta seção, convidaremos Giuseppe Civitarese (2019). Por fim, apresentaremos o Ato de Fé e a Capacidade Negativa.

Nosso intuito não é destacar suas diferenças propriamente, mas explorar os diferentes aspectos e apresentar os pontos em comum de todos os estados mentais, a fim de ampliar e enriquecer o conceito da capacidade negativa<sup>11</sup>, permanecendo na “penumbra de associações”<sup>12</sup> com os outros estados mentais. O que há de comum entre eles, é que todos favorecer algum possível acesso ao código enigmático do inconsciente e buscar um estado de abertura, *entre, através e além* dos interstícios do pensar.

Justamente por compartilharem essa base comum, todos esses estados de mente se iluminam e se compõem mutuamente. Funcionam, assim, como diferentes vértices balizadores para a nossa compreensão e apontam para a mesma direção. Posto isso, acreditamos que, a partir desta exposição, tais estados de mente nos auxiliarão a enriquecer criativamente o conceito de capacidade negativa.

#### 3.1 Atenção uniformemente flutuante

Embora tenha feito uma breve referência no caso de *Pequeno Hans* (1909) de forma ligeiramente diferente, Freud menciona pela primeira vez a atenção uniformemente flutuante<sup>13</sup> em *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (1912 [2010]). Nesse texto, ele

---

<sup>11</sup> Ao abordar a capacidade negativa ao longo de sua obra, Bion utiliza terminologias variadas, referindo-se a ela ora como um “estado de mente”, ora como uma “característica”. Outros psicanalistas, tais como Arnaldo Chuster (2019), referem-se a ela como um “estado mental” e uma “capacidade virtuosamente expectante”. Já o psicanalista italiano Giuseppe Civitarese (2019) refere-se a ela como um “conceito”. Considerando a robustez e densidade que a capacidade negativa contém e visando manter a uniformidade e sua consistência terminológica, optaremos por adotar o termo ‘conceito’ para designá-la.

<sup>12</sup> Bion, 1970[2014], p. 87: “The ‘penumbra of associations’ is intended to help those who look for my meaning.”

<sup>13</sup> Iremos aqui abreviar o termo “atenção uniformemente flutuante” para atenção flutuante, conforme a convenção oral.

busca esclarecer os aspectos técnicos da prática psicanalítica, substituindo o indefinível “tato médico”, que até então era considerado um dom especial.

Ao introduzir o conceito de atenção flutuante, Freud pretendia estabelecer um método que poupasse os psicanalistas de um esforço desnecessário, dado que o analista precisaria reter uma grande quantidade de informações ao atender muitos pacientes consecutivamente. Ele então apresenta a técnica da atenção flutuante:

[esta técnica] consiste apenas em não querer notar nada em especial e oferecer a tudo o que se ouve a mesma “atenção flutuante”, segundo a expressão que usei. Assim evitamos a fadiga da atenção, que certamente não poderíamos manter por muitas horas ao dia, **e escapamos a um perigo que é inseparável do exercício da atenção proposital**. Pois, ao intensificar deliberadamente a atenção, começamos também a selecionar em meio ao material que se apresenta; fixamos com particular agudeza um ponto, eliminando assim outro, e nessa escolha seguimos nossas expectativas ou inclinações. Justamente isso não podemos fazer; **seguindo nossas expectativas, corremos o perigo de nunca achar senão o que já sabemos**; seguindo nossas inclinações, com certeza falsearemos o que é possível perceber. **Não devemos esquecer que, em geral, escutamos coisas cujo significado será conhecido apenas posteriormente** (Freud, 1912 [2010], p. 149-150, grifos nossos).

Freud orienta o analista a afastar sua influência consciente de sua capacidade de observação e a entregar-se totalmente à sua “memória inconsciente”. Como nas palavras do autor, expressas de maneira técnica: escutar e não se preocupar em notar alguma coisa (Freud, 1912 [2010], p.150). Freud já anuncia a importância de confiar, de olhos fechados, em sua própria técnica, indicando que o saber viria de *um outro lugar*.

Freud também adverte sobre o perigo do narcisismo do analista, que pode incorrer ao ver sua própria imagem refletida nas águas do real, isto é, encontrar apenas o que já sabe com sua atenção proposital, desejos e expectativas, obliterando a abertura para novas veredas do pensamento, onde permeiam dúvidas, incertezas e mistérios. Ele afirma que a compreensão ocorre *a posteriori*, convidando-nos a sermos encontrados por novos significados ao longo do tempo.

Nesse sentido, Christopher Bollas (1999) afirma que, em sua atenção flutuante, o analista, ao não responder prontamente aos dados e relatos imediatos do discurso do paciente, favorece o silêncio. Esse silêncio é essencial e transformador, promovendo pausas que permitem ao analisando ir 'afrouxando' os elementos de seu discurso. Bollas afirma: “ao perceber que seu analista não responderá ao seu devaneio mental de maneira conversacional

ordinária, o paciente geralmente desacelera, seu discurso busca menos urgentemente uma reafirmação [...] podemos ver como esse tipo de escuta retarda as coisas” (Bollas, 1999, p. 155, tradução nossa).

Nesse processo, além de se escutar mais, o paciente pode compreender a si mesmo mais profundamente e ganhar mais intimidade com o fundo de seu oceano inconsciente, em vez de se limitar apenas a navegar pela superfície das margens estreitas de sua consciência. Freud nos mostra que a psicanálise é um trabalho de tempo e paciência, conduzindo tanto o analista quanto o paciente a apreciarem o tempo de uma forma singular e própria, não apenas cronológica.

Vejam também que o termo atenção flutuante apresenta um paradoxo: como pode uma atenção flutuar? Por “atenção”, entendemos uma função cognitiva necessária para realizar um comportamento complexo dirigido para um objetivo determinado, que subentende um esforço consciente, em um estado de vigília, concentração e fixação do espírito em algo. Essa atenção proposital é típica do pensamento que busca um itinerário seguro e faz uma escuta crítica conduzida pela faculdade mental de um “homem que reflete” (Freud 1900[2012], p. 122-123), formando frases e sentido, como vagões que formam um trem percorrendo um trilho e que é diferente do repouso mímico do observador.

Utilizando a metáfora do trem, imaginemos a situação hipotética em que os trilhos se quebrassem e o trem descarrilhasse. Haveria ainda algum trânsito? Sim, e é a partir desta imagem que podemos compreender o conceito. Aqui, o contorno se perde e a tonalidade é mais nebulosa. O trem continua seu percurso, contudo, como em um sobrevoo, há uma suspensão do pensamento crítico.

Civitarese (2019) nos oferece uma importante contribuição ao analisar a atenção flutuante a partir do termo em alemão *Gleichschwebende Aufmerksamkeit*:

Na palavra alemã **Aufmerksamkeit**, o prefixo auf indica um movimento ascendente (Le Guen, 2008), enquanto o termo gleichschwebende **inclui o significado de “flutuar” (que tem associações com as ondas do mar, especialmente quando está agitado) e também pairar** (dando a ideia mais de uma interrupção constante e de ser impedido de cair). Na filosofia [...] “schwebende Mitte” significa “**ponto médio oscilante**” (ou, em outras traduções), “centro flutuante” ou “meio pairando” (Civitarese, 2019, p. 753, tradução e grifos nossos).

O autor nos brinda com a cativante imagem de um pássaro que bate suas asas para manter-se pairando. Nessa atividade, há um dispêndio ativo de energia, há trabalho para

manter-se neste estado especial de passividade e receptividade, tal como as micro-oscilações da atenção, que exigem a suspensão da atenção proposital, mas uma força para manter-se ativa, mais ou menos uniforme. A partir dessas metáforas, ele introduz a ideia de um ponto médio oscilante, evocando um estado de indeterminações, de nublamentos e penumbras do pensar.

Nesta técnica, Freud sugere o rebaixamento da atenção proposital, e tal ação psíquica exige um certo abandono. No entanto, nesse abandono, há também um “fio”, uma atividade importante que se faz constantemente presente. Podemos pensar que esse fio, que sustenta essa receptividade e esse flutuar, é um estado mental importante, a observação.

Freud deixa clara sua herança, a qual ele atribui aos aprendizados de seu mestre Jean-Martin Charcot, em seus tempos na Salpêtrière. Podemos apreciar essa influência em um trecho do Relatório de Paris:

Podia-se verificar a maneira como ele, inicialmente, ficava indeciso em face de alguma nova manifestação difícil de interpretar; podia-se seguir os caminhos pelos quais se esforçava por chegar a uma compreensão; podia-se estudar o modo como avaliava e vencia; podia-se observar, com surpresa, **que ele nunca se cansava de observar o mesmo fenômeno**, até que seus esforços repetidos e sem prevenções lhe permitissem chegar a uma visão correta de seu significado (Freud, 1886, p. 44, grifos nossos).

Freud, ao escrutinar a forma de pensar, ressalta os minuciosos caminhos por onde os pensamentos podem transitar, nos quais podemos observar não apenas a paciência, mas sobretudo a tenacidade e o vigor das observações de seu mestre. Vejamos como Charcot, diante de seu não saber, observava minuciosamente os fatos e fenômenos, com paciência até que uma réstia de luz incidisse sobre a escuridão de suas questões. Freud relembra novamente seu mestre, em outro momento: “costumava olhar repetidamente as coisas que não compreendia, para aprofundar sua impressão delas dia a dia até que, subitamente, a compreensão raiava nele” (Freud, 1893, p. 22). Estaria Charcot neste lugar de observação, já cegando-se, imerso em um fecho de intensa escuridão? Vejamos como esses fios se ligam mais adiante.

Freud alerta-nos sobre o perigo da atenção proposital e da função especulativa da mente, sugerindo um abandono consciente dessa abordagem. Ele convida-nos a equilibrar a observação com um movimento positivo, criando um interjogo entre a observação e a atenção flutuante, que envolve a capacidade de deixar-se levar, de um certo abandono.

Ao descrever esse processo, Freud destaca as heranças de seu modo de pensar, fundamentais e fundantes para a psicanálise, onde a compreensão não é imediata, e não há respostas prontas. A compreensão, desse modo, emerge gradualmente mediante um estado de imersão, observação e espera. Assim, devemos aguardar que novas percepções se revelem, adotando uma atitude de observação paciente e receptiva, aberta ao desconhecido.

Nesse sentido, podemos observar, tal como aponta Civitarese (2019), que a capacidade negativa é uma continuidade da atenção flutuante porque “ela compartilha do mesmo objetivo, que é o acesso ao discurso do inconsciente” (Civitarese, 2019, p. 752, tradução nossa). Ele afirma que, tal como a atenção flutuante, a capacidade negativa “é, ela mesma, uma forma de passividade ativa, ou uma atividade passiva – algo como imaginação, um intermediário entre sensibilidade e intelecto” (Civitarese, 2019, p. 757, tradução nossa).

Vejam também como a atenção flutuante e a capacidade negativa estão interligadas nessa busca pelo equilíbrio entre razão e imaginação, pela entrega à memória inconsciente e por um estado de abertura que também implica um abandono. Ao lançar luz sobre os perigos do uso excessivo da razão, Freud (1900[2012]) afirma que, ao observar as ideias sem uma crítica rigorosa, poder-se-ia possibilitar a emergência de inúmeras ideias que, de outro modo, teriam permanecido inacessíveis (*Ibidem*, p. 123). Ele resgata o mesmo fio da receptividade, ou do render-se e envolve também o estado de observação, no qual o observador rende-se às ideias sem julgá-las excessivamente, ou seja, sem fazer uma seleção demasiadamente crítica ou seletiva, um estado que, segundo Freud, “é análogo ao estado que precede o adormecer” (*Ibidem*, p. 123).

Dada a complexidade desse estado, Freud, tal como Bion, recorre também aos poetas. Ele cita a célebre carta do filósofo-poeta Friedrich Schiller, que aconselha Körner, diante das queixas sobre sua escassa produtividade literária, em 1º de dezembro de 1788. O trecho é longo, mas é muito interessante. Apreciamo-lo, portanto, em sua íntegra:

A razão de tua queixa, segundo me parece, **se encontra na coação que teu entendimento impõe à tua imaginação.** Neste ponto, preciso esboçar um pensamento e lhe dar uma forma sensível por meio de uma imagem. Não parece bom, além de desvantajoso para as obras criativas da alma, quando o entendimento examina com demasiada severidade, já nos portões, por assim dizer, as ideias que chegam. **Considerada isoladamente, uma ideia pode ser muito insignificante e muito excêntrica, mas talvez ela se torne importante por meio de outra que venha depois dela; talvez, numa certa ligação com outras ideias que talvez pareçam igualmente insípidas, ela possa resultar num elo bastante útil: o entendimento não pode julgar tudo isso se não conservá-la pelo tempo suficiente para vê-la em ligação**

**com essas outras. Em compensação, numa cabeça criativa, me parece, o entendimento suspende a vigilância dos portões, as ideias entram de maneira desordenada e só então ele observa e avalia a multidão.** Vocês, senhores críticos, ou seja lá como for que se chamem, têm medo ou vergonha da loucura momentânea e passageira que se encontra em todos os criadores típicos e cuja maior ou menor duração distingue o artista que pensa do homem que sonha. Daí as queixas de esterilidade, **pois vocês rejeitam cedo demais e separam com rigor excessivo** (Freud, 1900 [2012], p. 124, grifos nossos).

Vejam que Schiller, a seu modo, descreve a própria atenção flutuante ao aconselhar Körner sobre como lidar com as ideias: esperando e conservando-as em pousio até que se liguem para formar elos de sentido. A ideia de abertura está implícita na suspensão da vigilância dos portões, sugerindo que algo em nós deve se deixar levar, permitindo que as ideias fluam livremente como um rio. Nesse estado, o observador fica de fora, assistindo seus próprios pensamentos com distanciamento, sem precipitação. Contudo, há uma ação delicada envolvida novamente: a observação.

É necessário um esforço para manter o estado em que as ideias fluem livremente, sem o bloqueio excessivo da razão. A “severidade crítica”, como afirma o poeta Schiller, impede a possibilidade da imaginação e da criação. Freud, ao expor esta carta, nos fala sobre a importância do equilíbrio dinâmico entre razão e imaginação, que proporciona mais liberdade ao pensamento. Nesse processo, é também importante ressaltar como a capacidade de observação é fundamental para manter essa harmonia, pois ela é também uma atividade mental que sustenta a liberdade e a expansão do pensamento.

Ao apresentar e discutir a atenção flutuante e suas conexões com a capacidade negativa, buscamos destacar a importância dos elementos envolvidos, conforme já anunciado por Freud. Nesse sentido, podemos ver que Freud sublinha a importância não apenas de tolerar ambiguidades e paradoxos no trabalho analítico, mas de evitar reduzi-los.

A atenção flutuante e a capacidade negativa compartilham o objetivo de acessar o discurso do inconsciente, exigindo que o analista mantenha uma postura de observação paciente e receptiva. Essa postura acolhe o tempo de silêncio, pausas e hiatos necessários para que novas percepções e significados possam emergir. Assim, tanto o analista quanto o paciente podem acomodar-se a um novo ritmo, menos acelerado. Esse processo envolve uma capacidade de imersão e espera, permitindo que a compreensão se revele gradualmente, uma vez que permite uma relação mais 'porosa' com o inconsciente.

Portanto, a reflexão sobre a atenção flutuante e a capacidade negativa nos aproxima da dimensão e da relação que o analista deve considerar ao buscar tangenciar o discurso inconsciente. O analista deve render-se à sua própria atividade mental inconsciente, “micro-oscilando” diante das possíveis conclusões e buscas da razão, e mantendo uma abertura constante para novas possibilidades de entendimento, até que um clarão surja sobre a sua mente.

Vimos nesta primeira seção que a atenção flutuante e a capacidade negativa possuem não só fios subterrâneos, mas também raízes aéreas, ou seja, conexões muito diretas e aparentes. A seguir, exploraremos outro fio subterrâneo da capacidade negativa.

### 3.2 Sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia

O estado de mente sem memória e sem desejo foi concebido por Bion entre 1965 e 1967, quando proferiu duas palestras à Sociedade Britânica de Psicanálise: *Memória e Desejo* e *Notas sobre Memória e Desejo*. Nesta última, ele enfatiza questões práticas relacionadas à clínica psicanalítica em um texto breve e conciso.

No início de *Memória e Desejo*, Bion (1965b[2014]) nos intriga com a seguinte afirmação enigmática: “este é um artigo sobre um evento que ainda não ocorreu” (Bion, 1965b[2014], p. 7, tradução nossa). Essa afirmação reflete a essência de sua compreensão metapsicológica: “O único ponto de importância em qualquer sessão é o desconhecido. Nada que distraia a intuição disso deve ser permitido” (Bion, 1967[2014], p. 206, tradução nossa).

Bion destaca a importância de encarar cada sessão com uma postura de opacidade em relação à memória, ao desejo e à compreensão prévia<sup>14</sup>. Ele convida o analista a lidar com o *aqui e agora da sessão transferencial*, sem memória ou registro, sem expectativas ou desejos de cura. Assim, ele propõe uma radicalidade que se apoia no desconhecido, reposicionando o paradigma de uma compreensão linear e causal para uma compreensão pautada nos sentidos. Tal como afirma Civitarese (2019), nós “sabemos” o mundo não somente de forma abstrata e

---

<sup>14</sup> Iremos simplificar o enunciado completo, para sem memória sem desejo. Contudo, vale aqui uma breve explanação sobre o termo “sem compreensão prévia”: Ao explicar o termo “sem compreensão”, de “Sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia”, Rocha Barros (2024) destrincha o termo compreender, a partir do inglês, que é *understanding*. Ele explica que *under*, significa “embaixo”, vem de um termo medieval, que significa “entre”, “no meio de”. E *standing* contém um sentido postural, de mobilidade: *standing under*, “estar parado no meio de” (Rocha Barros, 2024, p. 39). O autor resgata, portanto, a ideia de que a compreensão também contém a ideia de inércia e submissão, de paralisia. Dessa forma, Barros explica que o termo “não compreensão” sugere que não fiquemos parados “no meio de”, acreditando que estamos vendo tudo (Rocha Barros, 2024, p. 38).

intelectual, mas também através de nossas emoções, cinestésica e corporal (Merleau-Ponty, 1945, *apud* Civitarese, 2019, p. 759, tradução nossa).

Aqui, podemos ver que os fios da atenção flutuante e a faculdade da observação comungam e convergem para a ideia, enfatizada por Bion, de que o analista deve captar o que emerge do inconsciente, em uma abertura total e receptiva ao novo e ao desconhecido, permitindo, assim, o desenvolvimento de sua intuição.

Bion propõe uma concepção de memória diferente da baseada nos estudos de Freud (1911) em *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Psíquico*, onde a memória é vista como um sistema de notação. Este sistema de notação responde a uma necessidade inadiável de descarga motora no psiquismo, permitindo à memória recorrer às impressões sensoriais armazenadas. Segundo Bion, a memória descrita por Freud deriva desse sistema, que faz parte do princípio de prazer e está intimamente ligada ao fundo sensorial dos sentidos. Nesse contexto, os elementos armazenados estão frequentemente associados ao doloroso ou ao desagradável. Além disso, esses registros são evocados de forma urgente e por uma necessidade imediata, sem esperar por sua aparição espontânea. Bion destaca que esse tipo de memória possui um escopo muito limitado, uma vez que está fundamentalmente enraizada nas experiências sensoriais primitivas e nas respostas ao prazer e à dor.

O aparelho perceptivo-sensorial faz parte do Eu consciente, mas o que Bion propõe é uma forma de comunicação que transcenda o registro perceptivo-sensorial e a interpretação verbal, alcançando, sobretudo, a capacidade de o analista utilizar o seu próprio pensamento e intuição, sem recorrer ao já sabido. Dessa forma, o desejo de lembrar de algo pode surgir como uma forma de defesa, uma defesa contra o medo do abismo de não saber. Um analista com medo e ansioso recorre à memória e ao entendimento para sentir-se seguro e afasta-se, portanto, da possibilidade de realmente ver e acessar a verdade. Nesse sentido, Bion afirma: “um analista com essa mente é alguém incapaz de aprender porque está satisfeito” (Bion, 1970 [2014], p. 245, tradução nossa).

Bion também afirma que “memórias” podem ser consideradas “posses” e “desejos”. Em uma sessão, por exemplo, Bion observa que, se o analista não se despojou deliberadamente de memória e desejo, o analisando pode 'sentir' isso. Dessa forma, o paciente pode ser dominado pela sensação de estar possuído pelo desejo do analista — seja “de cura, de presença ou de bem-estar”, o que pode fazer com que o paciente se sinta preso e contido no estado mental do analista.

Bion (1967) estabeleceu uma distinção entre o tipo de memória que interfere na receptividade analítica e outro tipo, mais semelhante a um sonho lembrado repentinamente,

uma memória involuntária, algo que “surge à vista”. Para esse fenômeno, ele preferia o termo “evolução”. Bion afirmava: “Da escuridão e do informe, algo evolui” (Bion, 1967[2014], p. 206, tradução nossa). Esta evolução remete a algo que surge espontaneamente, sem ser deliberadamente evocado, e se assemelha à “memória inconsciente” referida por Freud, ao apresentar a atenção flutuante. Nesse sentido, esta memória não teria um fundo sensorial, e sim uma qualidade onírica, na qual algo pode surgir e ficar totalmente presente, ou inexplicável e subitamente ausente (*Ibidem*, p.206). Nos termos do matemático Henri Poincaré, “o pensamento é apenas um relâmpago entre duas longas noites, mas esse relâmpago é tudo”.<sup>15</sup>

Já em relação ao desejo, Bion refere-se a ele enquanto “algo positivamente cobiçoso”. (Bion, 1965b[2014], p. 8, tradução nossa). Bion sugere então uma disciplina que reconhece ser difícil de alcançar, que é se livrar do hábito de lembrar as coisas e tentar livrar-se do hábito de desejar ou querer qualquer coisa “enquanto você está predominantemente envolvido em seu trabalho” (*Ibidem*, p. 8). Assim como os desejos, dizia que evitava ‘entretê-los’ e buscava dissipá-los de sua mente. Ademais, dizia afastar-se dos desejos de curar seus pacientes, de desejar seu bem-estar e preocupar-se com o futuro deles. Tais desejos, afirmava Bion, “corroem a força do analista para analisar e levam a uma deterioração progressiva de sua intuição” (Bion, 1970 [2014], p. 268, tradução nossa).

Ele prossegue discorrendo sobre a interação entre desejo e memória, ao observar que frequentemente nos lembramos de coisas que gostaríamos de possuir. Bion, assim, enfatiza que a memória opera como um recipiente no qual “se guardam esses objetos que se deseja” (Bion,1965b[2014], p. 8, tradução nossa).

Portanto, Bion considera que, justamente, estar sem memória e sem desejo é fundamental para poder suportar e sustentar a angústia diante do inominável e da sessão do amanhã, elucidando, portanto, aquela sua enigmática frase mencionada no início deste tópico. Ele afirma que, caso contrário, o analista estará sob ‘uma areia movediça’ de desejo, que acaba por deteriorar a faculdade não só da sua intuição, mas também de observação analítica.

Bion igualmente ressalta que é necessário abandonar o hábito de lembrar e desejar coisas, o que demanda um esforço considerável e, sobretudo, disciplina. Com essa tentativa, ele buscava estabelecer uma regra: “como se alguém pudesse fazer regras para o treinamento psicanalítico. Esse é o tipo de regra que eu gostaria de fazer” (Bion, 1965b [2014], p. 13, tradução nossa). Embora Bion alegue desconhecer as consequências de suas recomendações

---

<sup>15</sup> No original: “Thought is only a flash between two long nights, but this flash is everything” (Bion, na abertura do livro *Cogitations*, 1992[2014], s.p.).

técnicas, podemos ver que ele já intui aqui as primeiras sementes do que posteriormente chamará de capacidade negativa:

Para ver claramente, realmente **é necessário estar bastante cego** – metaforicamente e literalmente. É realmente uma espécie de falta positiva de qualquer coisa na mente, se é que se pode dizer assim; que quanto mais escuro o ponto que você deseja iluminar, mais escuro você tem que estar – você tem que bloquear toda luz para poder vê-lo (Bion,1965b[2014], p.13, tradução e grifos nossos).

Chris Mawson(2014), editor das obras completas de Bion, observa que, no trecho acima, Bion faz referência a uma carta de Freud escrita a Lou Andreas Salomé em 25 de maio de 1916. Veremos mais adiante que essa mesma carta servirá de inspiração para Bion (1977) na formulação do conceito de capacidade negativa. Contudo, adiantemos aqui que, nela, Freud menciona um ‘ponto obscuro’ onde ele ‘se cega artificialmente’. Vejamos o trecho dessa carta:

Eu sei que escrevendo tenho que me cegar artificialmente para poder focar toda a luz em um ponto escuro, renunciando a coesão, harmonia, efeitos edificantes e a tudo aquilo que chamamos de elemento simbólico, assustado, como estou, com a experiência de que qualquer reivindicação, qualquer expectativa carrega dentro o perigo de destruir a verdade, apesar de podê-la embelezar (Freud, 1916 [1975], p. 65).

James S. Grotstein (2024), psicanalista e ex-analisando de Bion, nos auxilia a aprofundar essa ideia de cegamento. Ele relata que, após uma sessão com Bion, este leu esta mesma carta de Freud para ele. A partir deste evento, Grotstein fez as seguintes anotações:

Ao conduzir uma análise, deve-se **lançar um feixe de intensa escuridão** para que algo que até então estava obscurecido pelo brilho da iluminação possa brilhar ainda mais na escuridão. Percebi que esta foi a declaração que se tornaria o fio de Ariadne que permeia o pensamento posterior de Bion (Grotstein, 2024, p. 24, tradução e grifos nossos).

O autor explica que esta ideia de feixe se refere à ideia de apagar a luz do que sabemos, mergulhando em uma zona abissal de completa escuridão. A escuridão é ‘intensa’ porque não se trata de encontrar qualquer coisa, mas, antes, de buscar ver, através dessa intensa escuridão, muito além do que se apresenta diante de nossos olhos. Grotstein faz uma analogia com a mitologia grega, mencionando Ariadne, que auxiliou Teseu a escapar de um labirinto. Ela deu a ele um fio que ele poderia desenrolar enquanto caminhava. Após matar o Minotauro, Teseu refaz seu caminho seguindo o fio que deixou para trás.

Ao discutir as recomendações de Bion sobre a técnica, Grotstein utiliza a analogia da visão noturna, afirmando que Bion sugeria que a postura do analista em sessão deveria assemelhar-se a um contraponto mental à visão noturna (Grotstein, 2024, p. 83, tradução nossa). Ele faz uma analogia com os bastonetes da retina que, durante à noite, ao invés dos cones, tornam-se os receptores efetivos de luz. Quanto menos luz disponível, mais ativas se tornam essas células sensoriais dos olhos.

A partir do estado sem memória e sem desejo, podemos testemunhar como a capacidade negativa emerge como uma ‘evolução’, da infirmitade e da escuridão do próprio Bion. Vejamos que, além da *supressão* de memória e desejo, nesta proposta de *cegamento* há em cena outra ação, que implica *a entrega* e *o deixar-se*. Essa atitude, por sua vez, está sustentada na espera e na confiança de que um fecho de luz irá clarear a questão. Tal como na música do cantor canadense Leonard Cohen: “Toque os sinos que ainda podem ser tocados/ Esqueça sua perfeita oferenda/ Há uma falha em tudo/ É assim que a luz entra”.<sup>16</sup>

Vimos até aqui as finas amálgamas entre o estado sem memória, sem desejo de compreensão e a capacidade negativa. Ao que nos parece, a evolução desse estado de mente para uma postura mais radical, que seria um cegar-se, irá desembocar na capacidade negativa. Vejamos, agora, os últimos fios desta instigante trama.

### 3.3 O ponto escuro e Atos de fé

Embora Bion ainda não tivesse definido conceitualmente a capacidade negativa durante o período em que desenvolvia suas ideias sobre memória, desejo e compreensão, ele desejava que este estado de mente fosse entendido através do *princípio apofático* descrito por John Keats como “Capacidade Negativa” (Mawson, 2014, p. 5, tradução nossa). Com esta ideia em mente, a seguir, exploraremos a capacidade negativa à luz da via apofática, a partir da qual discutiremos também o estado mental da fé.

Segundo Civitarese (2019), o conceito de fé esclarece melhor a capacidade negativa e, ao mesmo tempo, também é elucidado por ela. Ambos são, na verdade, “dois lados da mesma moeda”, uma moeda chamada receptividade. O autor ilustra essa relação por meio de uma interessante metáfora: “Se pensarmos na fotografia, a capacidade negativa é a imagem que é visivelmente latente apenas contra a luz, enquanto a fé é a fotografia desenvolvida a partir dela” (Civitarese, 2019, p. 767, tradução nossa). Vejamos como esta metáfora se desenvolve.

---

<sup>16</sup> Leonard Cohen em “Anthem”: “Ring the bells that still can ring/Forget your perfect offering/There is a crack, a crack in everything/That's how the light gets in”.

Ao apresentar a fé, Bion não a relaciona com uma ideia religiosa, o que seria, neste caso, uma saturação. Pelo contrário, ele faz apropriações interessantes para o campo psicanalítico, denominando-a uma “atitude científica”. Ele afirma:

Um “ato de fé” é peculiar ao procedimento científico e deve ser distinguido do significado religioso com o qual é investido no uso coloquial; torna-se apreensível quando pode ser representado em e pelo pensamento. Deve “evoluir” antes de ser apreendido e é apreendido quando se torna um pensamento, assim como o O do artista é apreensível quando foi transformado em uma obra de arte (Bion, 1970 [2014], p. 249, tradução nossa).

Para Bion, o “Ato de Fé”, tal como ele mesmo designa, ‘aumenta’ à medida que o psicanalista exerce a “disciplina” de estar sem memória e sem desejo. Dessa forma, ele encoraja o analista a ter *a íntima convicção de* que algo na sessão irá evoluir. Esta disciplina nos remete ao que vimos anteriormente em atenção flutuante, quando Freud diz que o analista deve ‘entregar-se à memória inconsciente’. Nesse sentido, há uma postura de entrega e confiança. Ao suspender memória, desejo e compreensão, deve haver um *cegamento* da razão, na qual a fé constitui um elemento essencial, operando como faróis baixos para a visão.

Bion buscou a fé como uma atitude mental para possibilitar o contato com uma realidade ainda não formada e com o desconhecido, ou seja, com o que está para além do que se pode pensar. Uma atitude que transcende a compreensão, mas que ainda é uma visão a partir do contato com uma zona indiferenciada, a qual ele denominou uma ‘camada alucinatória’, uma camada onde nascem os pensamentos, tal como uma camada embrionária da vida psíquica. Essa região, segundo Vermote (2019), pode ser vista como pertencente a “um espaço infinito. É a base de onde tudo é transformado” (Vermote, 2019, p.142, tradução nossa).

Em *Transformações* (1965a), podemos ver a relação que Bion faz com o estado de mente sem memória e sem desejo e a fé, ao citar o místico espanhol da teologia apofática<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> A teologia apofática tinha como finalidade buscar Deus pela negação, no qual através “do nada, chegava-se ao tudo”. Dessa forma, reconhecia-se a limitação em definir Deus e seus atributos de maneira racional e, através da negação, enfatizava-se o que Deus não é, em vez de tentar descrever o que Ele é, transcendendo, assim, qualquer esforço racional. “*The apophatic or negative way stresses God's absolute transcendence and unknowability in such a way that we cannot say anything about the divine essence because God is so totally beyond being. The dual concept of the immanence and transcendence of God can help us to understand the simultaneous truth of both "ways" to God: at the same time as God is immanent, God is also transcendent. At the same time as God is knowable, God is also unknowable. God cannot be thought of as one or the other only*”. (Belzen, Jacob A.; Geels, Antoon (2003), *Mysticism. A Variety of Psychological Perspectives*, p. 84-87.)

São João da Cruz (1581 [1960]). Bion cita uma passagem de *A Subida ao Monte Carmelo*, livro escrito pelo místico, que trata do caminho espiritual em busca de Deus, que com base nos princípios ascéticos, São João da Cruz discorre sobre a renúncia e a entrega, um caminho marcado pela austeridade e pela ausência de complacências, em que ele percorre a *Noite Escura da Alma*, descrita belamente em forma de um poema. Bion faz uma referência aos trechos em que o místico fala da importância de *suprir, negar e privar* o desejo por todas as coisas mundanas que se possui, o que nos remete diretamente ao estado de mente sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia. A fé, por sua vez, ocupava um meio para se chegar a essa noite escura, “uma fé que é igualmente tão escura quanto à noite para o entendimento” (São João da Cruz, 1581 [1960], p. 29).

O místico relata seu caminho pela noite escura do não saber, descrevendo o sofrimento pelo árido e angustiante deserto, um lugar de cegamento da razão em que se encontra a alma em sua busca por Deus. Apesar de árida, angustiante e dolorosa, essa noite é *bem aventurada*, pois, nessa escuridão, pode-se encontrar um terreno fértil que possibilita o crescimento espiritual, de acordo com o relato do autor. A fé, por sua vez, exigia do místico o despojamento interior e a vivência do nada, ou seja, um esvaziamento da vontade, da memória e do entendimento, para que, assim, pudesse ir em direção ao conhecimento divino. Nesse despojamento, o espírito encontra sua quietude e centra-se em sua humildade. Nas palavras do místico: “Nesta desnudez acha o espírito sua quietude e descanso, porque, nada cobiçando, nada o impele para cima e nada o oprime para baixo, porque está no centro de sua humildade” (São João da Cruz, 1581-85 [1960], p. 62).

Dessa forma, ao explorarmos a capacidade negativa pela via apofática e em consonância com a fé, podemos ampliar ainda mais nossa compreensão de ambos os conceitos. Analogamente ao crescimento espiritual do místico em sua busca e ardência por Deus durante sua noite escura, a capacidade negativa conduziria, para Bion, a uma expansão e um crescimento da mente na noite escura da alma do analista. Ambos os caminhos necessitam da crença e da convicção íntima, ou seja, da fé, para seguir: no caso do psicanalista, na possibilidade de tangenciar algum discurso do sempre enigmático inconsciente, da realidade psíquica e da experiência emocional de uma sessão; no caso do místico, no encontro com Deus.

Uma concepção igualmente valiosa nesta via apofática de compreensão é a ideia da humildade. Um cartuxo anônimo, místico apofático do séc. XIV, em *A Nuvem do Não Saber*<sup>18</sup>,

---

<sup>18</sup>ANÔNIMO DO SÉCULO XIV. *A Nuvem do Não-Saber*, Trad. D. Lino Correia Marques de Miranda Moreira. Petrópolis: Ed. vozes, 2008, cap. X, p. 58.

afirma que a humildade “nada mais é do que a verdadeira consciência de nós tal como somos”. O cartuxo descreve as condições da humildade, dentre as quais está o reconhecimento da miséria, da precariedade e da fragilidade da vida humana. A partir desse reconhecimento profundo, diante de todo o poder e conhecimento abismal que separa criador e criatura, analista e mistério inconsciente que está além da compreensão racional, cabe à fé alcançar alguma intuição, ou seja, um lampejo no incognoscível a partir de sua capacidade negativa. Vejamos esse abismo, nas palavras de Bion:

Mesmo os cientistas não podem calcular a distância ao nosso vizinho mais próximo de forma mais exata do que entre um e dois milhões de anos-luz – uma medida da vasta ignorância da mente humana em seu nível mais sofisticado, matemático e científico. Da mesma forma, o método mais profundo de investigação que conhecemos – a psicanálise – provavelmente não fará mais do que arranhar a superfície (Bion, 1973 [2014], p. 34, tradução nossa).

No campo psicanalítico, o reconhecimento da humildade deve ser considerado de suma importância. Mais do que uma virtude, a humildade é uma atitude essencial para a prática psicanalítica, pois pode atuar como uma âncora para a sede de saber e para os voos interpretativos, lembrando-nos constantemente que estaremos sempre “arranhando superfícies”. Bion afirma: “Esta é uma das razões pelas quais a modéstia convém ao analista: a arrogância não” (Bion, 1973 [2014], p. 34, tradução nossa). Com humildade, o analista não só se reposiciona em seu não saber momentâneo, mas também se torna mais receptivo e aberto, o que lhe permite ir em direção a uma expansão e a um crescimento. Como afirmou o místico apofático alemão do século XVII, Angelus Silesius (1996): “A impotência que pode. Quem nada deseja, nada tem, nada sabe, nada ama nem quer. Sempre muito mais tem, sabe, deseja e ama” (Silesius, 1996, p. 32).

Nesse sentido, podemos pensar na humildade enquanto uma atitude, mas também enquanto uma *prudência e uma disciplina* diante de nosso ofício. Assim, o analista pode reprimir em seu arvoreamento, em suas certezas e pretensões e em sua ilusão de onipotência, como afirmou Sándor Ferenczi 1913 [1992], esta “megalomania incurável da humanidade” (p. 231). Se partirmos desse pressuposto de que a megalomania é incurável, a ideia de humildade e do seu reconhecimento poderia ser uma forma de remediá-la.

A humildade e a fé, no nosso entendimento, também se restauram e se nutrem mutuamente. Com humildade, o analista pode reconhecer sua precariedade e fragilidade e cultivar sua capacidade negativa com o lastro da fé, favorecendo também o crescimento e a

expansão de sua mente. Contudo, esse é um crescimento negativo, como nas palavras de Donald Winnicott (1970), um “crescer para baixo” (*to grow downwards*). Em suas curtas e sábias palavras: “Há muito crescimento que é crescimento para baixo. Se eu tiver uma vida razoavelmente longa, espero encolher e tornar-me suficientemente pequeno para passar pelo estreito buraco chamado de portas da morte” (Winnicott, 1970 [2012], p. 249-250).

Para aprofundarmos ainda mais a nossa compreensão da fé e da capacidade negativa, é importante compreendermos a ideia de “O”, uma abstração formulada por Bion. O conceito de O é um objeto psicanalítico, uma abstração complexa e de difícil definição devido à sua própria natureza incognoscível<sup>19</sup>. Em decorrência disso, faremos breves aproximações com base no que entendemos ser a intenção de Bion ao introduzir este conceito.

Bion descreve O como a verdade última, uma realidade essencial que está além da cognição completa e do conhecimento racional. Com as qualidades de um objeto infinito, incognoscível e obscuro, Bion buscava nomear uma camada de onde os pensamentos “surtem” e que não pode ser definida, pois é o não sensorial e não poderia ser pensada. Assim ele se refere ao citar o poeta Milton: “[...] o nascente mundo de profundas, escuras águas; arrebatado ao infinito vazio e sem forma” (Milton *apud* Bion, 1965b [2014], p. 261, tradução nossa). No entanto, O pode transformar-se e evoluir e, assim, podemos captar suas manifestações que se fazem perceptíveis. Essa percepção, segundo o autor, será sempre imperfeita e limitada, e somente possível *cegando-se artificialmente* e eliminando, assim, memória e desejo e compreensão prévia. Nesse processo de percepção de O, Bion se vale do que ele chama de F em sua obra:

Freud disse que teve que ‘cegar [a si mesmo] artificialmente para concentrar toda a luz em um ponto escuro’. Isso fornece uma formulação útil para descrever a área que desejo cobrir por F. Ao tornar-se ‘artificialmente cego’ pela exclusão da memória e do desejo, alcança-se F; o feixe penetrante de escuridão pode ser direcionado para os aspectos obscuros da situação analítica. Através de F, pode-se ‘ver’, ‘ouvir’ e ‘sentir’ os fenômenos mentais cuja realidade nenhum psicanalista praticante tem dúvidas, embora não possa representá-los com precisão por formulações existentes (Bion 1970 [2014], p. 269, tradução nossa).

A partir do trecho acima, notamos que Bion destaca a fé como este fecho estreito de luz que possibilita o caminhar no escuro. Ele sugere que, por meio da fé, pode-se captar, ainda que imperfeita e limitadamente, uma evolução. Evoluções essas que aparecem com a fé, e apenas com ela é possível ver, ouvir e sentir. Para Bion, o contato com O, portanto, permite

<sup>19</sup> Civitarese discute a peculiaridade desse conceito na obra de Bion e a multiplicidade de interpretações do termo em diferentes campos do conhecimento. CIVITARESE, G. Os nomes de O: Bion é um místico? *Revista de Psicanálise da SPPA*, [S. l.], v. 30, n. 3, 2023. Disponível em: <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/930>. Acesso em: 23 jul. 2024.

uma transformação em O T(O), ou que é diferente de uma compreensão de um significado. Seria, na verdade, uma *redenção* ao significado.

Bion, nesse sentido, vai aprofundando e expandindo ainda mais a nossa compreensão, ao propor a convergência entre a fé e a capacidade negativa para o mesmo propósito, promovendo um desenvolvimento, um interessante movimento. Vejamos, nas palavras de Figueiredo (2023):

Dada a incognoscibilidade de O, o que cabe ao analista é “tornar-se o O” da situação analisante [...] Trata-se de tornar-se o O do próprio encontro analítico, ou seja, é o tornar-se O do analista como compartilhamento do O da experiência psicanalítica vivida por ambos, pelo analista e pelo analisando, uma dimensão mais ontológica do que epistemológica do processo (Figueiredo, 2023, p. 13).

O analista que se transforma em O T(O), por sua vez, é um analista verdadeiro, vívido e presente *no aqui agora transferencial*. Quanto mais conciliado está consigo mesmo, mais ele pode aproximar-se da realidade do paciente. Bion sugeria que, nessa transformação, quanto mais real for o analista, mais ele poderá estar unido [*be at one*] com a realidade do paciente. (Bion, 1970 [2014], p. 244, tradução nossa). Nesse processo intersubjetivo, o analista é capaz de não somente acessar a realidade do paciente, mas também lançar um fecho de luz sobre o próprio ser, o próprio *self* do analisando. Do contrário, “passamos e frequentemente desperdiçamos uma vida caminhando na sombra de nosso último e não reivindicado *self*” (Grotstein, 2024, p. 25, tradução nossa). Aqui, é possível associar a suspensão do desejo de cura do paciente ao cerne da proposta de Bion, uma vez que não se trata de curar o *self*, mas de revelá-lo.

Embora esse tema esteja longe de esgotar-se, podemos aqui momentaneamente pensarmos quão bem-aventurado pode ser o caminho de buscar compreender a capacidade negativa e a fé. A sensação é de estarmos em uma areia movediça, em uma busca pelas palavras que nos parecem ora opacas, ora fugidias. É espantosa a realização de que, nesta penumbra de associações, o que nos parece é que Bion nos forja *a sermos* para que assim *possamos compreendê-lo*. A compreensão nos chega, assim, como um atravessamento e um maravilhamento, como nos lembra o escritor argentino Jorge Luis Borges citando o poeta inglês Robert Browning: “Quando nos sentimos mais seguros, algo acontece, um pôr do sol, o final de um coro de Eurípedes, e outra vez estamos perdidos” (Borges, 1980, p. 43, tradução nossa).

## Capítulo 4 – A Capacidade Negativa e Suas Torções

“A capacidade da mente depende da capacidade do inconsciente – Capacidade Negativa.”  
(Bion, *Cogitations*, p.292)

Em 1970 [2014], Bion faz sua primeira referência à capacidade negativa. É em *Atenção e Interpretação* (1970) que ela ganha destaque, no último capítulo do último dos quatro grandes livros teóricos de Bion, frequentemente designado como pertencente ao “segundo Bion”. Por isso, Civitarese (2019) afirma que “hoje, pode-se argumentar que capacidade negativa teria sido um título mais apropriado para 'Atenção e Interpretação'” (Civitarese, 2019, p. 756, tradução nossa). Esse também é o período em que a odisseia psicanalítica do autor atinge seu ponto culminante de criatividade e liberdade.

Certamente, o posicionamento em que se encontra a capacidade negativa na obra de Bion evidencia que ela é não só a evolução de suas ideias, como também um fruto maduro evoluído de seus pensamentos. Podemos compreender esta relação a partir da relação direta, tal qual está na epígrafe que Bion faz da capacidade negativa com o inconsciente. Assim, podemos ter uma ideia de que a natureza da capacidade negativa é tão fugidia e incognoscível quanto o próprio inconsciente.

Neste capítulo, abordaremos a capacidade negativa em seu surgimento helicoidal<sup>20</sup> na obra de Bion, reaparecendo viva e continuamente, mas cada vez de uma forma ligeiramente diferente. Seguiremos a ordem cronológica estabelecida por Civitarese (2019) apresentando agora, não os fios subterrâneos, mas a capacidade negativa descrita nas palavras do próprio Bion.

### 4.1 O surgimento helicoidal da capacidade negativa em Bion

A menção mais recente de Bion ocorreu em *Cogitations*<sup>21</sup> no ano de 1992, em que o autor associou a ideia de capacidade negativa ao trabalho do inconsciente, de forma mais pontual. A década de 1970, porém, constituiu o período mais profícuo para o desenvolvimento conceitual da capacidade negativa. Nesse período, Bion esteve no Brasil

<sup>20</sup>Esta é uma expressão de Bion: “A pessoa volta às mesmas coisas, só que em um nível algo diverso”. (Bion, 1976/1987 p. 141).

<sup>21</sup>No original: “The capacity of the mind depends on the capacity of the unconscious - Negative Capability. Inability to tolerate empty space limits the amount of space available”. *Cogitations* (Bion, 1992 [2014], p. 292) [tradução nossa].

para apresentar seus trabalhos, que ficaram registrados na obra *Brazilian Lectures*<sup>22</sup> (1990). Na palestra proferida na cidade de São Paulo, em 1973, Bion relacionou o conceito de capacidade negativa a uma possibilidade de “crescimento da mente”. Entre 1975 e 1979, o conceito aparece em *A Memoir of the Future*<sup>23</sup> a partir de uma alusão ao Princípio da Incerteza, do físico Heisenberg, sem nenhum desenvolvimento mais profundo de tais ideias. Em 1977, Bion discursa na Sociedade Britânica de Psicanálise, intitulado “Capacidade Negativa”, no qual ele delimita o conceito de capacidade negativa. Seu tom é elucidativo e enfático: “É assim que quero usar essa capacidade. Não quero mais acrescentar termos técnicos da psicanálise, mas é uma maneira conveniente de resumir as coisas e deixar claro para vocês que é isso que quero dizer quando uso esse termo” (Bion, 1977b [2019], p. 131).

Em razão da extensão de sua palestra, destacaremos aqui alguns trechos importantes para o leitor. Muitos pontos abordados por ele serão não apenas uma recapitulação do que discutimos anteriormente, mas também uma revisão, agora, em suas próprias palavras, como mencionamos.

Bion (1977b) afirma que, frequentemente, enfrentamos não a carência, mas o excesso de conhecimento, teorias e técnicas. Ele enfatiza a importância de criar uma situação “tão obscura que um fio de vida aparecerá” e de instigar uma “espécie de faísca perpetuadora na escuridão deste ponto escuro” (Bion, 1977b [2019], p. 130). Nesse sentido, Bion discorre sobre a relação da capacidade negativa com a clínica, sugerindo que a capacidade negativa se faz importante em decorrência da possibilidade de ‘balizar’ uma sessão, ou seja, ele afirma que as sessões não devem ser saturadas de conversas e interpretações e, portanto, o analista deve *apoiar-se em sua capacidade negativa*, tolerando meias verdades, para alcançar realizações. Dessa forma, ele propõe que algo ‘aconteça’, para que a análise deixe de ser ‘eterna’.

Na complexidade dessa situação, caracterizada pela angústia decorrente do desconhecido, Bion propõe que seja inerente aos analistas ansiarem por uma interpretação tal

---

<sup>22</sup> Bion, *Brazilian Lectures*, p.125: “The analyst also has to be able to tolerate ignorance – his own – and his being in the presence of a mystery, a half-truth [see p. 48 – Negative Capability]. This seems to make it possible for the mind to have an experience in which it can grow. If the baby has a mother who is able to tolerate being frightened that the child is dying, or that it is mad, or stupid, then the baby seems to feel better for having such a mother. If she cannot tolerate it, neither can the baby who consequently seems unable to grow mentally. If it is going to grow it has to do so in a peculiar way; this, in turn, has the effect of making it grow a certain shape. Later, someone will say, ‘psychotic’, or ‘schizophrenic’, or ‘borderline case’ – it sounds just like a diagnosis”.

<sup>23</sup> Bion, *Memoir of the future*, p. 191: MYSELF: And have detected 'an uncertainty principle'! Imagine the fun that would be made if Bion or I were to announce the discovery of an 'uncertainty principle' (Bion, 1975[2014], p. 191).

que seja capaz de superar o impasse. Ele então sugere aos analistas que contem mais *com as próprias capacidades negativas do que com interpretações decodificadoras*, e ressalta a importância para ambos, analista e paciente, de serem capazes de tolerar as meias verdades. No que diz respeito ao analista, Bion adverte, inclusive, que ele seja capaz de tolerar que o analisando possa “ser incapaz de tolerar” (1977b [2019], p. 132).

Nesse contexto, Bion destaca a relevância de suspendermos nossos desejos, especialmente quando lidamos com pacientes que despertam emoções intensas em nós e evocam nosso desejo de curá-los. Bion acredita que se deve proceder com cautela, mantendo uma “visão bem baixa” (*Ibidem*, p. 134). Ele prossegue alertando que não devemos fixar nossa preocupação exclusivamente na cura do paciente, ao afirmar: “acredita-se que não seja bom que o cirurgião esteja excessivamente preocupado com o bem-estar do paciente, mas, sim, que esteja preocupado com o sucesso da operação” (*Ibidem*).

Ao longo da palestra, Bion faz uma relação da capacidade negativa com a dinâmica da posição esquizoparanóide e a posição depressiva. Bion utiliza suas próprias palavras, sugerindo que o analista transite entre estar “paciente” e “seguro”. Bion enfatiza a importância de que estar seguro é também ter uma “unidade recuperada” e em um certo sentido “sem ansiedade”. Dessa forma, sugere que a análise se transforme em uma experiência dinâmica para o próprio analista, propiciando seu crescimento.

Ao finalizar seu seminário, Bion afirma que a capacidade negativa não é só um estado, mas também uma característica do indivíduo, e propõe que ela possa ser um requisito importante no processo de seleção de futuros psicanalistas. Vejamos:

Penso que poderia inclusive ser útil ter essa ideia em mente em relação às questões de seleção de pessoas para treinamento e assim por diante. **Se alguém puder encontrar uma maneira pela qual se pode avaliar a capacidade negativa do indivíduo, então acho que poderia ajudar a deixar essa tarefa** (Bion, 1977b [2019], p. 135, grifos nossos).

Bion acreditava que a capacidade negativa poderia ser uma característica importante enquanto critério para pessoas que almejam se tornar psicanalistas; não aprofundou, porém, sobre como poderíamos identificar essa característica, somente apontou que ela é importante para as ‘questões de seleção’, ou seja, para os futuros analistas que desejam fazer formação. Relembremos que, no capítulo anterior, Bion já afirmava “como se alguém pudesse fazer regras para o treinamento psicanalítico. Este é o tipo de regra que eu gostaria de fazer” (Bion, 1965[2014], p. 13, tradução nossa). Essa não é, claramente, uma ‘característica’ fácil de ser avaliada, mas agora, já sabemos para onde ele nos leva.

Notamos até aqui, algumas hélices do conceito de capacidade negativa no decorrer dos anos. A seguir, apresentaremos ao leitor duas importantes torções que compõem o corolário da capacidade negativa: a Linguagem de Alcance, um conceito presente em *Atenção e Interpretação* (1970) e o Princípio da Incerteza, descrito em *A Memoir of the Future* (1975).

## 4.2 A Linguagem de Alcance

O conceito de Linguagem de Alcance aparece associado à capacidade negativa no último capítulo de *Atenção e Interpretação*, chamado “Prelúdio ou Substituto ao Êxito”. De acordo com Bion (1970) essa seria uma linguagem que inclui tanto um prelúdio para a ação, a exemplo da transformação em conhecimento, quanto uma espécie de ação em si mesma, como as transformações em O. O autor acrescenta que “o encontro entre psicanalista e analisando é, em si, um exemplo dessa linguagem”. (Bion, 1970 [2014], p. 328, tradução nossa).

Com base nessa definição, é possível inferir que “Alcance” [*Achievement*] se relaciona ao termo presente no trecho da carta do poeta John Keats, apresentada ao leitor anteriormente. Retomemos o trecho:

E de repente me ocorreu qual é a característica que entra na formação de um Homem de Realizações [*Man of Achievement*], especialmente em Literatura – e que Shakespeare possuía em tão alto grau – a capacidade negativa (Keats *apud* Bion, 1970, p. 327, tradução nossa).

Nessa mesma carta, Keats escreveu aos irmãos após ter retornado de um passeio pela manhã e ter visto a pintura *Death on the Pale Horse*, de Benjamim West. Ele conta aos irmãos sua impressão, dizendo que o quadro era maravilhoso, mas faltava nele algo, algo de intenso, de transformador, de eterno:

A excelência de toda arte está na sua intensidade, capaz de fazer evaporar todos os desconfortos, por estarem em estreita relação com a Beleza e a Verdade. Examine King Lear, e você verá isso exemplificado em toda a peça; mas neste quadro temos desagrado sem qualquer profundidade [...] (Keats, 1969 p. 308, tradução nossa).

Keats, assim, exaltava algo em Shakespeare que não identificava em West. Keats apontava para uma característica do dramaturgo inglês ligada à sua alta expressão artística,

uma linguagem profunda, que pudesse estar em fina sintonia com a Beleza e a Verdade e que pudesse alcançar realizações, como, por exemplo, *evaporar todos os desconfortos*.

Bardo, em suas tragédias, elevava a dúvida a uma ‘oitava acima’, sem se preocupar com respostas e conclusões e, ainda assim, sem deixar nada incompleto. Exemplo disso é em *Rei Lear* (1606) com seu grito final: “Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca”<sup>24</sup>. Ficamos sem saber se haverá desordem e perturbação e tampouco sabemos quem governará o reino após a morte do Rei Lear e de sua filha Cordélia.

Um episódio igualmente ilustrativo dessa sua mesma habilidade pode ser observado em *Hamlet*, quando o príncipe da Dinamarca, atormentado por suas dúvidas e incertezas, nos convida a compartilhar sua angústia diante dos dilemas e das dificuldades da vida, de seu fardo e do desconhecido, ao se questionar sobre ‘quais sonhos podem vir, no sono da morte’. Ele introduz esses dilemas com a célebre e atemporal pergunta: “Ser ou não ser, eis a questão”. Shakespeare nos lembra da imanência da dúvida, ao passo que nos lança para nossa transcendência, eternizando as perguntas sem respostas no coração da civilização.

Tendo em vista a natureza trágica da vida, Bion buscou essa Linguagem de Alcance para lidar com ela. Ele considerava a “linguagem problemática e pouco confiável” e, portanto, sugeriu que o psicanalista criasse seu próprio vocabulário. Aconselhou: “Reduza-as para cada vez menos e, em seguida, use-as muito parcimoniosamente, de forma muito precisa, apenas para dizer o que você quer dizer” (Bion, 1977a[2014], p. 66, tradução nossa).

Em seminário de São Paulo e Nova Iorque, Bion discute sobre o que deveria ser uma linguagem psicanalítica que pudesse ser diretamente associada à Linguagem de Alcance. Nessa entrevista, ele afirma que buscava uma linguagem dos poetas, uma linguagem duradoura que evitasse a ‘falha’ de uma sessão interminável e que fosse capaz de penetrar nesse ‘algo por trás’ das coisas, que fosse penetrante e atemporal, uma habilidade que ele julgava ser uma característica dos verdadeiros poetas, “como Shakespeare, que combinava palavras comuns de maneira a ressoar em inúmeras gerações” (Bion, 1980 [2014] p. 296, tradução nossa).

Além disso, ele também afirma que o analista deveria estar receptivo para algo que deseja ganhar expressão, permitindo, por exemplo, um pensamento sem pensador se alojar e se expressar através do analista. Ele buscava orientar o analista para que fosse capaz de falar uma linguagem que captasse e fosse sensível aos sinais mais rudimentares que o analisando não fosse capaz de expressar.

---

<sup>24</sup> Rei Lear em Cena III, ato V. Shakespeare, W. (1981). *Rei Lear*. Tradução: Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM Editores. (trabalho original publicado em 1606), p. 93

Alinhado à perspectiva de Bion, Sandler (2021), ao apresentar a “Linguagem de Alcance”, sublinha a importância de empregar uma linguagem capaz de “apreender minimamente uma transcendência com o paciente” (Sandler, 2021, p. 510). Em outras palavras, a linguagem utilizada na análise deve, conforme Bion sugere, assemelhar-se à capacidade de “ver e contar coisas invisíveis à visão mortal”, uma frase atribuída a um trecho do épico poema do século XVII, de John Milton, célebre poeta inglês, muito estimado por Bion. Vejamos um trecho dela:

Então me alimento de pensamentos  
 Que se movem voluntariamente em números Harmônicos  
 Como a ave vigilante canta na escuridão e  
 Escondida no mais sombrio abrigo  
 Afina sua nota noturna. [...]  
 Tanto mais, ó Luz celestial  
 Resplandeça internamente,  
 E a mente através de todos os seus poderes irradie  
 Plante ali olhos, toda névoa dali purifique e disperse  
 Para que eu possa ver e contar das  
 Coisas invisíveis à visão mortal<sup>25</sup>

Ao buscar a durabilidade das palavras, poderíamos aproximar o desejo de Bion às ideias presentes no poema de Carlos Drummond (1945[1967]) em *Procura da Poesia*, em que poeta diz: “Não osciles entre o espelho e a memória em dissipação/ Que se dissipou, não era poesia./Que se partiu, cristal não era”. (Andrade, 1967,p. 139). Vejamos que ambos reconhecem e descrevem a singularidade e a durabilidade da linguagem poética, destacando a distinção entre a mera dissipação e fugacidade das palavras da verdadeira essência poética, perene, atemporal. Nesse contexto, ambos os pensadores convergem na apreciação da capacidade única da linguagem de transcender e perdurar, de contemplar as mil faces secretas sob a face neutra de cada palavra, e encontrar uma linguagem que ressoe através do tempo e de gerações.

Grotstein (2024), por sua vez, sustenta que a “Linguagem de Alcance” é a “linguagem das emoções antes que elas se tornem representadas como conceitos ou ideias” (Grotstein, 2024, p. 113, tradução nossa). Nesse sentido, ele destaca a imperativa necessidade de o analista possuir atributos como a paciência e a equanimidade, sendo alguém habituado às

---

<sup>25</sup> Milton, *Paradise Lost*, (III, 1-55) (1608-1674): “Then feed on thoughts, that voluntary move Harmonious numbers; as the wakeful bird.Sings darkling, and in shadiest covert hid. Tunes her nocturnal note [...] “So much the rather thou, celestial Light, / Shine inward, and the mind through all her powers / Irradiate; there plant eyes, all mist from thence / Purge and disperse, that I may see and tell / Of things invisible to mortal sight”. [tradução nossa]

incertezas inerentes ao processo analítico, ou seja, familiarizado com a capacidade negativa. O autor enfatiza que, ao cultivar essas virtudes, o analista pode abrir-se de maneira significativa às emoções inconscientes que emergem espontaneamente, permitindo experienciar-se, isto é, “ele mesmo experimentando a completa presença de seu analisando” (*Ibidem*, p. 110).

A Linguagem de Alcance, segundo o autor, torna-se um meio que permite uma abertura e uma maior liberdade no espaço da mente consciente, para que o analista esteja presente, criativo, desperto. Uma linguagem que busca o inefável, o ser, mas sem cair em definições engessadas, formulações finais, respostas ou razões fechadas.

Grotstein (2024) resume sua compreensão ao afirmar que a “Linguagem de Alcance” se revela como a “linguagem paradoxal e apofática do tornar-se” (p. 113). De maneira poética, ele resume suas ideias evocando uma citação de Platão para ilustrar seus pensamentos: “O que é aquilo que é sempre e não tem devir, e o que é aquilo que tem devir sem nunca ser?”<sup>26</sup>

De acordo com Bion e seus intérpretes, portanto, a Linguagem de Alcance pode ser compreendida como um desdobramento e uma condição, uma linguagem que se alcança com a capacidade negativa. Em outras palavras, uma linguagem atemporal, que está para além da racionalidade e da lógica formal, que busca a essência e o devir, sem nunca se definir e sempre buscando a transcendência, a sua ‘oitava acima’. Uma linguagem aberta ao infinito.

Por meio da Linguagem de Alcance e inspirado por Shakespeare e sua capacidade negativa, portanto, devemos buscar mais do que respostas. Devemos lidar com os mistérios que vagueiam entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã metapsicologia.

### 4.3 O Princípio da Incerteza

Na sequência cronológica, somos conduzidos a *A Memoir of the future*<sup>27</sup> (1979). Nela, Bion relaciona a capacidade negativa ao Princípio da Incerteza, do físico Heisenberg<sup>28</sup>, no diálogo entre “*Myself*” e “Bion”. O psicanalista venezuelano López-Corvo (2023), em seu

<sup>26</sup> Platão em *Timeu Crítias* (27d5-28a4).

<sup>27</sup> Bion, *Memoir of the future*, p. 207: “MYSELF: And have detected 'an uncertainty principle'! Imagine the fun that would be made if Bion or I were to announce the discovery of an 'uncertainty principle'. BION: Keats discovered an 'uncertainty principle' which he called 'Negative Capability’”.

<sup>28</sup> Werner Karl Heisenberg, destacado físico teórico alemão e laureado com o Prêmio Nobel de Física em 1932, desenvolveu o Princípio da Incerteza em 1927. Apesar de reconhecermos a profundidade e complexidade de sua teoria, neste contexto, apresentaremos de maneira concisa, delimitando um recorte que visa estabelecer as conexões relevantes com as ideias exploradas por Bion.

“*Diccionario de la obra de Wilfred R. Bion*” (2023), explica, de maneira abrangente, que esse princípio implica que o momento ou localização de uma partícula subatômica (fótons) só pode ser medido no momento específico em que é encontrado, porque as condições necessárias para a precisão na observação das partículas estão em conflito direto com aquelas necessárias para a observação de sua posição (López, 2023, p. 246). Em termos simples, ao tentarmos medir com mais precisão a posição de uma partícula, enfrentamos uma limitação que resulta em uma menor precisão na medição de seu momento, conforme expresso por Bion:

Segundo Heisenberg, na física atômica, surgiu uma situação na qual o cientista não pode confiar na visão ordinariamente aceita de que o pesquisador tem acesso aos fatos, **pois os fatos a serem observados são distorcidos pelo próprio ato de observação**. Além disso, o campo em que ele deve observar a relação de um fenômeno com outro é ilimitado em extensão, e, no entanto, nenhum dos fenômenos "dentro" desse campo pode ser ignorado, pois todos interagem (Bion, 1965a [2014], p. 166, tradução e grifos nossos).

O autor nos chama a atenção para a necessidade de exercer cautela ao empregar nossa faculdade de observação, uma vez que o observador tem o poder de influenciar a própria realidade do fenômeno sob análise. Ainda que tais esquemas e imagens possam ganhar espaço no pensamento, Bion referia-se ao Princípio da Incerteza para nos alertar sobre os limites da nossa capacidade de pensar:

Mesmo os pensadores humanos mais avançados estão apenas em um estágio embrionário. **Apenas começamos a pensar; nem mesmo conhecemos as regras do pensamento; não sabemos o que fazer com essa capacidade recém-adquirida de pensar**. O Princípio da Incerteza de Heisenberg é uma etapa importante na jornada; **é lamentável que qualquer setor da humanidade deva ter certeza. Se há algo que é certo, é que a certeza está errada** (Bion, 1977b [2014], pp. 342-342, tradução e grifos nossos).

Com base no Princípio da Incerteza, portanto, Bion defende que, por mais elevadas que sejam as faculdades de pensar de uma pessoa, ainda estamos em estágios iniciais de compreensão. Poderíamos argumentar que estas ideias desafiam não apenas a suposta infalibilidade do analista, mas também questionam sua propensão a identificar-se com a

posição de “suposto saber”<sup>29</sup>. Nesse contexto, a relação com a incerteza, segundo Bion, assume o papel de orientar nossa faculdade de pensar.

Essa constatação nos conduz à reflexão de que não existe uma interpretação definitiva, resolutiva ou correta na prática analítica, uma vez que, em última instância, a certeza é ilusória. Essa perspectiva de Bion enfatiza a importância de abraçar e acolher a incerteza como uma característica intrínseca do processo analítico, buscando, assim, nos resguardar das armadilhas da presunção do saber. Inspirado nesse princípio, Bion reitera que:

Heisenberg afirmou claramente seu Princípio da Incerteza, mas em sua busca pela verdade, descobriu não apenas o Princípio da Incerteza, mas a possibilidade de que exista algo como incerteza. Mas a incerteza não tem cor, não tem cheiro; não é palpável, mas existe (Bion, 1977c[2014], p. 341, tradução nossa).

Barros (2023) afirma que o Princípio da Incerteza de Heisenberg, tal como os saberes da mecânica quântica, não “veio ao lume para empatar o progresso da ciência, da física, da astronomia, da mecânica celeste” (Barros, 2023, p. 26). O autor afirma que a ênfase na incerteza está intrinsecamente ligada à teoria das probabilidades, constituindo um apelo à busca por novas evidências e observações mais sofisticadas. Longe de paralisar o entendimento, essa abordagem destaca não sua ineficiência, mas as imprecisões do conhecimento adquirido, fomentando, assim, uma sofisticação nos novos modelos probabilísticos. Nesse contexto, a teoria da relatividade não só convoca a dedicação do pesquisador, mas sublinha a urgência de avançar na física, reconhecendo o caráter elusivo das partículas subatômicas associado à posição do observador.

Chuster *et al.* (2011) afirmam que a “capacidade negativa, princípio da incerteza, traduz a produção de uma forma de pensar psicanalítica que exclui a preocupação com a existência de causas, introduz a complexidade, cria um contexto produtivo onde as interpretações fazem parte de uma experiência emocional (Chuster *et al.*, 2011, p. 220). Não será nossa pretensão adentrar a teoria da complexidade, mas iremos nos valer de um belo

---

<sup>29</sup> Lacan cunhou o termo "sujeito suposto saber", ao designar a projeção que o analisando faz a figura do analista, desconhecido pelo sujeito. Tal projeção define a transferência, presumindo que o outro deva possuir o conhecimento

pensamento de Edgard Morin<sup>30</sup> para nos auxiliar a compreender um pouco mais sobre a “complexidade”.

À primeira vista, o céu estrelado impressiona por sua desordem: um amontoado de estrelas, dispersas ao acaso. Mas, ao olhar mais atento, aparece a ordem cósmica, imperturbável — cada noite, aparentemente desde sempre e para sempre, o mesmo céu estrelado, cada estrela no seu lugar, cada planeta realizando seu ciclo impecável. Mas vem um terceiro olhar: vem pela injeção de nova e formidável desordem nessa ordem; vemos um universo em expansão, em dispersão, as estrelas nascem, explodem, morrem. Esse terceiro olhar exige que concebamos conjuntamente a ordem e a desordem; é necessária a binocularidade mental, uma vez que vemos um universo que se organiza desintegrando-se (Morin, 1921[2005], p. 195).

O filósofo Edgard Morin nos convida a adotar um “pensamento complexo”, integrando estabilidade e transformação simultaneamente por meio de uma “binocularidade mental”, em que se exploram diversas dimensões e perspectivas. Essa ideia nos leva a refletir sobre uma frase vulgarmente dita em supervisão e seminários clínicos, “analisar é como consertar um carro em movimento”. Esta frase sugere que o processo analítico envolve uma dupla tarefa, o olhar preciso e outro dinâmico para um mesmo fenômeno, a possibilidade de que de a realidade pode estar sobreposta de muitos tempos e possibilidades, de que os fatos se apresentam de forma mútua e mutável, a todo tempo, a depender do vértice, da posição, do espectro através do qual olhamos um fato.

Gerber e Figueiredo (2019) afirmam que Bion sempre nos leva de volta para a nossa ignorância e as nossas incertezas, nos incitando a fazer contato com os nossos afetos e turbulências emocionais. Eles afirmam que a busca pela verdade e pelo conhecimento exige que mantenhamos uma postura cautelosa em relação às nossas teorias, pois, eventualmente, “o que nasceu como uma conquista do conhecimento transforma-se em resistência a conhecer” (p. 77) e, em última instância, em obstáculo à verdade. Eles ressaltam que não podemos prescindir delas, visto que elas são essenciais, mas precisamos reconhecer que qualquer uma delas pode converter-se em defesa e resistência à experiência emocional.

---

<sup>30</sup> Edgard Morin (1921) é um sociólogo e filósofo francês. Ele é conhecido por suas contribuições significativas para a teoria da complexidade, que busca compreender a natureza intrincada e interconectada dos sistemas, incluindo fenômenos sociais, culturais e científicos. A teoria da complexidade engloba elementos de incerteza, indeterminação e fenômenos aleatórios, estabelecendo, assim, uma relação intrínseca com a noção de acaso. Ela aborda o mundo em como uma totalidade indissociável, ao passo que propõe uma abordagem multidisciplinar para a construção do conhecimento, contrapondo-se à simples causalidade linear (Morin, 2005).

Podemos concluir, dessa forma, que Bion adotava a incerteza como a própria postura metodológica. Essa coerência com sua abordagem pode ser observada, por exemplo, no testemunho de sua esposa, Francesca em *Os dias dos nossos anos* (1994[2014]):

Ele acreditava que *'La réponse est le malheur de la question'*<sup>31</sup>; tanto em sua vida profissional quanto privada, os problemas estimulavam nele o pensamento e a discussão – nunca respostas. Suas respostas – mais corretamente, contracontribuições – eram, apesar de sua aparente irrelevância, uma extensão das perguntas. Seu ponto de vista é melhor ilustrado em suas próprias palavras: 'Eu não sei as respostas para essas perguntas – eu não te diria se soubesse. Acho importante descobrir por si mesmos'... **'Eu tento dar a vocês a chance de preencher a lacuna deixada por mim'**... 'Não acho que a minha explicação seja importante. **O que eu chamaria a atenção é a natureza do problema'**... **'Quando sinto uma pressão – é melhor eu me preparar no caso de você me fazer algumas perguntas – eu digo, dane-se, não vou procurar essas coisas em Freud ou em qualquer outro lugar, ou até mesmo em minhas declarações passadas – eu vou aguentar. Mas, claro, estou pedindo a vocês que também aguentem'** (F. Bion, 1994[2014], p. 103, tradução nossa, grifo nosso).

Vejamos como Bion mantinha um caráter um tanto opaco quanto a conhecer e dar respostas, permanecendo, de certa forma, misterioso e enigmático. Ao mesmo tempo, relacionava-se com o conhecimento de forma austera e cuidadosa, para não cair em pretensões. Prestemos atenção em como é bonito observar seu alerta “eu não vou procurar [...], eu vou aguentar” e o subsequente convite às pessoas para também aguentarem. O que seriam essas capacidades de aguentar? Esta é uma pergunta que norteará o capítulo seguinte.

Por fim, podemos dizer que a capacidade negativa, apoiada no Princípio da Incerteza, é a capacidade de olharmos espantados, toda noite, para o mesmo céu estrelado e suas muitas constelações, como se fosse sempre a primeira vez. Um céu que nos convida para o crepúsculo de nossas certezas, mas que nos indica a direção com suas muitas estrelas brilhantes.

---

<sup>31</sup> “A resposta é a morte da pergunta.” Frase atribuída a Maurice Blanchot (1907-2003), jornalista, escritor e crítico literário francês.

## Capítulo 5 - Capacidade Negativa e a sua Metapsicologia

Neste capítulo, entraremos na metapsicologia da capacidade negativa. Para tanto, iremos apresentar ao leitor alguns fios que conectam a capacidade negativa a partir da Teoria do pensar de Bion (1962[1994]). A partir da apresentação da teoria, buscaremos compreender a noção da ausência como um componente fundante do pensamento. Em seguida, abordaremos a ideia de “negativo”, que se liga de forma intrínseca à teoria do pensar e à centralidade da noção de ausência.

Para o desenvolvimento dessas ideias, usamos como referência bibliográfica a obra “A Teoria do Pensar”, de Bion (1962). Contaremos também com o comentador Paulo Cesar Sandler (2021) e seu dicionário “A Linguagem de Bion-Um Dicionário Enciclopédico de Conceitos”, bem como com Zimmerman (2008) e sua obra “Bion: da teoria à prática: uma leitura didática”. De forma pontual, recorri a outros autores psicanalistas, que também serviram de suporte às reflexões aqui desenvolvidas.

### 5.1 Para conhecer a verdade é preciso pensar: a teoria do pensar em Bion

Em *Formulação sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911[2010]), texto que foi fonte de grande inspiração a Bion, Freud afirma que o psiquismo faz uma exigência de desenvolvimento a partir do excesso de estímulos mentais, para então dar conta dos estímulos que não poderiam ser simplesmente descarregados pelo psiquismo:

Foi preciso que não ocorresse a satisfação esperada, que houvesse uma frustração, para que essa tentativa de satisfação pela via alucinatoria fosse abandonada. Em vez de alucinar, o aparelho psíquico teve então que se decidir por conceber as circunstâncias reais presentes no mundo externo e passou a almejar uma modificação real deste. (Freud, 1911 [2010] p. 65).

Freud levanta questões importantes, as quais serão os principais ramos de nossas ideias. Uma delas é a constatação de que a formação do pensamento implica a ausência do objeto. Para compreender melhor este aparelho psíquico, Freud nos brindou com dois importantes processos: o primário e o secundário. O primário está diretamente ligado às experiências de satisfação imediata das necessidades básicas, ligadas ao princípio do prazer; o processo secundário, por sua vez, está ligado ao princípio de realidade.

No processo primário, a mente é regida pelo princípio do prazer e alucina o objeto de satisfação. Contudo, se tal objeto de satisfação está ausente, essa alucinação vai sendo transformada na própria realidade externa. Portanto, para o desenvolvimento da atividade do pensamento, é necessária a entrada no princípio de realidade. Deste processo, se desenvolvem

as seguintes funções do Eu: a consciência, a atenção, o registro (a memória), o juízo imparcial e o processo de pensamento (Freud, 1911[2010], p.113).

A atenção, como função de examinar o mundo exterior, busca captar dados de realidade para serem utilizados futuramente, caso sejam necessários, e funciona como uma função antecipatória da mente. O registro das impressões aparece ao mesmo tempo que a atenção e tem como função a memorização das informações captadas. O juízo imparcial tem a função de contemporizar se dada ideia tem seu valor na realidade, baseado nos registros mnêmicos.

Anteriormente, havia a descarga pulsional, que era uma maneira de aliviar imediatamente os estímulos; agora, a descarga motora se converte em uma ação direcionada para a alteração apropriada da realidade, com as já mencionadas funções sendo desenvolvidas. A suspensão da descarga motora, que se tornou necessária, foi arranjada mediante o processo de pensamento que se formou a partir do imaginar (Freud, 1911[2010] p. 114).

O pensar, portanto, possui a função de desenvolver a tolerância à frustração decorrente da experiência vivenciada no encontro com a ausência do objeto de satisfação. Nesse sentido, o pensamento possibilita a lacuna de tempo entre o estímulo psíquico e sua descarga; em outras palavras, o pensar transforma a função da descarga motora.

## **5.2 A teoria do Pensar**

Em "Uma teoria sobre o Pensar" (1962 [1994]), Bion inaugura um dos pilares centrais de sua reflexão acerca do pensamento. O autor propõe que o ato de pensar emerge como resultado de um desenvolvimento imposto ao psiquismo pela pressão dos pensamentos preexistentes. Segundo ele, o pensar deriva de dois processos mentais distintos: o desenvolvimento dos próprios pensamentos e a evolução do aparato cognitivo para pensar. Ele expressa essa ideia ao afirmar que "o surgimento do pensar ocorre para lidar com os próprios pensamentos" (Bion, 1962 [1994], p. 158). Há aqui um ousado e belo paradigma sobre o pensar sendo inaugurado.

O autor aponta que o pensar pode ser classificado em diferentes graus de abstração, ou, usando as expressões próprias do autor, conforme a "genética de seu desenvolvimento". São elas: preconcepções, concepções ou pensamentos e, finalmente, conceitos (Bion, 1962 [1994], p. 159). Como ponto de partida de seu raciocínio, Bion faz referência a um modelo ilustrativo que se manifesta na expectativa inata que um bebê possui em relação ao seio:

Em outras palavras, quando o bebê é posto em contato com um seio, a preconcepção (a expectativa inata de um seio, o conhecimento *a priori* de um seio, um “pensamento vazio”) casa-se à percepção da realização; e é sincrônica com o desenvolvimento de uma concepção (Bion, 1962 [1994], p.159, tradução nossa)

As preconcepções correspondem à expectativa de objetos que ainda não são conhecidos. Elas são os pensamentos vazios, ou conhecimento *a priori*. São expectativas inatas que buscam o encontro com o objeto.

As concepções, por sua vez, relacionam-se a uma experiência emocional de satisfação e são fruto de um encontro satisfatório entre uma expectativa do objeto e o objeto real, ou seja, a realização. Elas correspondem ao encontro de uma realização positiva com uma preconcepção. Quando a preconcepção encontra uma realização negativa, o resultado é uma frustração. E então surge o pensamento, que nasce como uma solução apropriada para um problema a ser resolvido.

O processo do desenvolvimento da capacidade de pensar liga-se a uma ausência, e, a capacidade de tolerância à frustração, como podemos ver, é um fator importante neste processo. Vejamos:

[...] transpor o abismo de frustração entre o momento no qual se sente uma necessidade e o momento no qual alguma ação adequada para satisfazer tal necessidade culmina com satisfação. Assim, uma capacidade para tolerar frustração capacita o desenvolvimento do aparato psíquico de um modo que a frustração que já foi tolerada torna-se, por si mesma, ainda mais tolerável. (Bion, 1962 [1994], p. 160, tradução nossa)

Bion revela que a falta do seio da mãe pode inaugurar no bebê um espaço para pensar, para superar a frustração e a tolerância do ódio decorrente dela. Se tal capacidade de tolerar a frustração for suficiente, a experiência do “não seio” torna-se um elemento do pensamento, o que Bion denomina de função  $\alpha$ , responsável por integrar as sensações recebidas dos órgãos dos sentidos com as respectivas emoções.

Por outro lado, Vermote (2019) afirma que, se a capacidade de tolerância à frustração for insatisfatória, o “não seio”, internalizado como algo mau, deve ser afastado e expulso, através das identificações projetivas. Quando há o predomínio ou o uso excessivo de identificações projetivas, a distinção entre o *self* e o objeto externo fica prejudicada. Esse estado contribui para a falta de qualquer tipo de percepção de uma dualidade, já que o reconhecimento da distinção entre sujeito e objeto depende da noção consciente sobre dualidade: “A incapacidade de tolerar frustração faz com que a balança se incline no sentido

da fuga à frustração. O resultado é um afastamento que confunde a distinção entre *self* e objeto externo” (Vermote, 2019, p. 131, tradução nossa).

Aqui, aproximamo-nos da parte psicótica da personalidade, na qual as noções do espaço e do tempo ficam paradas e são desperdiçadas e destruídas, e aqueles processos que descrevemos (na função do Eu) são destituídos de espaço e tempo em suas qualidades. Disso, decorre o que Bion nomeou de “protopensamentos”, também denominados por ele como elementos  $\beta$ , elementos desintegrados. No transcurso da obra de Bion, é possível observar ainda mais a integração de suas ideias em seus textos sobre a psicose. Ele concebe o desenvolvimento da capacidade de pensar como um processo interativo, em que a identificação projetiva está também presente de forma saudável na relação entre o bebê e seu cuidador. Ele afirma:

O pensamento é um substituto para a descarga motora, embora ele não diga que a descarga motora deixa de funcionar como um método de aliviar a psique dos acúmulos de estímulos. Mas através da identificação projetiva, o próprio pensamento assume a função anteriormente confiada à descarga motora – ou seja, livrar a psique dos acúmulos de estímulos; como a “ação”, ele pode ser direcionado para alterar o ambiente, dependendo se a personalidade está voltada para a evasão ou modificação da frustração. (Bion, 1962[2014], p. 349, tradução nossa)

Suponhamos que a mãe, no caso, seja o cuidador. Imaginemos um bebê que sente que está morrendo e desperte nela medos de que está morrendo. Se essa mãe é capaz de tolerar as projeções do bebê, o bebê pode usar a mãe como instrumento para o processamento psíquico de dados sensoriais, tendo em vista que ele ainda não possui tal capacidade. A mãe, nas suas melhores condições, recebe esses medos e responde ao bebê, de forma que ele possa tolerar tais estados e torná-los gerenciáveis. Nessa dinâmica, as projeções podem tornar-se psíquicas, e a personalidade desenvolve a consciência, ou seja, “à medida que a função alfa torna as impressões sensoriais da experiência emocional disponíveis para a consciência e para o pensamento onírico, o paciente que não pode sonhar não consegue dormir e não consegue acordar.” (Bion, 1962[2014], p.275, tradução nossa). Nesse ponto, Bion introduz o conceito de função-alfa (abreviação de 'trabalho de sonho  $\alpha$ ')

Os elementos  $\alpha$  demonstram uma tendência à proliferação e à adesão mútua, dando origem ao que o psicanalista nomeou por “barreira de contato”. Essa construção, inspirada nas teorias de Freud, pode ser conceituada como uma membrana osmótica semipermeável que desempenha um papel crucial na delimitação entre os domínios do consciente e do inconsciente, bem como na demarcação entre os mundos externo e interno. Essa barreira atua

como um guardião, evitando invasões indesejadas entre essas dimensões, assemelhando-se, em certa medida, à função de um sonho ao proteger o estado de sono. Além disso, a “barreira de contato” confere ao sujeito a capacidade de transitar entre estados de vigília e de sono e de distinguir o presente do passado e do futuro, além de proteger a função *alpha* e a capacidade de atribuir sentido à experiência emocional.

Os elementos  $\beta$ , por sua vez, têm uma tendência à multiplicação, formando uma aglomeração desprovida de integração e de ligação entre si, caracterizada por Bion como a tela  $\beta$ . Em contraste com a “barreira de contato”, essa estrutura não permite a distinção clara entre o consciente e o inconsciente, entre a fantasia e a realidade, nem possibilita a elaboração de sonhos.

Clinicamente, essa dinâmica da tela  $\beta$  se manifesta em estados mentais confusos no paciente, ou na capacidade do paciente de induzir estados de confusão em outros. Nos pacientes psicóticos, a formação da tela  $\beta$  prevalece em relação à barreira de contato, bem como prevalecem os mecanismos e as defesas da posição esquizoparanóide em relação aos da posição depressiva. Dessa forma, o pensamento ganha uma qualidade concreta, e a simbolização fica impossibilitada.

Ademais, Bion descreve quatro traços básicos de uma pessoa que desenvolve uma afecção psicótica: i) uma preponderância intensa dos impulsos destrutivos, de modo que até o amor fica impregnado de sadismo; ii) Um ódio à realidade interna e externa e a tudo que contribua para a sua percepção; iii) um pavor ou um terror sem nome no qual a angústia e a aniquilação estão sempre iminentes; iv) a formação prematura e precipitada de relações de objeto.

O “pensamento vazio”, que predomina nos psicóticos, está ligado aos primórdios do pensamento, onde ainda não há sentido. Bion afirma que situações de angústia profunda podem ser vivenciadas como um “terror sem nome” (Bion, 1962, p.362, tradução nossa). Isso se configura quando o sujeito experimenta pela primeira vez a ausência do objeto essencial. Vejamos este vértice mais profundamente.

### **5.3 O negativo em Bion**

Os conceitos que acabamos de apresentar permitem agora que nos aprofundemos, com base em Sandler (2021), na noção de ausência, alicerçada na ideia do não seio e na tolerância à frustração, a fim de que possamos ampliar a compreensão do “negativo” da capacidade negativa.

Para tanto, retomemos a ideia do negativo da fotografia, na qual uma película transparente escura recebe impressões para poder produzir a imagem, processo este que requer tempo. Podemos pensar, portanto, que o negativo não é a falta completa, mas, sim, a tolerância a uma certa ausência. Essa distinção se faz necessária, pois, tolerar o ponto escuro, como nos ensinou Freud, e poder cegar-se artificialmente ao tolerar a ausência do objeto, nos levará a certos estados mentais importantes no processo de investigação. Para essa investigação, faremos a distinção entre a ausência e o vazio.

Tanto a ideia de ausência quanto a do vazio podem ser metaforizadas em duas frases frequentemente citadas nos textos de Bion. Por um lado, a ideia da ausência, ou da não coisa, pode ser encontrada no Livro III do Paraíso perdido, quando a cegueira de Milton o leva a fazer uma invocação teológica e filosófica da luz: “O mundo emergente de águas escuras e profundas / Extraído do infinito vazio e informe”; por outro, a ideia de vazio como o nada pode ser apreendida na frase expressa por Blaise Pascal: “O silêncio desses espaços infinitos me apavora”. Exploraremos essas duas frases a seguir.

No que diz respeito à ausência, Sandler (2021) esclarece que o “não”, desde Platão a Spinoza, foi um instrumento científico e filosófico que pôde nos auxiliar a fazer aproximações daquilo que é. Em outras palavras, poder-se-ia chegar à coisa que é por meio da descrição daquilo que um objeto desconhecido não é. O negativo, portanto, pode definir um campo por ausências, tais como a obscuridade daquilo que é desconhecido (inconsciente) e a própria “falta transiente de apreensões de Verdade” (Sandler, 2021, p. 605). O autor afirma ainda que esse campo é apreendido pela intuição, pela sensação e experiência e, portanto, possui uma natureza “evanescente” que precisa ser apreendida apenas para ajudar o indivíduo a procurá-la novamente. Desse modo, o autor contribui para a compreensão do negativo ao diferenciar o “menos (ou negativo)”.

O negativo associado à ideia do “não seio” representa a ausência de um seio concreto e materializado, permitindo a criação de processos de pensamento. “Um pensamento é feito durante a experiência da diferença entre o seio real e a preconcepção do seio.” (Sandler, 2021, p. 604). Segundo Sandler, a preconcepção, em sua forma mais elementar, inicial e primitiva, foi chamada por Bion de “hipótese definitória” (*ibidem*, p. 859). As hipóteses definitórias podem ser moldadas por elementos-beta, quando, por assim dizer, são “lançados” sobre e para dentro ou para fora de um indivíduo. Tais hipóteses definitórias poderão ser usadas, por sua vez, como “moldes” ou “sondas” para os estímulos, a realidade última – em si, incognoscível. (*ibidem*, p. 860).

Contudo, tal realidade é, até certo ponto, “sensorializável”, e vai se tornando intuível e utilizável, ainda que permaneça, em última instância, desconhecida. Bion segue expandindo o conceito e, em 1963, em *Elements of Psychoanalysis*, afirma que ele “corresponde a um estado de expectativa. É um estado de mente adaptado para receber um espectro restrito de fenômenos. Uma ocorrência precoce poderia ser a expectativa que um bebê tem do seio. O casamento da preconcepção com uma realização origina a concepção.” (Bion, 1963[2004], p. 23)

Esse é, portanto, um estado expectante e está associado à posição esquizoparanoide, que mantém um estado de espera; ou, nas palavras de Bion, um lugar que exige paciência para tolerá-la, para que, então, este possa ser um campo fértil para investigar o desconhecido, até que se torne conhecido, ou seja, que se torne concepção. Bion chamou esse estado de mente de “uma capacidade para crescimento negativo”:

Uma capacidade para crescimento negativo é necessária, em parte, para reviver uma formulação que perdeu o significado; em parte para estabelecer um vínculo ao tornar público o conhecimento privado; mas talvez seja necessário sobretudo para alcançar uma visão ingênua quando um problema ficou tão soterrado pela experiência que seu contorno tornou-se borrado e suas possíveis soluções, obscuras. (Bion, 1963[2004], p. 96)

Bion convida o observador analítico a fazer incursões ao desconhecido, a entrar no campo paradoxal, em que a conversa requer a não conversa. Sandler nos oferece uma bela metáfora, ao exemplificar com o músico que dá tamanha importância, na hora de sua composição, às partes nas quais nenhuma nota soa – ou seja, silêncios, pausas, intervalos e espaços em branco.

No que concerne à ideia de vazio, outro aspecto ligado ao negativo é a “força negativante”, que, por sua vez, relaciona-se a uma força destrutiva. Essa força ocorre quando há a prevalência de intolerância à dor e à frustração. Segundo Sandler (2021), essa intolerância à frustração impede tanto a objetividade quanto a subjetividade, pois um bebê que não tolera frustração não pode abstrair e, portanto, buscará sempre algo concreto, positivo, almejando possuí-lo para sempre. Dessa forma, há um estado de privação eterna real, pois a concretude favorece a ilusão de ter a coisa em si. Nas palavras de Sandler:

Qualquer propriedade é temporária; qualquer evento é transitório. O preço a ser pago, se a remoção e a renúncia necessárias não forem alcançadas, será ficar preso a algo (originalmente, o seio real da mãe) que nunca existiu em seu aparato psíquico - e, apesar de poder até ter existido na realidade material, certamente desapareceu (Sander, 2021, p. 614)

Vemos, portanto, a importância da abstração na função do pensar, quando distanciada do episódio real, do concreto. Caso contrário, há uma força que transforma em “nada” tudo que possa existir, esvaziando objetos de sentidos e positivando uma vida ávida, invejosa, “que a tudo negativa”, que degenera no “já conhecido” do que quer que seja. Nesse caso, afirma o autor, a pessoa preenche um desconhecido real com “coisas” falsamente conhecidas (Sandler, 2021, p. 628). Portanto, na força negativante, prevalecem a intolerância, a tendência à evasão, a falta de significado e aquilo que Bion (1962[2014]) denominou “terror sem nome”.

A força negativante também pode ser expressa no conceito de “menos K”. Sobre ele, Bion tece a seguinte consideração: “Alguns pacientes que estão preocupados em provar sua superioridade ao analista ao derrotar suas tentativas de interpretação podem ser mostrados que eles estão entendendo mal as interpretações para demonstrar que uma habilidade de entender mal é superior a uma habilidade de entender.” (Bion, 1962 [2014], p.361, tradução nossa)

O “menos K” seria o negativo dos processos de pensar, ou seja, “uma contínua destituição e espoliação de significado do que quer que seja” (Sandler, 2021, p. 617).

Nesse caso, o autor afirma que há uma pretensa superioridade sendo reivindicada, e que encontra falhas em tudo. Assim, o ódio sobrepõe-se na forma de ataques a elos de ligação e prevalece sobre qualquer desenvolvimento posterior na personalidade, ou seja, é como se o novo desenvolvimento fosse um rival a ser destruído, obstruindo as transformações. Portanto, quaisquer tentativas de procurar a verdade, de estabelecer contato com a realidade ou, em suma, de ser científico, são confrontadas com ataques destrutivos que seguem a tendência e a reivindicação da superioridade moral. (Bion *apud* Sandler, 2021, p. 88-89)

Zimmermann (2008), por sua vez, afirma que o “menos K” se forma quando a capacidade de *rêverie* da mãe for insuficiente: se a mãe é incapaz de conter a angústia da criança, o resultado disso é que essa angústia retorna à criança como um terror sem nome, gerando ainda mais ódio e angústia que não encontrarão, no objeto externo, um continente acolhedor. Em casos extremos, há também a possibilidade do não K:

Nestes casos, em que não se desenvolve a função “K”, esta é substituída pela onipotência e onisciência arrogantes, por uma curiosidade intrusiva e sádica, por uma estupidez [...] A partir deste último, que o sujeito com -K cria e impõe aos outros a sua própria moral e ética, ditando as leis, partindo da crença **de que tudo sabe, tudo pode, tudo controla e tudo condena**. Em nome dessa falsa moral, são desfechados ataques contra a busca da verdade. (Zimmermann, 2008, p. 158, grifo nosso).

O não desenvolvimento de K, portanto, dá espaço para estados de onipotência e onisciência na mente. Esta ideia se expressa bem na frase: “*Tout savoir, tout condamner*”, ou

seja, “tudo saber e tudo condenar”<sup>32</sup>. Ademais, pode também permitir a transformação em alucinação, na qual se vai “do vazio e das lacunas da realidade, algo que o sujeito tenta evitar, ao cheio onipotente” (Figueiredo, 2023, p. 68). Na transformação em alucinação, conforme Figueiredo, o que é evitado é a possibilidade de se aprender com a falta, com a ausência do objeto; em outras palavras, com as “imperfeições da vida”, ou seja, “nega-se o negativo”. Até mesmo a psicanálise pode ser uma alucinação. Bion admitiu, em um texto de 1976 [2014], chamado *Evidence*, que talvez “toda a psicanálise possa se tornar apenas uma vasta elaboração de uma paramnésia, algo com a finalidade de preencher o vazio da nossa ignorância assustadora.” (Bion, 1976[2014], p.132, tradução nossa)

Em síntese, podemos elencar algumas conclusões derivadas das reflexões desta seção:

1. A capacidade negativa está ligada a um importante princípio do funcionamento mental, o princípio de conhecer a verdade. Para tanto, ela requer um aparelho para o desenvolvimento do pensar.

2. O aparelho para pensar está intrinsecamente ligado à tolerância à frustração, ao “não seio”.

3. Há uma diferença entre o não seio – que se torna um elemento do pensamento, os “protopensamentos” e o não seio mau que deve ser evadido e expulso, quando a capacidade de tolerar a frustração for insuficiente. Este mecanismo de expulsão se dá através da identificação projetiva e/ou da hipertrofia da onipotência. Então, observamos que a estrutura psíquica reside em duas possíveis respostas à frustração: modificação ou evasão, que se entrelaçam com a ideia da não coisa (*no-thing*) e com o nada (*nothing*).

4. Podemos inferir aqui que o excesso de iluminação, ou seja, “tentar saber de tudo”, é, de certa forma, ficar parado, impossibilitado de maiores movimentos de pensamentos, ou como nos afirma o Jean Rostand, é condenar-se a inação.

5. A negatividade, ao contrário do “excesso de iluminação”, que pode nos “condenar à inação”, leva-nos à possibilidade de movimentos, a caminhar de forma menos errante, ou a fazer menos distorções, (como afirma Freud), em nossas veredas analíticas e investigativas.

6. Se tivermos paciência, sustentando um lugar de espera, podemos adquirir habilidades para desenvolver processos de pensamento, realizar investigações e aprendizados que, a partir da experiência, são postos em movimento.

---

<sup>32</sup> Expressão referida na citação, é de autoria de Bion e está contida na Teoria do Pensar (1962), que Sandler (2022) mencionou em uma nota de rodapé. De acordo com este autor, a expressão se refere à ideia de um contemporâneo de Bion, Jean Rostand<sup>#</sup>, para quem “*attendre d'en savoir assez pour agir en tout le lumière c'est se condamner à l'inaction*”; ou “tentar saber de tudo para só agir quando tiver toda iluminação possível, é condenar-se à inação”. (SANDLER, 2022, p. 167)

## Capítulo 6 - Caso Clínico

Na metade, não apenas na metade do caminho/Mas ao longo de todo o caminho, numa floresta escura, num carrascal/À beira de um abismo, onde o pé jamais alcança equilíbrios. /E ameaçados por monstros, luzes fantasmagóricas/Na perigosa borda do encantamento. /Que não me falem/Da sabedoria dos velhos, mas antes de seu delírio/De seu medo do medo e do frenesi, do medo de serem possuídos/De pertencerem a outro, ou a outros, ou a Deus. /A única sabedoria a que podemos aspirar/ É a sabedoria da humildade: a humildade é infinita.

T. S. Elliot, “East Coker,” *Four quartets*, 1943

O caso clínico que será apresentado a seguir trata de uma experiência analítica que desafiou muito a minha capacidade de pensar. Foi um encontro que gerou em mim muitas turbulências, exigindo de mim muita calma e paciência. A partir dele, faremos uma discussão à luz da capacidade negativa, buscando compreender sua expressão neste meu encontro com Renato. O caso é mais um elemento desta dissertação para tentar elucidar o que já apresentamos até aqui.

Iremos explorar a discussão a partir de três vértices: o vértice da continência, do confronto e da frustração e da ausência. A discussão clínica do caso está apoiada no texto *A clínica psicanalítica e seus vértices: continência, confronto, ausência* de Luis Cláudio Figueiredo (2012). De forma pontual, nos apoiamos também na obra do mesmo autor, *A mente do analista* (2021) e contamos também, pontualmente, com Arnaldo Chuster (2019) intitulada *Capacidade Negativa, um caminho em busca da luz*. Seguiremos com mais uma reflexão em “Encontros e Desencontros”, seguida das considerações finais.

O caso clínico foi ficcionalizado com o intuito de salvaguardar a identidade do paciente, com a modificação de seus dados para que ele não seja reconhecido. Foram seguidas as diretrizes éticas presentes na Resolução CONEP 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, na Resolução CNS/MS 510/2016 e no Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP, na data 02/08/2024, número do parecer: 6.980.838 e CAEE: 81772824.9.0000.5482.

Visto que esta é uma pesquisa-escuta e tem como ponto de partida nosso próprio objeto de estudo, a capacidade negativa, lembremos de algumas características importantes que nos guiarão neste percurso:

A mente do psicanalista clínico, bem como do pesquisador-psicanalista, precisaria ter essa qualidade negativa – denominada capacidade negativa [...] uma qualidade de recepção, de hospitalidade, de continência a qualquer afetação” (Ribeiro; Flores & Ramos, 2022, p. 42).

A partir desta proposta metodológica, os autores sugerem que a mente do pesquisador psicanalista “se encontre em capacidade negativa antes de se transformar em palavras escritas” (*ibidem*, p. 42-43), ou seja, que mantenha uma mente côncava, receptiva e continente. A partir de tais ideias, buscaremos não somente clarear mais as ideias, mas, no obscuro da razão, refletir sobre quais fochos de luz poderiam ter iluminado algumas questões, buscando assim as lacunas, os hiatos e as falhas.

Lembremos que Bion (1967 [2014]) afirma que a psicanálise se ocupa da experiência não sensorial, uma vez que a angústia não possui cor, forma ou cheiro. Tendo em mente esta afirmação, o relato do material clínico é uma formulação verbal do que foi a experiência emocional. Assim, nosso compromisso, ao relatar a sessão, é com a comunicação das experiências emocionais que ocorreram no *setting*, para além dos dados factuais. Faremos, portanto, uma “aproximação quimérica” do acontecido em sessão e dos dados factuais, como sugerem Ribeiro, Flores e Ramos (2022). Apesar da ficcionalização, o material clínico buscou preservar a experiência emocional da sessão vivida entre mim e o Renato. Dessa forma, o que será apresentado ao leitor será uma transformação do que já aconteceu.

Renato é um dos primeiros pacientes que atendi como psicanalista, em uma instituição. Ele era um jovem que sofria intensas dores intestinais e que, apesar das investigações, tratamentos e uso intensivo de medicações, ninguém conseguia descobrir seu diagnóstico. Perdeu muito peso, sofreu muito com os efeitos colaterais das medicações, chegando a ficar extremamente magro, fato este que reverberou nas suas relações sociais e no seu desempenho escolar por muito tempo. Diz que buscou muitos médicos, até que, um dia, um deles o encaminhou para uma instituição de saúde mental. Na primeira vez que atendi Renato, ele me contou de toda sua *Via Crucis*. Me falou de sua tristeza em ter sido “repassado” de profissional a profissional, mas que, mesmo assim, não desistiu. Digo a ele: “Vejo que a sua angústia é proporcional à sua esperança”.

Passado certo tempo, ao finalizar minha experiência na instituição, digo que encerráramos os atendimentos. Renato pergunta se é possível continuarmos as sessões. Digo que sim; acordamos um valor que ele poderia pagar e iniciamos as sessões em meu consultório.

Renato entrava na minha sala franzino, com seus cabelos roxos e desalinhados, ensebados e um intenso mau cheiro. Seu olhar escondia-se sob seus óculos grandes e sua blusa de capuz; olhava-me de lado com um olhar desconfiado, ombros encurvados e muito receoso ao me cumprimentar. Ao longo da sessão, crescia em sua eloquência e em tom de voz, gesticulava bastante suas mãos, e seu rosto ganhava expressões variadas. Ao terminar a sessão, saía da mesma forma que entrava, mas seu cheiro permanecia na sala mesmo após a sua saída. Sinto que algo dele me invadia e me impregnava; a mim e a sala. Abria as janelas após a sessão, mas o cheiro não se dissipava. Ele parecia permanecer ali, mesmo após a sua partida.

Renato não conheceu seu pai e foi criado pela mãe. Sua mãe sempre contou a ele sobre seu pai, mas ele nunca teve interesse em conhecê-lo. Descreve sua mãe como uma pessoa superprotetora que sempre entra quando quer em seu quarto sem bater. Ele se questiona: “isso é um pouco invasivo, né?”. Confessa que sempre fez tudo o quis em casa, “pois nunca tinha ninguém acima dele”. Viveu uma infância marcada pela solidão e pela relação com a realidade virtual. Desde pequeno, sempre gostou muito de interagir em suas comunidades de jogos de RPG, mas na vida fora das telas, tinha poucos amigos.

Dizia gostar de sempre ser o centro das atenções e constantemente buscava todas as formas para chamar atenção. Afirmava que, nas comunidades online que frequentava, sempre se posicionava de forma radical, principalmente quando eram questões ligadas a jogadoras, pois sempre as desprezava e as diminuía, dizendo que jogavam mal por serem mulheres. Também sempre idolatrou algumas personalidades famosas no mundo virtual, pois sentia que eram “pessoas de autoridade”. Buscava ser amigo delas, dizia gostar de segui-las e acompanhá-las porque buscava alguém para se espelhar, ou, como ele mesmo dizia, buscava ser “guiado por alguém”.

Durante as sessões, despejava sua intensa verborragia: falava de forma incessante, exibia seu repertório de filmes, peças de teatro, músicas, peças em cartaz e gostava de falar sobre jogos de RPG. Trabalhava como ator e dava aula em pequenas escolas para crianças e adolescentes do bairro. Eu me sentia como um “vomitódromo”, às vezes como uma espectadora, como uma aluna e, outras vezes, como alguém que estava do outro lado de uma

tela. Eu sempre buscava fazer apontamentos e conversar com ele, mas a sensação era de que ele não me permitia, ocupando toda a sessão com sua fala. Nas minhas poucas tentativas, interrompia-me, não me escutava. Passados longos e longos meses, perguntei-lhe: “O que você acha que você faz aqui, já que sabe tanto?” Permanecemos um tempo em silêncio, ele olhou atentamente para mim. Senti que, a partir dali, a distância entre uma palavra e outra foi aumentando, ao passo que a distância entre nós foi diminuindo.

Renato, então, passou a me contar de situações mais íntimas de sua vida pessoal. Relatou que havia tido um único e breve relacionamento pela internet. Relata que foi nesse período quando iniciaram seus problemas intestinais. Revelava ter ressentimento em relação a esta garota que o desprezou e o largou e, por isso, passou a ter raiva de todas as mulheres. Dizia que se sentia ofendido pelas mulheres “feias” que já o desejaram. E acreditava que nenhuma mulher jamais o olharia, por ser “chato, magro e feio”.

As sessões seguiam ao redor do mesmo tema, ou seja, das relações amorosas. Renato narrava suas concepções e teorias sobre o amor e sobre os relacionamentos dos seus amigos, alegava não ter dúvidas sobre como “funcionavam” tais relações, sempre menosprezando as mulheres, afirmando que elas não prestavam. Em uma dessas sessões, ele afirma: “Sabe, Lais, acho que as sessões são boas porque eu sou uma pessoa interessante.” Pontuo a ele que via que, assim como ele desprezava as mulheres, ele também precisava fazer isso comigo, confirmando suas teorias.

Certa vez, ele me contou que havia iniciado um relacionamento virtual com uma garota e, meses depois, decidiu interromper as sessões. Ele retorna, ansioso, pedindo uma sessão com urgência. Sua primeira frase foi: “Lais, sabe aquela minha amiga? Ela sumiu. Ela não me responde. Eu estou muito angustiado. Sabe quando alguém morre e você não consegue encontrar o corpo?”

Fico confusa e atônita com a pergunta. Não consigo mais escutá-lo, pois logo associo a morte trágica de um familiar, cujo corpo demorou a ser encontrado e, na época do acontecimento, veio a público. Embargo a voz, estávamos no fim de uma sessão e, logo em seguida, a encerramos.

Tal pergunta de Renato me chegou como uma associação a este evento. Será que ele se referia a este mesmo evento? Me lembro quando Renato, certa vez, me deu parabéns no dia do meu aniversário, sem eu nunca ter contado a ele a data. Agradeço, questiono como ele sabia e ele relata ter procurado informações sobre mim na internet e tece comentários sobre a minha família, dizendo achá-la muito bonita, e faz comentários muito pessoais sobre elas. Conversamos sobre o fato, no qual pontuo que a sessão não se tratava de mim, mas ali era o

espaço para falarmos dele. Ele responde de soslaio, de forma evasiva. Meus núcleos paranoides se acionam sem pedir licença. Contudo, sigo, sem tocar mais no assunto.

Ele se repetia. Afirmava saber como as relações funcionavam e que todas elas estavam fadadas ao insucesso, que as mulheres eram aproveitadoras, só queriam homens bonitos e ricos...e que era “chato, magro e feio”. Seguindo as sessões, cheguei a pensar que poderia estar havendo muitos pontos cegos na minha escuta, ou um abismo entre nós que eu não conseguia atravessar. Me sentia impotente. Eu intensificava as supervisões e a análise. Até que um dia eu perguntei a ele: “será que você sabe mesmo como as relações funcionam, com toda essa sua certeza?”

Ele fica furioso e diz: “Sei, sim, Laís. Se eu namorar uma mulher e ela roubar meu dinheiro, por exemplo, eu tô ferrado. Eu não teria como bancar uma mulher. Diferente de quando se é filhinha de papai e tem tudo nas mãos, porque papai ajuda, né? Aí fica fácil se relacionar.” Já era o final de uma sessão. Sinto muita raiva. E, de novo, invadida. Seguimos.

Na sessão seguinte, Renato me conta que foi à casa de um amigo e que, nesta noite, passou muitas horas conversando com um garoto, pelo qual sentiu muita atração. Diz que pensou nele por dias e ficou atormentado. Na sessão seguinte, questionou o propósito da análise, com um tom de revolta: “Sabe, Lais, eu sempre soube para onde a gente estava indo, mas agora não sei mais para onde você está me levando. Eu estou saindo, querendo conhecer gente, e me vejo extremamente angustiado”.

Em seguida, perguntei se, de fato, ele sentia que eu o “levava” para algum lugar e se, de fato, ele me “obedecia”, como ele mesmo afirmou. Conversamos sobre a análise, sobre o quão perturbadora ela realmente pode ser, mas sobretudo que eu acreditava mais em movimentos de transformação e expansão, acontecimentos que pudemos testemunhar juntos no seu processo, do que o lugar em que ele queria me colocar, da “lei”, me responsabilizando indiretamente pelos seus desejos, que ele tanto custava a revelar a si próprio.

Renato, colérico, responde: “Eu faço tudo o que quero mesmo, se eu quiser sair com aquele menino eu saio, que me punam, eu sei que às vezes eu faço coisas sem noção mesmo, falo o que quero da vida dos outros mesmo, se alguém quiser reclamar de mim, eu não tô nem aí. Eu não ligo para o que as pessoas pensam ou sentem. Esses dias passei um filme sobre uma morte de um cara que morre e ninguém consegue encontrar o corpo, as crianças ficaram desesperadas. Ele ri, e diz: se elas quiserem falar para a mãe delas, eu não tô nem aí. Eu faço o que eu quero mesmo” Ele se exaspera, eu o observo.

Na sessão seguinte, retomamos o tema de sua indiferença, e eu lhe pergunto: “Será que você não liga mesmo? Será mesmo que você é tão indiferente assim como você afirma?”

Ele me olha atento. Diminui o tom de voz. Olha para baixo e fala lentamente: “É... mais ou menos. Esses dias... eu fiz aniversário... e você nem me ligou. Sei lá, às vezes eu fico pensando... se você me encontrar na rua ou em qualquer outro lugar, se você vai me cumprimentar”.

Eu respondi que sim, que o cumprimentaria na rua. Em relação ao aniversário, disse que não era um hábito de me manifestar no dia do aniversário de pacientes, fazendo ligações ou mandando mensagens, mas que, ainda assim, me lembrava do que ele havia relatado sobre seu aniversário, do carinho que recebeu de seus colegas do teatro, do bolo que foi cortado em sua casa e do presente que recebeu da vizinha. Eu disse a ele que era guardiã das memórias dele, que estava atenta a ele. E que os pacientes vão, com o tempo, habitando de alguma forma nossa vida interior. Assim também acontecia com ele em mim.

Falei que tinha uma relação de cuidado com ele, mas, mesmo assim, ele atacava essa relação que ele tanto buscava comigo. Disse: “Eu sinto que você me invade quando fala da minha vida pessoal. E eu sinto muita raiva de você quando você me invade. Eu não te dou e nunca te dei esse direito”. Embargo novamente a voz. Ele ficou olhando para mim por um longo tempo, atento. Ficamos em silêncio. Encerro a sessão.

Alguns meses mais tarde, Renato resolve encerrar as sessões. Meses depois, ele pede para fazer uma sessão e me dá notícias de si, sobre sua vida profissional e dizia estar contente. Conta que tinha tido coragem de conhecer a família de seu pai, que tinha sido um belo encontro e que aquela experiência havia feito muito sentido para ele. Desejava retornar futuramente, para resgatar e “fechar” suas questões por lá, que ele ainda não sabia o que era, mas sabia de uma coisa. Ele diz: “Lais, Súcia quer ser Súcia”.<sup>33</sup> Ao final da sessão, ele confessa: “Me desculpa se um dia eu te invadi. Me desculpa mesmo. Eu gosto muito de você. Você salvou a minha vida”.

---

<sup>33</sup>Essa frase faz referência a um personagem de uma peça de teatro chamada “A alma imoral”, sobre a qual discutimos certa vez em uma sessão. É a história de um grande rabino em seu leito de morte, ao redor de seus discípulos. Este rabino estava irrequieto, com medo do Tribunal Celeste. Os seus discípulos se assustam com a sua reação perante a morte, já que ele havia sido um homem muito bom, piedoso e exemplar. A resposta deste rabino chamado Súcia é: “Não temo ser inquirido por não ter sido como o profeta Moisés, não deixei um legado de seu porte. Eu posso me defender dizendo que eu não fui como Moisés porque eu não sou Moisés. Nem temo que me cobrem profecias como as de Maimônides, por eu não ter oferecido ao mundo a qualidade de sua obra e seu talento. Eu posso me defender dizendo que eu não fui como Maimônides porque eu não sou Maimônides. O que me apavora neste momento é que me venham indagar: ‘Súcia, por que não foste Súcia’

## Discussão

Bion (1979 [2014]), em seu artigo *como tornar proveitoso um mau negócio*, relata a experiência de ter atendido um paciente que lhe causava fortes emoções, o que dificultava sua capacidade de pensar. Ele afirma que quando duas pessoas se encontram, como na análise, por exemplo, este encontro pode transformar-se em um mau negócio, podendo haver uma tempestade emocional. Mas, a partir desse “mau negócio”, algo bom se pode extrair dessa situação. De fato, manejar uma sessão de análise, sobretudo quando ela se torna um mau negócio, é uma tarefa de enorme complexidade, tendo em vista que a própria atividade de analisar, por si só, já é uma tarefa “impossível”. Sobre o nosso ofício, Freud fez a seguinte reflexão:

Detenhamo-nos aqui por um momento para garantir ao analista que ele conta com nossa sincera simpatia nas exigências muito rigorosas a que tem de atender no desempenho de suas atividades. Quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões ‘impossíveis’ quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito mais tempo, são a educação e o governo. Evidentemente, não podemos exigir que o analista em perspectiva seja um ser perfeito antes que assuma a análise, ou, em outras palavras, que somente pessoas de alta e rara perfeição ingressem na profissão. Mas onde e como pode o pobre infeliz adquirir as qualificações ideais de que necessitará em sua profissão? (Freud, 1937 [1996], p.265)

Freud refere-se ao analista como um “pobre infeliz” reconhecendo as agruras deste ofício. Em seguida, indaga: quais seriam as qualificações ideais para a sua atividade?

Bion (1979 [2014]), corroborando a ideia da exigência e do nível de complexidade da tarefa, chega a comparar a turbulência de um encontro analítico com a guerra, em que o objetivo do inimigo é aterrorizar para impedir o pensar de forma clara, e o objetivo do opositor é permanecer calmo e poder continuar pensando. Ele ilustra bem seu pensamento com um lema que apreciava muito: *“fluctuat nec mergitur”*, que significa “ser sacudido pelas ondas, mas não afundar”. Vermote (2019) afirma que o psicanalista aderiu ao lema durante a Grande Guerra, na qual ele tinha de manter as emoções sob controle para evitar o desespero, ao mesmo tempo que ilustrava a “imperturbabilidade de um cavalheiro que podia aceitar suas emoções sem ser dominado por elas.” (Vermote, 2019, p.8, tradução nossa)

A premissa subjacente a esse modelo consiste na ideia de que o pensamento claro é vantajoso, permitindo uma melhor avaliação da realidade. Mas, para manter a calma e seguir

pensando claramente, retomamos a pergunta de Freud: quais seriam as qualificações ideais, para que o então analista siga pensando?

Para lidar com a “mente desse pobre infeliz”, ou seja, para sustentar o clima da turbulência na sessão, segundo Chuster (2019), os guerreiros (analistas) dependerão da capacidade de “administrar suas armas” que seriam consideradas para a batalha: ficar “sem memória e sem desejo”, suportar o “não saber”, tolerar as “meias verdades”, ou seja, qualidades que compõem a capacidade negativa. (Chuster, 2019, p.31). Vejamos, a seguir, os vértices por meio dos quais essas qualidades se expressam.

### **6.1 Sob o vértice da continência**

Figueiredo (2012) considera que, quanto mais primitivo é o funcionamento psíquico do paciente, mais ele se vale de identificações primitivas para defender-se do que é intolerável para si, ou seja, de suas angústias e pensamentos selvagens, tal como vimos no capítulo anterior. Não somente defender-se, mas atacar e controlar objetos maus e persecutórios. Bion avança na discussão sobre a identificação projetiva e, diferente de Melanie Klein, descobre que, mais do que uma defesa, a identificação projetiva é uma modalidade normal e necessária, apesar de primitiva, de comunicação.

Na situação analisante, a tarefa do analista é justamente “acolher, elaborar, interpretar e devolver as experiências do paciente tornando-as significativas e suportáveis”. (ibidem) Neste vértice, a continência possui uma dupla dimensão. A mente precisa ser porosa, elástica, receptiva, e também necessita ter uma grande capacidade de contenção, que trabalham a fim de dar suporte. Dessa forma, a tarefa de “continência ativa”, que são os processos metabólicos da mente, pressupõe também a “continência passiva”, que é a sustentação.

O psicanalista também aponta que, nessa modalidade da continência ativa, ocorrem as transformações dos elementos em elementos  $\beta$ , (beta) ou seja, impulsos, afetos, sensações (endógenas e exógenas) que incidem no corpo de forma direta, em elementos  $\alpha$  (alfa), elementos que podem ser simbolizados, sonhados e registrados na memória, como vimos no capítulo anterior.

Ainda de acordo com o autor, Figueiredo (2021) defende que o que nos faz analista depende de algo que foi chamado de “enquadre interior”, certa disposição de mente que oferece um espaço e um tempo de escuta e pensamento protegidos (Figueiredo, 2021, p.10). Essa disposição exige uma certa modalidade de tempo, espaço e escuta e é como um espaço côncavo de hospitalidade. Esse enquadre é transmitido, também, em certos termos, por uma

boa experiência de análise, por uma transferência amorosa, de gratidão pela própria experiência prévia com o próprio analista, em que se pode experimentar uma oferta, “escavada pelo amor e gratidão à experiência de haver sido recebido, escutado e pensado no encontro com alguém que, psicanalista ou não, pôde oferecer seu próprio espaço e tempo ao sujeito” (Figueiredo, 2021, p. 10).

Para que o analista possa lidar com as adversidades, incômodos e turbulências, é necessário que ele tenha um estojo de proteção, que vem da internalização de um bom objeto, ou seja, da internalização da teoria e do método psicanalítico de forma positiva. Dessa forma, esse estojo fornece sustentação, segurança e capacidade para uma escuta flutuante. No entanto, afirma Figueiredo, o resultado desse processo de internalização não vem com respostas, mas, sim, com a possibilidade de um vazio, capaz de receber e conter. Esse enquadre interior “é resultante, portanto, da transferência com a psicanálise e da introjeção da psicanálise pelo psicanalista” (Figueiredo, 2021, p. 79).

Por fim, Figueiredo (2007) enfatiza a importância da implicação e da reserva, no ato de aprender a cuidar, quando ele diz que temos que exercer a renúncia à nossa onipotência e à aceitação de nossa própria dependência. Mais adiante ele afirma: “reconhecer a finitude e o limite deixará o cuidador muito mais sensível aos objetos de seu cuidado, e muito menos propenso a exercer tiranicamente seus cuidados” (Figueiredo, 2007, p.4).

As dores de intestino de Renato, sua verborragia que buscava em mim um “vomitório”, um local para sua evacuação e seu intenso mau cheiro sinalizam um certo aspecto do campo subjetivo dele. Esses elementos poderiam dar notícias de angústias muito primitivas em seu psiquismo, especialmente seu odor, que despertava em mim sentimentos de repulsa e invasão, ao mesmo tempo que impregnava a mim e o ambiente. Seriam esses elementos sinalizadores de um possível desejo de contato comigo e uma defesa contra tal possibilidade? Ou, quem sabe, um desejo de penetrar o feminino, tão desejado e tão temido quanto? Relacionar-se comigo, com o feminino era, de fato, uma experiência de relação com a abertura, com a receptividade e com a disponibilidade, experiências inaugurais a ele.

Um dos mecanismos de Renato, para evacuar tais elementos, também era através da identificação projetiva. Para que eu pudesse ser continente, minha mente deveria estar em uma qualidade da capacidade negativa: sem memória e sem desejo e sem necessidade de compreensão. Dessa forma, poderia também preservar meu espaço, um lugar de elaborações, reflexões, simbolizações e compreensões.

Era difícil escutá-lo de forma flutuante, diante de sua enxurrada de falas rápidas e entrincheiradas. Para tanto, eu precisava estar porosa, podendo acolhê-lo e hospedá-lo. Porém,

como sustentar este estado negativo, recebendo maciças projeções sem, contudo, identificar-me com elas? Como sustentar o vértice psicanalítico da continência, preservando a capacidade negativa, diante de tantas informações, ataques e invasões? Eu me via tendo que fazer uma grande metabolização de todos aqueles conteúdos.

Diante dos impasses vivenciados com Renato, me vi revisitando ainda mais minhas questões internas. Estaria eu, porosa demais? Intensifiquei meu processo de análise e supervisão e, nesses encontros, cheguei a questionar-me se estaria no meu limite de atendê-lo. Fui revisitando minhas fantasias, minha dor, a sensação de invasão e, sobretudo, minha relação com a morte. A morte, implacável, diante da qual vociferei inúmeras perguntas sem resposta, a morte, este mistério, incognoscível. Me vi retornando a um processo de fiação de intensos afetos e emoções, sustentado em muitos encontros amorosos com meu analista, que teve muita paciência, sendo continente de meus sons e fúrias.

Renato não sabia que aquela família linda a qual ele se referia e dizia tanto admirar, carregava uma dor imensa da perda. E morte, a qual ele fazia menção, não era a perda que eu havia vivenciado e que me habitava. Havia uma série de fantasias e realidades que, em alguns momentos, se amalgamaram, se sobrepuseram e se misturaram. Eu, intensamente, precisava metabolizar, separar o que era meu, do que era dele. Assim, eu poderia me aproximar mais e captar ainda mais a realidade psíquica de Renato.

O trabalho de uma analista é, de fato, “doido e doído” e certamente, devemos estar dispostos a riscos. Hoje, um pouco mais distante, posso ver o quão disposta eu estava na época. Afinal, ele era um dos meus primeiros pacientes. Eu ‘precisava’ continuar e queria aprender, eu desejava ‘muito’ aprender e ser “uma boa psicanalista”. Saber ficar pequenininha diante daquilo que nos vem de fora e atravessa foi difícil e muito aterrorizante naquele momento. Eu queria ser grande.

Mas não só. Vejo que a intensidade ali presente denunciava uma passionalidade transferencial. Ele era um garoto humilde, que queria ser reconhecido, amado, visto. Ele chegava como quem vinha ‘sem lenço e sem documento’, muito doente no início. Hoje penso comigo... talvez eu quisesse, de fato, salvá-lo daquela condição. O encontro foi intenso. Eu estava cheia de desejos, memórias e compreensões. Minha atenção não flutuava; ela mergulhava.

Contudo, penso que a sustentação, dar continuidade a Renato, foi o trabalho possível que pude assegurar nos que durou a análise de Renato, acompanhei muitos movimentos: sua pós graduação, seu novo trabalho, sua melhoria na condição financeira, seu sonho de viajar ao exterior, sua mudança de casa e até mesmo o cuidado consigo mesmo. Comprou roupas

novas, engordou, sentia-se mais bonito. Foram processos bonitos de testemunhar, e que ele compartilhava alegremente comigo.

Sinto que ele, que se relacionava de forma a ser engolido e incorporado, pôde vivenciar uma relação na qual pôde ser internalizado. Ele podia vivenciar mais ausências, e seus terrores ficaram mais brandos. Acredito que alguns dos elementos “dispersos” puderam ser transformados em vínculo, e ele pôde viver uma relação comigo, sem ser abandonado. Fora do *setting*, ele “continuava” vivo. Sinto que alguns contornos puderam ser feitos. Contornos ao redor do abismo que o rondava.

## **6.2 Sob o vértice do confronto e da frustração**

Figueiredo (2012) afirma que o tema das resistências esteve presente desde o período pré-psicanalítico até o fim do trabalho de Freud, estabelecendo uma noção de confronto nesse modelo. Destacando-se nesse contexto, Melanie Klein dedicou atenção especial às resistências ligadas ao superego e ao id, explorando não apenas a forma madura do superego descrita por Freud, mas também sua forma precoce e mais aterrorizante, assim como a pulsão de morte.

Quando essas forças se combinam, criam *um cenário sombrio* para o processo analítico, especialmente ao enfrentar a fantasia de onipotência infantil, que é fortemente arraigada e defendida, comum em casos graves. Figueiredo sugere que, nestes casos, o confronto deve ser mais duro e duradouro, com maior tempo e empenho de perlaboração, ao conduzir a análise por zonas altamente resistentes.

Quando estas defesas e resistências associadas ao ódio à realidade predominam, o indivíduo fica sob o domínio da pulsão de morte, alimentada pelas forças indomadas do id e do superego arcaico. Nesse estado, o desligamento atua contra as possibilidades de conexão necessárias para a formação e compreensão dos objetos, resultando na desobjetalização, conforme André Green (1988). O que decorre disso, segundo o autor, é a fragmentação dos objetos e figuras de sentido, até a própria destruição do ego coerente. Segundo Figueiredo (2012), uma "casca mineralizada" se forma ao redor do sujeito e atua como uma defesa contra a vida, encapsulando o sujeito em seu narcisismo e desconectando-o do mundo e de si mesmo. Dessa forma o sujeito persiste resistindo, reduzindo a vida a uma função de resistência.

Nesses casos, o autor afirma que as interpretações e abordagens terapêuticas precisam romper com essas defesas e reconectar o indivíduo à vida das relações, trazendo-o de volta ao envolvimento com objetos mais confiáveis e adequados. Ele salienta que não se trata de exercer a interpretação compreensiva destinada a articular fantasias e simbolizar angústias, mas, sim, de utilizar interpretações que façam interpelações e que sejam desalojadoras. O analista, nesse contexto, *não é o que sabe, mas, sim, quem questiona*, introduzindo a dúvida, a diferença e a questão. A verdade, afirma o autor, reside nos limites do conhecimento. (Figueiredo, 2012, p.7)

A clínica do confronto, portanto, se caracteriza pela imposição de limites às manifestações da fantasia de onipotência infantil, ao mundo pulsional indomado. Tais limites farão e serão fonte de exigência de trabalho psíquico e, assim, poderão promover expansão e transformação ao aparelho de pensar do paciente.

Há uma importante mudança a partir da primeira interpelação que faço a Renato, quando pergunto: “O que você acha que você faz aqui, já que sabe tanto?”. A partir dela, aquelas convicções, a sua verborragia, vai ganhando contornos, ao passo que o convoco cada vez mais para o contato comigo.

Contudo, as tentativas de furar suas certezas e suas sólidas convicções, interpelando-o, eram sempre seguidas de muita fúria. Eu precisei ter não só tato, mas muita paciência e coragem. Principalmente, uma grande capacidade de tolerar, não só a ele, mas também a minha frustração.

Escutei Renato, como se fosse a primeira vez, por quase três anos, a mesma questão. Ficava ali, à espera dele, à espera de algum momento oportuno. Aguardava-o, com paciência, suportando, inclusive, a minha ansiedade, dúvidas e incertezas sobre meu lugar e competência como analista. Eu me questionava se realmente escutava sua dor e o que estava me impedindo de escutá-las, pois ele sempre se repetia. Hoje vejo que, poder aguardá-lo, era uma modalidade de amor.

Após algum tempo, talvez, diante de certa impaciência, comecei a interpelá-lo mais, mas a fúria de Renato também foi aumentando. O clima das sessões foi ficando mais tenso e eu fui ficando mais acuada. Diante do que eu sentia como ataque, fui ficando com mais raiva; minha capacidade de pensar, cada vez mais nebulosa. As ligações e elos que procurávamos, eram atacadas. Eu sentia uma zona abissal que me convocava a um mergulho mais profundo, uma certa ousadia, ainda que parecesse arriscado.

Havia muitos núcleos que se repetiam e que nunca ganhavam derivações. “Ser chato, magro e feio.” Este tema permaneceu viscoso, renitente e duro por muito tempo. Penso que

repetir, compulsivamente, ocupava uma função importante para Renato, na medida em que impedia que ele fizesse transformações, de crescer e relacionar-se. *Vir a ser* era estar em movimentos de ligação, de amor, experiências que ele tanto temia, mas que tanto parecia desejar.

Mas um sentido ali que evoluía. De um mundo informe e de águas bem turvas, as minhas moções telúricas foram aos poucos cedendo espaço para algo que eu intuía acontecer. Eu deveria interpelá-lo, mesmo com medo e intuindo seu ódio contra mim, este era o que estava latente. A verdade estava no limite das minhas emoções. Falar da minha raiva, ainda que trêmula, suportando a minha raiva de modo a não extravasar. Aquele era o meu limite. E ele o buscava.

Depois de um tempo, entendi que Renato procurava minha raiva verdadeira e eu tinha que permitir que, de forma legítima, ele a encontrasse. Creio que o fato de Renato poder expressar seu ódio também foi importante, assim, ele pôde ceder mais espaços dentro dele.

Dessa forma, ele também poderia viver outras relações, de forma legítima e verdadeira com toda sua ambivalência. Ele pôde vivenciar todas aquelas experiências emocionais, mantendo os pensamentos mais selvagens dele. Mas eu continuava ali, viva, real e presente. Ele podia então construir a referência de verdade para si mesmo, apoiar-se em seus valores internos, podendo abandonar a sua necessidade de ser “guiado por alguém”. No final de nossos encontros, ele parecia querer buscar cada vez mais a si. E fazer mais ligações.

### **6.3 Sob o vértice da ausência**

A clínica da ausência, segundo Figueiredo (2012), é a que exige do analista manter-se presente, mas em reserva, pois, assim, ele pode instalar na mente do paciente, bem como na própria mente, a operação na instalação de vazios. *Uma experiência da angústia tolerada a favor da reconciliação.* (ibidem). Esta abordagem leva em conta as Transformações, que se originam sempre na experiência emocional O. Dessa forma, nunca se sabe ao certo, nem paciente e tampouco analista do sentido final das transformações. Este vértice se faz importante, pois impõe o reconhecimento da ignorância do analista. Ou seja, é importante caminhar aqui, com capacidade negativa. O que realmente importa no processo analítico, afinal, não é conhecer, é transformar e transformar-se [...] *o vir a ser, o devir, o tornar-se.* (Figueiredo, 2012, p. 17)

O psicanalista prossegue e acrescenta que, para a nossa escuta, precisamos sempre escutar de forma flutuante e “sem memória, sem desejo e compreensão prévia”. Contudo, o

analista, diante de maciças projeções, para se aliviar da angústia do não saber, do abismo de sua ignorância, pode ceder à tentação de se ‘refugiar no conhecimento’. Assim, o analista não experimenta sua ignorância e defende-se de sua angústia, nega sua frustração e as falhas e falhas. No analista ela pode manifestar-se em suas teorizações, como, por exemplo, quando ele é exposto ao desconhecido ou se sente ameaçado.

Hoje percebo o quão defendida eu estava. O medo que eu sentia de não saber, de não ser boa o suficiente, e dos medos que Renato me causava. O clima das sessões, carregadas de tensões, me fez temer o desconhecido ameaçador e, assim, me vi encastelada nas teorias. Vejamos neste trecho a seguir:

*“Sabe, Lais, eu sempre soube para onde a gente estava indo, mas agora não sei mais para onde você está me levando. Eu estou saindo, querendo conhecer gente e me vejo extremamente angustiado”. Perguntei se, de fato, ele sentia que eu o “levava” para algum lugar, e se, de fato, ele me “obedecia”, como ele mesmo disse. Pudemos conversar sobre a análise, o quão perturbadora ela realmente pode ser, mas sobretudo, que acreditava mais em movimentos de transformação e expansão, acontecimentos que pudemos testemunhar juntos no seu processo, do que o lugar em que ele queria me colocar, da “lei”, me responsabilizando indiretamente pelos seus desejos e ações que ele custava a revelar para si próprio”.*

Eu aqui nego que estivesse levando Renato para algum lugar. Mas sim, eu o levava para movimentos de ligações. Esse movimento era algo inaugural e causava em Renato intensas angústias. Não estaria ele, aqui, fazendo travessias? Sim, eu era parte desse movimento.

Tive que lidar com muita incertezas e dúvidas. O que eu sentia era uma invasão? Ou uma busca por identificação? O que ele realmente sabia? O ‘clima’ tenso das sessões foi ficando evidente e eu não poderia ficar mais em tanto silêncio. Eu precisava falar da raiva que sentia. Trêmula, nervosa, exposta. Havia algo que precisávamos atravessar, e a turbulência entre nós foi inevitável. Um escuro dentro de mim, que me exigiu um grande salto. Eu era e estava em mim mesma. Sinto que nós dois precisávamos de coragem para crescer. Lembro bem da frase de Bion: “Vai haver uma pressão emocional contra cada um de nós que ousa atribuir importância ao indivíduo e que ousa ser, ele mesmo, um indivíduo” (Bion, 1978, p. 74).

Crescer e me tornar mais analista e segura e ele, um tanto mais a si mesmo. A transformação era nossa. Sinto que pudemos nos ver, mais reais, um para o outro. Renato

queria saber o quanto eu o suportava e o quanto eu poderia sustentá-lo. Ele tinha um pouco mais de notícias de si. Ele poderia construir a referência de verdade para si mesmo, apoiar-se em seus valores internos e próprios, podendo abandonar a sua necessidade de ser “guiado por alguém”. Ele poderia ser guiado por ele mesmo.

Neste trabalho doido e doído, me vi, tal como na epígrafe que abre este capítulo, muitas vezes, em uma floresta escura. Às vezes, à beira do abismo de tantos afetos e intensidades e de meus terrores. Ameaçada. Do medo de mim, do medo do meu medo. Porém, compreendo ainda mais que, ser analista é renunciar a muitos desejos e fantasias de onipotência, ou de querer salvar alguém. Vejo que a capacidade negativa hoje é uma grande balizadora neste processo, para que eu não seja possuída pelas ideias e desejos e possa ir atrás de outras ideias, tendo em mente as palavras de Guimarães Rosa<sup>34</sup>: “Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério, inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.”

Por fim, vejo que tanto eu quanto Renato fizemos travessias. Nosso encontro se deu em um navegar meio “torto”, como na poesia de Liane dos Santos (2015):

Talvez eu encontre um porto  
(miragem ou ancoradouro?)  
E o nosso barco se avaria  
Mas que importa o barco gasto  
E esse navegar meio torto?  
O ouro está na travessia.

---

<sup>34</sup> Guimarães Rosa em Primeiras estórias 1962 [1978], p. 65.

## Considerações finais

O sentido mais profundo das práticas de receber alguém, ou seja, de cuidar de alguém, é a possibilidade de ‘fazer sentido’, isto é, oferecer a possibilidade de vivenciar uma experiência mais integrada de vida. O cuidado, portanto, se faz necessário diante dos possíveis excessos e falhas traumáticas, da passionalidade primitiva e dos desafios que a vida nos coloca. Desafios que todos nós podemos vivenciar e já vivenciamos, pois a vida é instável, impermanente e longe de ser perfeita (Figueiredo, 2009, p.135). Dessa forma, é importante lembrar que o cuidado também implica a importância de estabelecer relações, dar forma, sequência e inteligibilidade aos fatos e à experiência vivida. “Fazer sentido é tecer novamente o solo humano para a existência, de um lugar humano para existir, um *ethos*” (*ibidem*).

Renato buscava alguém que pudesse ajudá-lo a fazer sentido, que pudesse auxiliá-lo a constituir a sua história diante das invasões, indiferenças, rupturas e violações, que o colocavam no lugar onde se encontrava. Diante das telas, solitário. Ele buscava ser escutado, pedia que eu escutasse a sua dor no registro de seu aparecimento, ou seja, de todas essas violações e fraturas. Sem saber de onde era e para onde poderia ir. Não à toa, queria ser guiado por alguém, havia ali um imenso desejo de ser amparado, de receber uma verdadeira ajuda para encaminhar a sua vida. Sim, ele queria ser guiado, mas tinha medo. Medo de depender de mim, medo de ser abandonado outra vez.

Permanecer ali, mesmo sendo atacada subjetivamente por ele, continuar ali, apesar das minhas tormentas, do medo dos meus sentimentos, da violência dele, talvez do medo de errar, de não ser boa o suficiente, talvez tenha sido o que de melhor eu pude lhe oferecer. Ele precisava destruir o objeto subjetivo Lais, que tinha construído e idealizado para encontrar-me na minha dimensão mais humana. Ele buscava aproximar-se de mim. Da Lais frágil, imperfeita, impotente, ferida. Uma pessoa de quem ele queria ser amigo. Eu precisava oferecer continuidade, para que assim ele pudesse experimentá-la e continuar sendo ele mesmo.

Uma das outras exigências de Renato era ser reconhecido. Ele buscava chamar atenção. Mas também não era qualquer atenção; era a minha também, um olhar que pudesse constituí-lo. Ele me pedia esse olhar. Precisava ser visto por sua inteligência, precisava me contar tudo o que ele sabia, me garantindo que ele sabia muito para não ficar cativo somente no meu saber. Mas eu não consegui dar todo esse olhar e reconhecimento que ele desejava, infelizmente.

Havia, de fato, em mim, um desejo imenso de aprender, de ser uma boa profissional, e talvez, sim, um desejo inconsciente de salvá-lo. Torcia para que ele crescesse, saísse de suas repetições, conquistasse transformações. E que pudesse sonhar a si mesmo, seu futuro, diante de tantas riquezas e recursos que ele tinha e que eu reconhecia.

Ele foi um dos meus primeiros pacientes como analista e de fato, talvez houvesse ali uma predisposição contratransferencial passional. Mas não só. Havia em mim o desejo de fazer algo por aquele sujeito ‘chato, magro e feio’. Eu compreendia a origem social dele e talvez até me identificasse, em partes, com a sua dor.

Mas eu tinha que conter a minha própria turbulência, além da dele. Fui sacudida pelas ondas do mar e, muitas vezes, afundada na minha impotência. E partes dessa impotência estava relacionada à minha dor, à minha ferida que ele tocava. Lembro-me do mito de Quíron, o curador ferido, que carrega uma flecha em sua coxa e lida com uma ferida que nunca cicatriza e nunca deixa de doer. Todo analista e todo mundo que está vivo já sofreu e carrega uma ferida. Umas mais expostas que outras. Mas é através também das experiências com o sofrimento, com a dor e com as nossas feridas que aprendemos a curar, tal como o centauro Quíron, ou, em nosso caso, enquanto psicanalistas, a analisar. Do mesmo lugar que brotava a cura, lá estava a minha ferida, que ele tocou.

O processo de análise com Renato teve claramente suas limitações. Nos desencontramos, muitas vezes, infelizmente. Eu não sabia entregar-me a O, e esse impedimento estava relacionado aos meus medos. O medo de ser invadida. Mas, pude compreender que o importante não era o que ele sabia de fato, a realidade objetiva. O que realmente importava ali era a realidade psíquica.

Mas, diante da enigmática afirmação “você salvou a minha vida”, busco, ao invés de respostas e convicções, a esperança (que ele também carregava em si) de que este nosso encontro pôde permitir e sustentar uma experiência de continuidade ao Renato, na qual ele tenha podido não só saber sobre si, mas tornar-se esse saber. Tenho a esperança de que ele tenha podido sair do horror de ser ‘chato, magro e feio’ e que eu tenha despertado nele o desejo de ser um tanto mais do que ele é.

Há fatos e questões que ficarão sempre nas curvas da indagação e jamais serão respondidas. Talvez elas habitem o mesmo reino das questões metafísicas, tais como aquelas que interrogam sobre o sentido e a transitoriedade da vida, seus destinos e acasos, e que inevitavelmente deságuam nas perguntas existenciais que perpassam a história da humanidade: de onde viemos, quem somos, para onde vamos.

Como continuar vivendo e se relacionando, como lidar com a precariedade da vida e de nós mesmos. E com o mistério da morte. Podemos ingenuamente achar que temos todas aquelas respostas, mas a vida sempre nos surpreenderá, mudando todas as nossas perguntas. Cabe-nos aceitarmos, humilde e sabiamente, tantas dúvidas que jamais serão respondidas. Dessa forma, penso que permanecer com as dúvidas, incertezas e mistérios, ou seja, ser um analista em busca de uma capacidade negativa, é uma busca por ser um analista ético.

Por fim, com as minhas próprias palavras, penso que a capacidade negativa é, de certa forma, aprender a morrer. Morrer para as nossas certezas e convicções, para os nossos desejos e expectativas, para a imagem que buscamos e idealizamos em nós mesmos. Crescer para baixo, lambendo o chão dos castelos suntuosos das nossas vaidades e verdades apolíneas. Esquecer de nós mesmos tal como aquele misterioso arqueiro zen e, ainda assim, permanecer com todos os poros e espírito acordados, presentes, despertos. Como no lema de Bion, ser sacudido pelas águas e não afundar. Mas seguir no barco, com o leme nas mãos e os dizeres em mente: “navegar é preciso, viver não é preciso”<sup>35</sup>.

Permito-me concluir que a capacidade negativa, de certa forma, foi muito do que me faltou e ainda me falta. Me dei conta de que, não à toa, a busquei.

Embora reconheça essas limitações, quero seguir buscando-a, tal como o jovem Franz buscava ser poeta ou, quem sabe um dia, tangenciá-la, como um rabisco de Miró. Há uma falha em tudo. Mas como diz o músico, é assim que a luz entra. De toda forma, será um horizonte que sempre irá me nortear na minha prática clínica para que eu siga aprendendo, sentindo profundamente e pensando com clareza.

Por fim, espero que o leitor possa ter ficado com o delicado laço em que uma ponta foi a busca do conhecimento e, a outra ponta, a busca do Caminho da Vida. Encerro aqui com os versos de Lao Tzu, grande sábio oriental, no capítulo XLVIII.

Na busca do conhecimento, a cada dia se cresce mais,  
Na busca do Caminho da Vida,  
A cada dia se decresce mais  
E decresce, decresce  
Até chegar-se à não ação.  
Na não-ação nada deixa de agir.

---

<sup>35</sup>Frase atribuída ao poeta português Fernando Pessoa (PESSOA, 2006a, p. 146)

### Referências Bibliográficas

AB'SABER, T. A. Breuer e Freud – psicanálise, ciência e filosofia *In: Filosofemas II*, org. Jamil Ibrahim Skandar e Rita Paiva, São Paulo: Editora Unifesp, 2016.

ANÔNIMO DO SÉCULO XIV. *A Nuvem do Não-Saber*, Trad. D. Lino Correia Marques de Miranda Moreira. Petrópolis: Ed. vozes, 2008.

ANDRADE, C. D. (1945) *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1967.

BARROS, E. M. D. R. Implicações epistemológicas em contraponto a uma interpretação simplista do enunciado de Bion: sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia. *In: RIBEIRO, M. F. R.; CINTRA, E. M. D. U. (Org.). Vastas emoções e pensamentos imperfeitos: Diálogos bionianos*. São Paulo: Blucher, 2023, p. 25-39.

BASSANI, M. A. Psicologia ambiental e psicologia clínica: pesquisa e desafios teórico-metodológicos. *In: KUBLIKOWSKI, Ida; KAHHALE, Edna M. S. P.; TOSTA, Rosa M. Pesquisas em psicologia clínica: contexto e desafios*. São Paulo, EDUC, 2019, p. 197-212.

BASSANI, M. A. (Org.) *Diálogos entre Psicologia, Espiritualidade e Meio Ambiente: O sagrado em perspectiva*. São Paulo: EDUC/PIPEq, 2020.

BATE, W. J. *John Keats*. Revised edition. Cambridge: Ed. Belknap Press, 1979.

BELZEN, Jacob A.; GEELS, Antoon. *Mysticism. A Variety of Psychological Perspectives*, Rodopi, 2003.

BION, W. R. (1962) Psychiatry at a time of crisis. *In: BION, W. R. The Complete Works of W. R. Bion*. London: Karnac Books, 2014, v.4, p.45-59

BION, W. R. (1962a). Learning From Experience. *In: BION, W. R. The Complete Works of W. R. Bion*. London: Karnac Books, 2014, v. 4, p. 259-365.

BION, W. R. (1962b). “Uma teoria sobre o pensar”. *In: BION, W. R. Estudos psicanalíticos revisados – Second thoughts*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

BION, W. R. (1963). *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

BION, W. R. (1965a). Transformations. London: Karnac Books, *In: BION, W. R. The complete Works of W. R. Bion*. London: Karnac Books, 2014. v. 5, p.115-280

BION, W. R. (1965b). Memory and desire. *In: BION, W. R. The Complete Works of W. R. Bion*. London: Karnac Books, 2014, v.6, p. 7-18.

BION, W. R. (1967). Notes on memory and desire. *In: BION, W. R. The Complete Works of W. R. Bion*. London: Karnac Books, 2014, v.6, p. 203-210.

BION, W. R. (1970). Attention and interpretation: A scientific approach to insight in psychoanalysis and groups. *In: BION, W. R. The Complete Works of W. R. Bion*. London: Karnac Books, 2014, v. 6, p. 211-330.

BION, W. R. (1973). Brazilian Lectures. *In: BION, W. R. The Complete Works of W. R. Bion.* London: Karnac Books, 2014, v. 7, p. 7-70.

BION, W. R. (1975). A memoir of the future (Book One: The Dream). *In: BION, W. R. The Complete Works of W. R. Bion.* London: Karnac Books, 2014, v. 12, p. 11-201.

BION, W. R. (1977a). Clinical Seminars in New York. *In: BION, W. R. The Complete Works of W. R. Bion.* London: Karnac Books, 2014, v. 8, p. 235-311.

BION, W. R. (1977b). Capacidade Negativa. *In: BION, W. R. Capacidade negativa. O caminho em busca da luz.* Traduzido por Aile Sturmer. São Paulo: Zagodoni, 2019.

BION, W. R. (1977c). Clinical Seminars in New York. *In: The Complete Works of W. R. Bion.* London: Karnac Books, 2014, v. 8, p. 235-311.

BION, W. R. (1979). *Making The Best of a Bad Job.* *In: BION, W. R. The Complete Works of W. R. Bion.* London: Karnac Books, 2014, v.10, p. 136-145.

BION, W. R. (1958-1979) *Cogitations.* *In: BION, W. R. The Complete Works of W.R. Bion.* London: Karnac Books, 2014, v.11, p. 8-364.

BION, F. (1995). The days of our years. *In BION, W. R. The Complete Works of W. R. Bion.* London: Karnac Books, 2014, v. 15, p. 91-111.

BION, W. R. *All My Sins Remembered.* F. Bion (Ed.). Abingdon: Fleetwood Press, 1985.

BOLLAS, Christopher. *The Mystery of Things.* London: Routledge, 1999.

BORGES, J. L. *Siete noches.* México, D.F.: Editorial Meló, 1980.

CHUSTER, A.; SOARES, G.; TRACHTENBERG, R. *W. R. Bion: A obra complexa.* Porto Alegre: Sulina, 2014.

CHUSTER, A.; STÜRMER, A. *Capacidade Negativa. Um caminho em busca da luz.* São Paulo: Zagodoni, 2019.

CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa. Transmissão da vida psíquica: criar espaço psíquico e sentir gratidão. *Ide*, 42(69), 2020, p. 241-253. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062020000100020&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062020000100020&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 27 maio 2023.

CIVITARESE, G. On Bion's Concepts of Negative Capability and Faith. *The Psychoanalytic Quarterly* (2019) 88, p.751-783.

CRUZ, S.J.D. (1935). *Obras completas de São João da Cruz.* Petrópolis: Vozes, 1988.

ELLIOT, T. S. "East Coker". *In: ELLIOT, T. S. Four quartets.* Harcourt, Brace & Company, 1943.

FERENCZI, S. (1992). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. *In:* S. Ferenczi. *Obras completas* (Vol. 2, p. 39-54, A. Cabral, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. Original publicado em 1913.

Figueiredo, L. C. M. (2009). *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.

FIGUEIREDO, L. C. "A Clínica psicanalítica e seus vértices: continência, confronto e ausência". *In:* FIGUEIREDO, L. C. *Cuidado, Saúde e Cultura: trabalhos psíquicos e criatividade na situação analisante*. São Paulo: Escuta, 2014, p. 125-149.

FIGUEIREDO, L. C. A metapsicologia do cuidado. *Psychê*, 2007, 11(21), p. 13-30. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382007000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000200002&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 27 maio 2023.

FIGUEIREDO, L. C. *A mente do analista*. São Paulo: Escuta, 2021.

FIGUEIREDO, L. C; COELHO JUNIOR, N. E. *Ética e técnica em psicanálise*. 2 ed. ampliada. São Paulo: Escuta, 2008.

FREUD, S. (1886). Relatório sobre alguns estudos em Paris e Berlim. *In:* FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1969a.

FREUD, S. (1893). Charcot. *In:* FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1969b, p. 22-29.

FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*, v. 1 e 2. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.

FREUD, S. (1905). Sobre a psicoterapia. *In:* FREUD, S. *Três ensaios sobre a sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, v. 9, p. 332-347.

FREUD, S. (1909). Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("O homem dos ratos"). *In:* FREUD, S. *Obras completas*, v. 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 13-112.

FREUD, S. (1910). Psicanálise 'silvestre'. *In:* FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1912). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. *In:* Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber") artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras, 2010, v. 10, p. 147-162.

FREUD, S. (1913a). Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I. *In:* FREUD, S. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso*

Schreber”) artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913), v. 10. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a, p. 184-192.

FREUD, S. (1913b). “On initiating treatment.” In: PHILLIPS, Adam (Ed.). *Wild analysis*. Londres: Penguin Books, 2002.

FREUD, S.(1914). Recordar, repetir e elaborar In:FREUD, S. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em uma autobiografia (“o caso Schereber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Tradução Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 193-209.

FREUD, S. (1916). Carta de 25/5/1916. In: FREUD, S. *Freud-Lou Andréas-Salomé: correspondência completa*. Tradução: Dora Flacksman. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FREUD, S. (1918). Caminhos da terapia psicanalítica In: FREUD, S. *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*, v. 14. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras, 2010b, p. 280-292.

FREUD, S. (1919[1918]). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1980a, p. 201-216.

FREUD, S. (1933[1932]). A questão de uma Weltanschauung. In: FREUD, S. *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*, v. 22. (J. Strachey, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*, v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1980b, p. 247-290.

FREUD, S. (1940 [1938]). “Esboço de psicanálise”. In: FREUD, S. *Obras completas*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GERBER, I.; FIGUEIREDO, L. C. *Por que Bion?* São Paulo: Zagodoni, 2019.

GOELLNICHT, C.D. *Negative Capability and Wise Passiveness*. Degree Master of Arts. McMaster University, 1976.

GROTSTEIN, J. S. *A Beam of intense Darkness Wilfred Bion’s: Legacy to Psychoanalysis*. New York: Ed. Routledge, 2024.

HADOT, P. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Tradução: Flávio Fontenelle Loque e Loraine de Fátima Oliveira. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

HOPKINS, L. *False Self, The life of Masud Khan*. Karnac Books, New York, 2008 (First published in 2006).

HERRIGEL, E. (1953) *A arte cavalheiresca do arqueiro Zen*. Tradução: J. C. Ismael. São Paulo: Pensamento, 1995.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

KEATS, J. *Selected Poetry and Letters* (revised ed.). California: Rinehart Press, 1969.

KEATS, J. *Poems*. M. Allott (Ed.). London: Longman, 1970.

KEATS, J. (2008) *Selected Letters*. [On-line]. Disponível em: <http://englishhistory.net/keats/letters.html>. Acesso em: 7 abr. 2023.

KHAN, M. M. R. *The Privacy of The Self. Papers on Psychoanalytic Theory and Technique*. London: The Hogarth Press, 1974.

KHAN, M. M. R. (1977) *On Lying Follow*. In: KHAN, M. M. R. *Hidden selves: between theory and practice in psychoanalysis*. Londres: Karnak Books, 1989.

KHAN, M. M. R. (1988) *When spring comes. Awakenings in clinical psychoanalysis*. London: Chatto & Windus Ltd, digitized by the internet archive in 2022.

KLEIN, M. (1946). "Notas sobre alguns mecanismos esquizoides". In: KLEIN, M. *et al. Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1982.

KUPERMANN, Daniel. **A via sensível da elaboração. Caminhos da clínica psicanalítica**. Cadernos de Psicanálise, v. 32, n. 23, p. 31-45, 2010 Tradução . . Acesso em: 28 jul. 2024.

LI, Ou. *Keats and Negative Capability*. London. Ed. Bloomsbury Academic, 2009.

MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhem Fliess [1887-1904]*. Rio de Janeiro, Imago, 1986.

MAWSON, C. "Editor's introduction" in "Memory and Desire". In: *The Complete Works of W.R.Bion*. London: Karnac Books, 2014, v.6, p.3-6

MELTZER, D. *O desenvolvimento kleiniano III: o significado clínico da obra de Bion*. São Paulo: Escuta, 1998.

MILTON, John. *The Poetical works of John Milton: Paradise Lost and Paradise Regained*. [s.l]: [s.n.], 1850.

MORIN, E. (1921). *Ciência com consciência*. trad. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PÉTREMENT, Simone. *Simone Weil: A Life*. Pantheon Books, brochura, 1976.

PLATÃO. *Timeu-Crítias*. LOPES, R. N. (trad.). Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011.

RIBEIRO, M. F. Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico. A narrativa do analista e a do escritor. *Cad. Psicanal.*, v. 41, n. 40. Rio de Janeiro, 2019.

RIBEIRO, M. F. R; FLORES, D. B.; RAMOS, J. F. S. A pesca do fragmento intersubjetivo na pesquisa psicanalítica. *In: Pesquisas acadêmicas em Psicanálise: reflexões teóricas e ilustrações práticas*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022.

RILKE, R. M. (1903). *Cartas a um jovem poeta*. Tradução: Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ROSA, J. G. (1962). *Primeiras estórias*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

SANDLER, P.C. Bion e poesia. *J. psicanal.*, São Paulo, v. 43, n. 78, p. 151-172, jun. 2010.

SANDLER, P.C. A Linguagem de Bion: um dicionário enciclopédico e conceitos. Editora Blucher, São Paulo, 2021.

SHAKESPEARE, W. (1601) Hamlet. *In: Hamlet e Macbeth*. Tradução: Anna Amélia Carneiro de Mendonça. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

SILESIUS, Angelus. (1675) *O peregrino querubínico*. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo, Paulus, 1996.

SANTOS, L. (2015). A florista volta ao Éden. RJ: Ibis Libris.

VERMOTE, R. *Reading Bion*. Routledge, London, 2019.

WILLIAMS, M. H. *O desenvolvimento estético. O espírito poético da psicanálise: ensaios sobre Bion, Meltzer e Keats*. São Paulo: Blucher, 2018.

WINNICOTT, D. W. (1962). Os objetivos do tratamento analítico. *In: WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artmed, 1983a, p. 152-155.

WINNICOTT, D. W. (1963). Comunicação e a falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. *In: D. W. WINNICOTT: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artmed, 1983b, p.163-174.

WINNICOTT, D. W. (1970). Assistência residencial como terapia. *In: WINNICOTT, D. W. Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 249-259.

WINNICOTT, D. W. (1971) A criatividade e suas origens. *In: WINNICOTT, D.W. O brincar e a realidade*. Trad. Breno Longhi. São Paulo: Ubu, 2019, p. 108-139.

WORDSWORTH, W. *Wordsworth's Poetry and Prose: A Norton Critical Edition*. Norton Critical Editions. Nova York: W.W. Norton & Company, 2013.

ZIMMERMANN, David E. *Bion: da teoria à prática: uma leitura didática*. 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008.